

Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas

SAÚDE ALAGOAS

Análise da Situação de Saúde

2017

7ª REGIÃO

Maceió - AL
2017

Governo de Alagoas
Secretaria de Estado da Saúde
Superintendência de Vigilância em Saúde
Gerência de Informação e Análise da Situação de Saúde

Saúde Alagoas:
Análise da Situação de Saúde 2017

Maceió – AL
2017

GOVERNADOR DO ESTADO
José Renan Vasconcelos Calheiros Filho

VICE-GOVERNADOR
José Luciano Barbosa da Silva

SECRETÁRIO DE ESTADO DA SAÚDE
Carlos Christian Reis Teixeira

SECRETÁRIO EXECUTIVO DE AÇÕES DE SAÚDE
Paulo Luiz Teixeira Cavalcante

SECRETÁRIO EXECUTIVO DE GESTÃO INTERNA
Delano Sobral Rolim

SUPERINTENDÊNCIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE
Mardjane Alves de Lemos Nunes

GERÊNCIA DE INFORMAÇÃO E ANÁLISE DA SITUAÇÃO DE SAÚDE
Herbert Charles Silva Barros

ASSESSORIA TÉCNICA DE ANÁLISE DA SITUAÇÃO DE SAÚDE
Anna Cláudia de Araújo Peixoto Damasceno

ASSESSORIA TÉCNICA DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO
Diego Pereira da Silva

2017 – Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas

Todos os direitos reservados.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou para qualquer fim comercial.

A responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens desta obra é de seus autores e suas respectivas Áreas Técnicas.

Este editorial pode ser acessado na íntegra no site da Secretaria de Estado da Saúde:
<http://www.saude.al.gov.br>

Elaboração, edição e distribuição:

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE ALAGOAS - SESAU
Superintendência de Vigilância em Saúde - SUVISA
Gerência de Informação e Análise da Situação de Saúde - GIANS
Coordenação Técnica, Produção e Organização: GIANS
Avenida da Paz, nº 1068. Salas: 201, 202 e 203 – Jaraguá
CEP: 57022-050 – Maceió/ Alagoas

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação:

Bruno Souza Lopes – GIANS

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
PERFIL DEMOGRÁFICO, DETERMINANTES E CONDICIONANTES DE SAÚDE	8
NATALIDADE.....	26
MORBIDADE	41
MORBIDADE HOSPITALAR.....	88
MORTALIDADE	115

ELABORADORES

Saúde Alagoas: Análise da Situação de Saúde 2017

Capítulo 1 – Perfil demográfico, determinantes e condicionantes de saúde

Rívia Rose da Silva Machado

Capítulo 2 – Natalidade

Merielle de Souza Almeida

Capítulo 3 – Morbidade

Bruno Souza Lopes

Capítulo 4 – Morbidade Hospitalar

Herbert Charles Silva Barros

Capítulo 5 – Mortalidade

Anderson Brandão Leite

APRESENTAÇÃO

A Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas apresenta o livro **Saúde Alagoas: Análise da Situação de Saúde 2017**, publicação preparada e organizada com muito carinho pela Superintendência de Vigilância em Saúde, através da Gerência de Informação e Análise da Situação de Saúde, abordando indicadores relevantes, que irão servir de subsídio para o planejamento baseado em evidências.

A vigilância em saúde tem por objetivo a observação e análise permanentes da situação de saúde da população, conjunto de ações destinadas a controlar determinantes, riscos e danos à saúde de populações que vivem em determinados territórios, garantindo a integralidade da atenção.

A situação atual não nos permite mais propor ações e metas sem demonstrarmos as reais necessidades, pois, se permanecermos nessa prática arcaica, estaremos replicando formas errôneas que deixarão o planejamento fadado ao fracasso e a população cada vez mais vulnerável.

Com isso, espera-se que técnicos e gestores utilizem este instrumento como um dos balizadores de suas programações plurianuais e anuais, refletindo com maior fidedignidade a realidade local e regional.

Que estes livros não se tornem a única fonte de análise de indicadores, mas um indutor para a busca, aprimoramento e utilização de todas as fontes de dados disponibilizadas pelas diversas esferas de gestão.

Mardjane Alves de Lemos Nunes
Superintendente de Vigilância em Saúde



**PERFIL DEMOGRÁFICO, DETERMINANTES E
CONDICIONANTES DE SAÚDE**

ASPECTOS DEMOGRAFICOS

População Residente

A 7ª Região de Saúde é composta por oito municípios. Os mais populosos, conforme tabela 1 abaixo, são: Arapiraca (43,7%), seguido por Girau do Ponciano (7,7%). O Município mais populoso da 7ª RS e também o segundo mais populoso do Estado de Alagoas, Arapiraca, teve o seu desenvolvimento principalmente nos anos de 1970, com a cultura da produção de fumo, uma das principais atividades econômicas da época na região, e que elevou a cidade à categoria de Município. Mas, atualmente, a cidade conta com várias empresas de grande porte e inúmeras empresas de pequeno porte que dão grande impulso na economia local (IBGE, 2015).

Tabela 01 – Percentual da população de 7ª Região de Saúde – AL, 2016.

LOCALIDADE	POPULAÇÃO	%
7ª RS	532.338	---
Arapiraca	232.671	43,7
Batalha	18.631	3,5
Belo Monte	6.786	1,3
Campo Grande	9.678	1,8
Coité do Nóia	10.939	2,1
Craíbas	24.403	4,6
Feira Grande	22.458	4,2
Girau do Ponciano	40.912	7,7
Jacaré dos Homens	5.391	1,0
Jaramataia	5.685	1,1
Lagoa da Canoa	18.256	3,4
Limoeiro de Anadia	28.793	5,4
Major Isidoro	20.126	3,8
Olho d'Água Grande	5.187	1,0
São Sebastião	34.387	6,5
Taquarana	20.097	3,8
Traipu	27.938	5,2

Fonte: Datasus/IBGE/2016

*Dados obtidos com base da projeção da população do IBGE/ 2016.

População residente segundo sexo

Observando a população residente segundo sexo, a 7ª RS apresenta um maior percentual da sua população com sexo feminino (50,9%). Dentre os municípios, Arapiraca possui o maior percentual da população feminina e a razão entre os sexos apresentada foi de 91,8 homens para cada 100 mulheres. O maior percentual de homens está em Olho d'Água Grande (51,6%), quando comparado as mulheres, e uma razão de sexos de 106,6 (tabela 2).

Tabela 02 – População residente em Alagoas por Municípios da 7ª Região de Saúde, segundo sexo, 2016

LOCALIDADE	SEXO		%	RAZÃO DE SEXOS
	Masculino	Feminino		
7ª RS	240.878	249.365	50,9	96,6
Arapiraca	98.029	106.765	52,1	91,8
Batalha	8.009	8.291	50,9	96,6
Belo Monte	3.397	3.209	48,6	105,9
Campo Grande	4.156	4.210	50,3	98,7
Coité do Nóia	7.154	6.700	48,4	106,8
Craíbas	11.667	11.650	50,0	100,1
Feira Grande	11.573	11.581	50,0	99,9
Girau do Ponciano	15.658	15.416	49,6	101,6
Jacaré dos Homens	3.268	3.280	50,1	99,6
Jaramataia	3.535	3.458	49,4	102,2
Lagoa da Canoa	11.560	11.909	50,7	97,1
Limoeiro de Anadia	13.991	14.374	50,7	97,3
Major Isidoro	8.851	9.111	50,7	97,1
Olho d'Água Grande	2.690	2.523	48,4	106,6
São Sebastião	16.558	16.333	49,7	101,4
Taquarana	8.501	8.745	50,7	97,2
Traipu	12.281	11.810	49,0	104,0

Fonte: Datasus/IBGE/2016

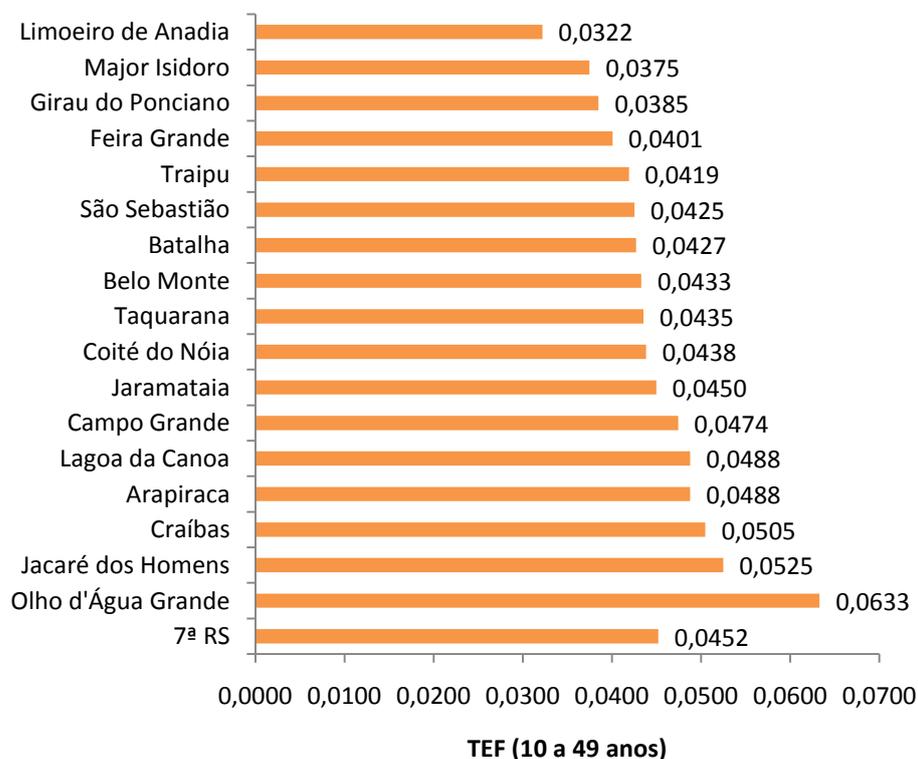
*Dados obtidos com base da projeção da população do IBGE/ 2016 e RIPSA/2015.

Taxa específica de fecundidade

Foram considerados para o cálculo, as mulheres em idade fértil (de 10 a 49 anos) e os nascidos vivos desse mesmo grupo etário. Essa taxa mede a intensidade de fecundidade a que as mulheres estão sujeitas em cada grupo etário do período reprodutivo. A maior taxa específica de fecundidade da 7ª RS no ano de 2016 foi no

município de Olho d'Água Grande (0,0633), e a menor taxa apresentada foi em Limoeiro de Anadia (0,0322) (figura 02).

Figura 02 – Taxa específica de fecundidade, segundo Municípios da 7ª Região de Saúde de Alagoas e faixa etária. 2016.

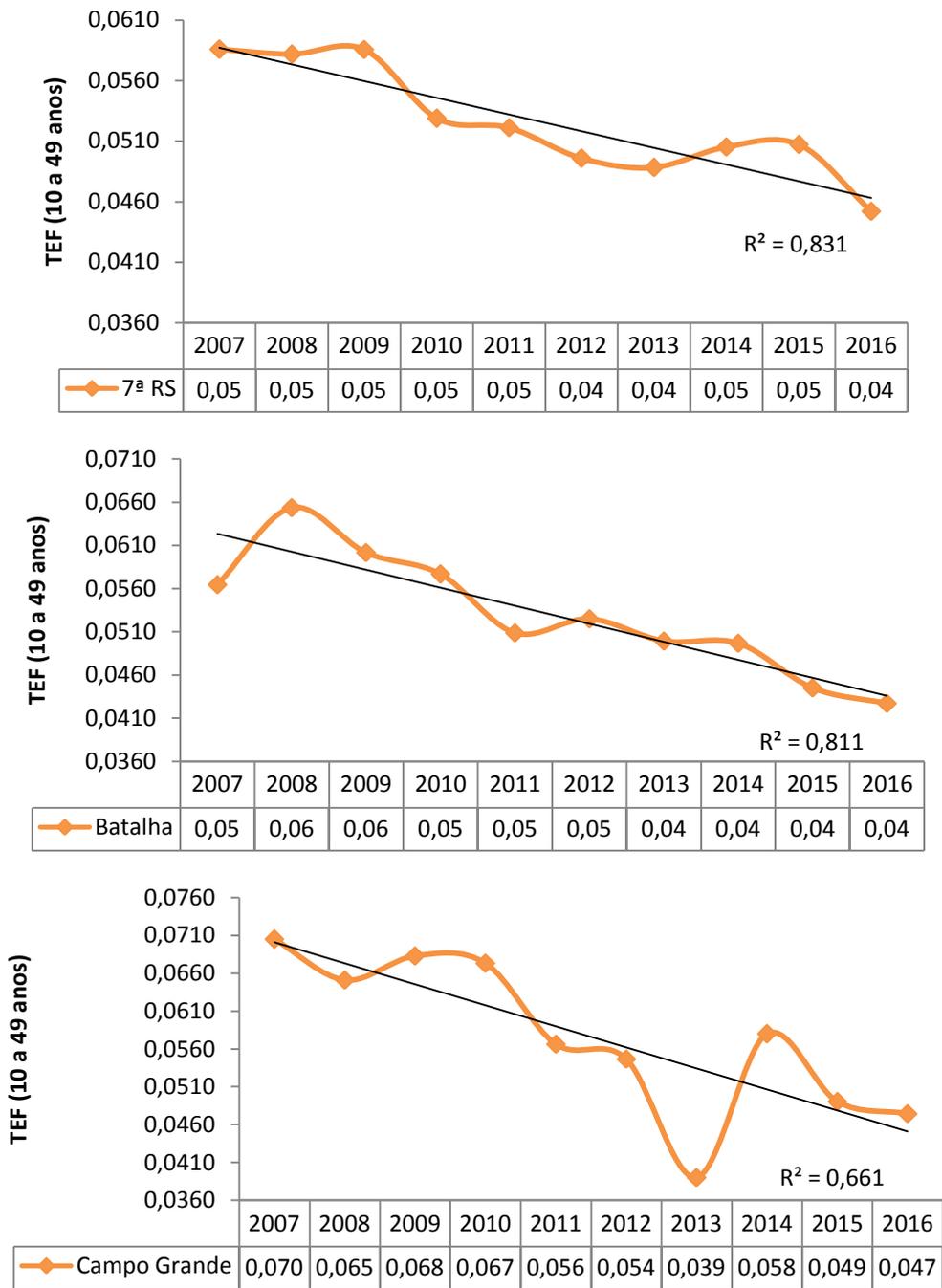


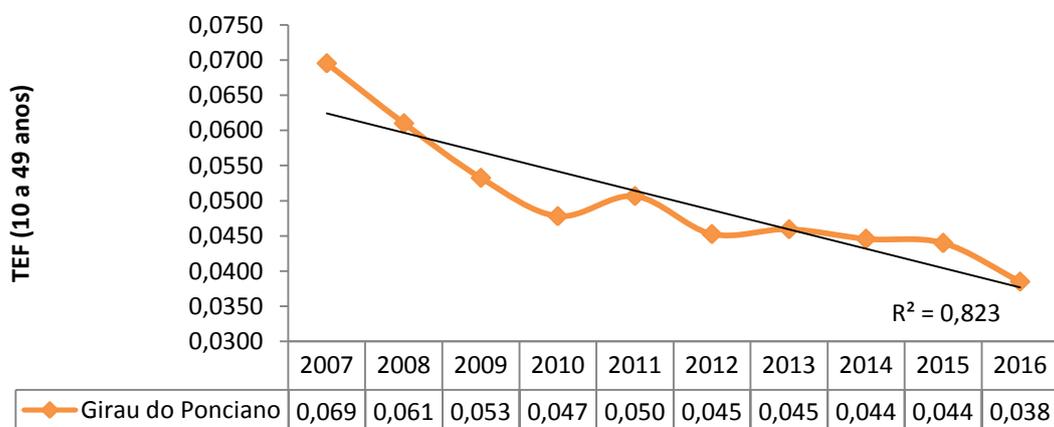
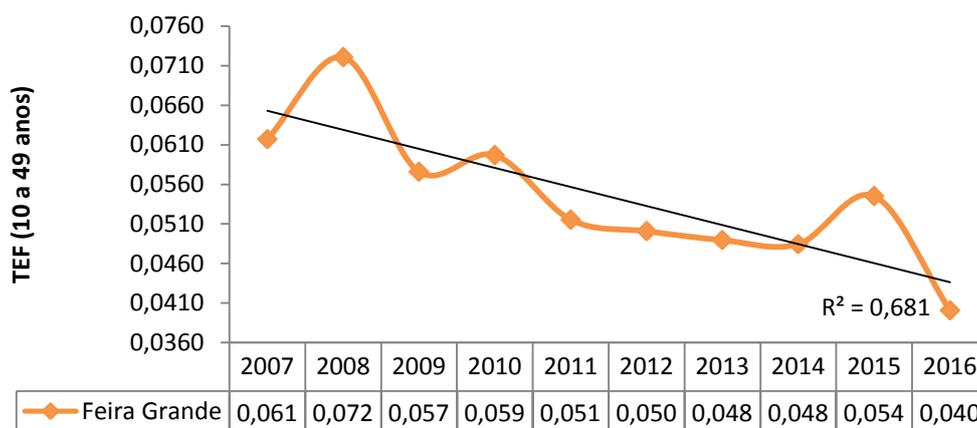
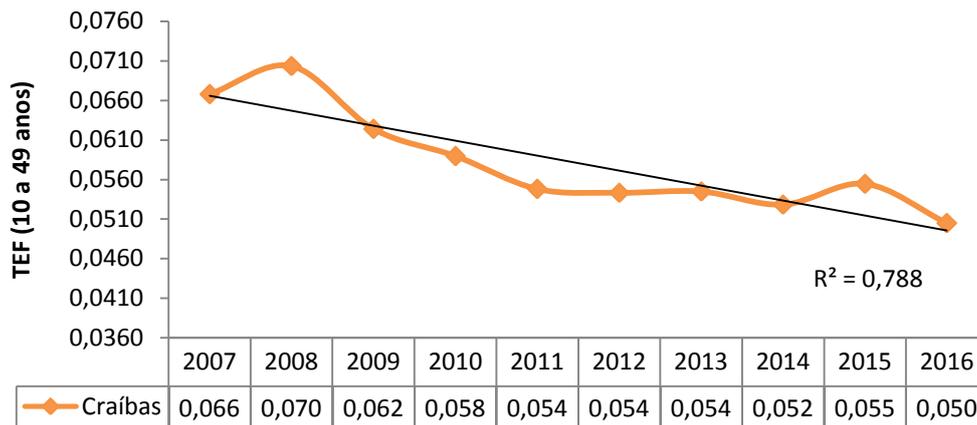
Fonte: Datasus/RIPSA/2016/SINASC, tabulado em 10.07.17.

*Dados obtidos através de projeção.

Ao observar a taxa em uma análise temporal, no período de 2007 a 2016, é possível visualizar que a 7ª RS apresenta uma forte tendência de redução ao longo dos anos ($R^2 = 0,831$). Quase todos os Municípios, quando avaliados, apresentam redução nas taxas específicas de fecundidade, e tais Municípios foram representados por gráficos na figura 3 abaixo. Porém, chamam a atenção pela maior redução das taxas ao longo do período avaliado, Girau do Ponciano ($R^2 = 0,823$) e Batalha ($R^2 = 0,811$) (figura 03).

Figura 03 – Taxa específica de fecundidade, segundo Municípios da 7ª Região de Saúde de Alagoas e faixa etária. 2007 a 2016.





Fonte: Datasus/RIPSA/2007 a 2016/SINASC, tabulado em 10.07.17.

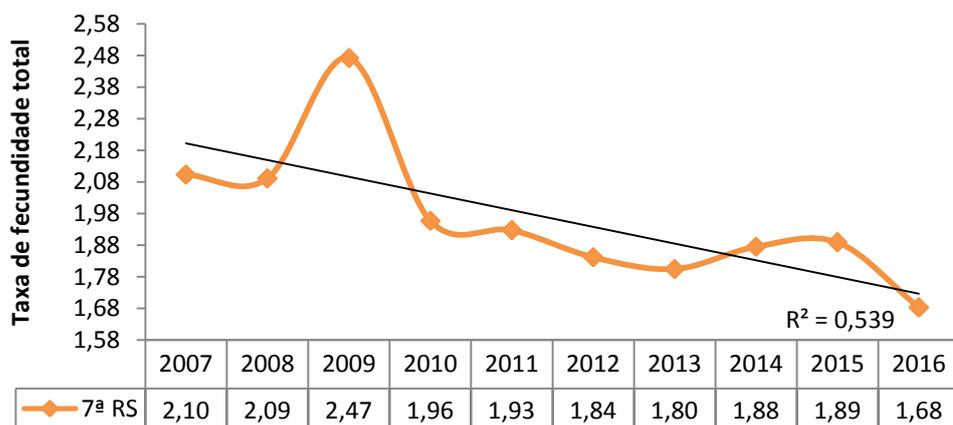
*Dados obtidos através de projeção.

Taxa de fecundidade total

Essa taxa expressa o número médio de filhos nascidos vivos, tidos por uma mulher ao final do seu período reprodutivo, na população residente em determinado espaço geográfico, no ano. Ela foi calculada usando-se o grupo etário de mães com faixa etária de 10 a 49 anos. Quando essa taxa é inferior a 2,1 é sugestiva de fecundidade insuficiente para assegurar a reposição populacional.

Ao avaliar a 7ª RS, durante o período de 2007 a 2016, observou-se uma moderada tendência de redução da taxa de fecundidade total ao longo do tempo (figura 04).

Figura 04 - Taxa de fecundidade total da 7ª Região de Saúde de Alagoas, 2007 a 2016.

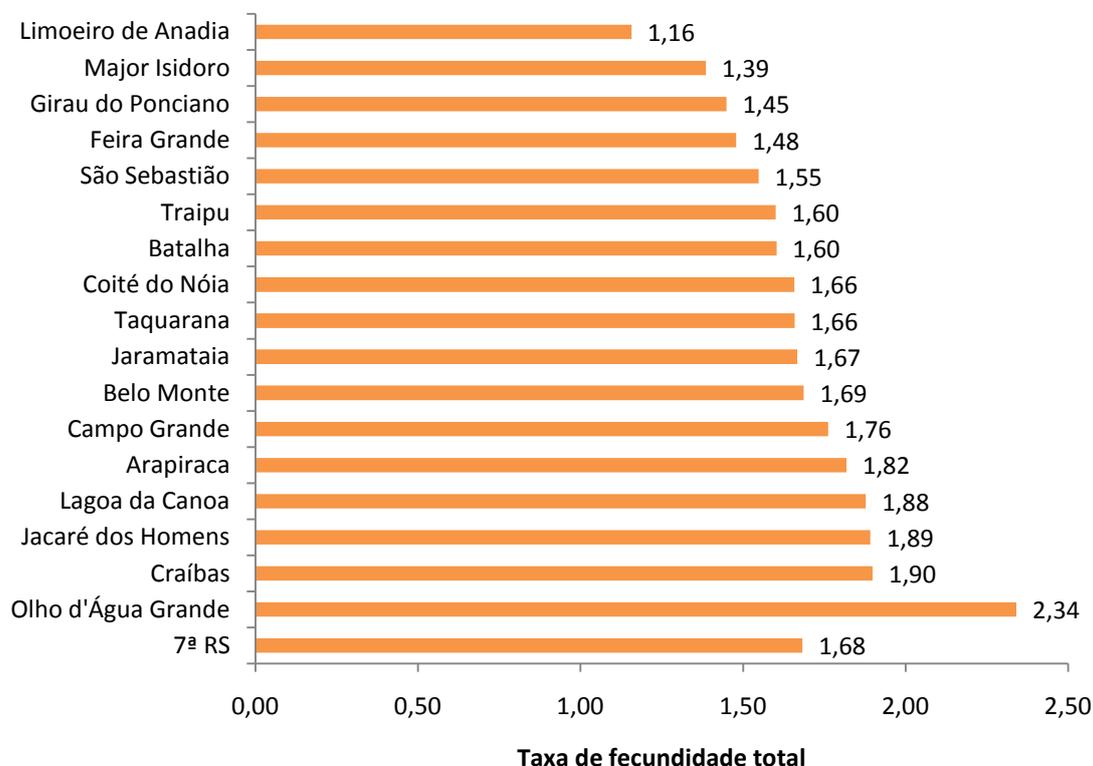


Fonte: Datasus/RIPSA/2007 a 2016/SINASC, tabulado em 10.07.17.

*Dados obtidos através de projeção.

Em 2016, a maior fecundidade observada foi no Município de Olho d'Água Grande (2,34 filhos/mulher), sendo também o único Município da região com a taxa superior a 2,1, que possivelmente pode assegurar a reposição populacional. Já o Município de Limoeiro de Anadia apresenta a menor taxa (1,16 filhos/mulher) (figura 05).

Figura 05 – Taxa de fecundidade total segundo Municípios da 7ª Região de Saúde de Alagoas, 2016.



Fonte: Datasus/RIPSA/2016/SINASC, tabulado em 10.07.17.

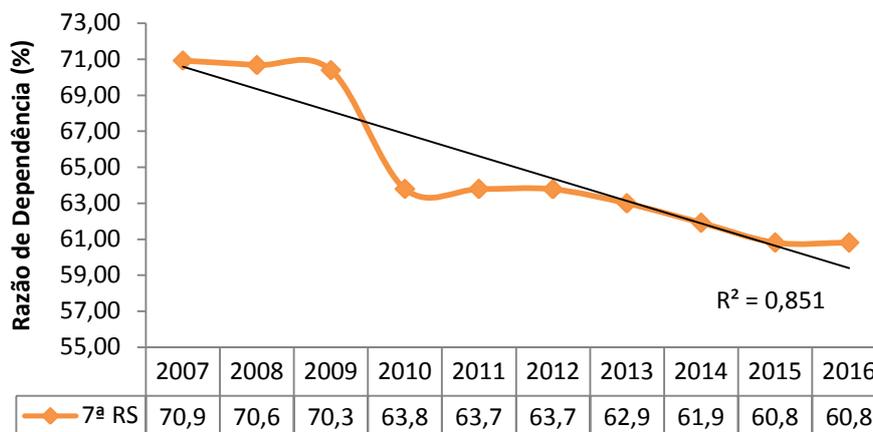
*Dados obtidos através de projeção.

Razão de dependência

Valores elevados da razão de dependência indicam que a população em idade produtiva (entre 15 e 59 anos de idade) deve sustentar uma grande proporção de dependentes (os menores de 15 anos de idade e os de 60 e mais anos de idade), o que significa consideráveis encargos assistenciais para a sociedade.

Na figura 06 é possível visualizar que a razão de dependência vem caindo fortemente ao longo dos anos na 7ª Região de Saúde ($R^2=0,851$).

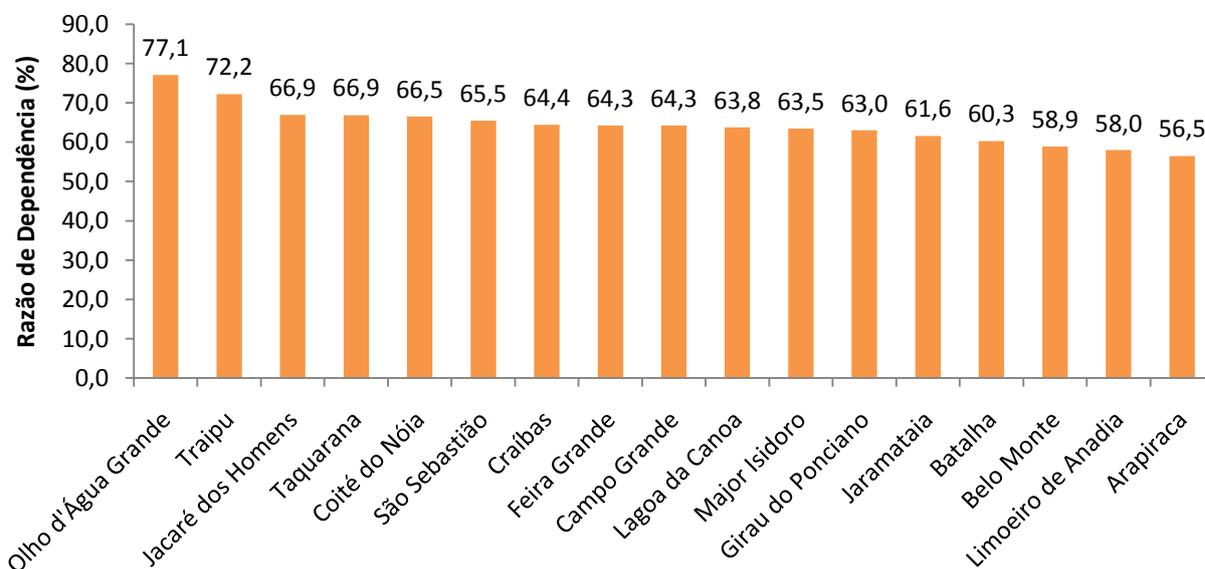
Figura 06 – Razão de Dependência da população da 7ª Região de Saúde. Alagoas. 2007 a 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/2007 a 2016.

Ao observar a razão de dependência dos municípios no ano de 2016, Olho d'Água Grande apresenta a maior razão (77,1%). Já o município de Arapiraca possui a menor razão de dependência (56,5%) (figura 07).

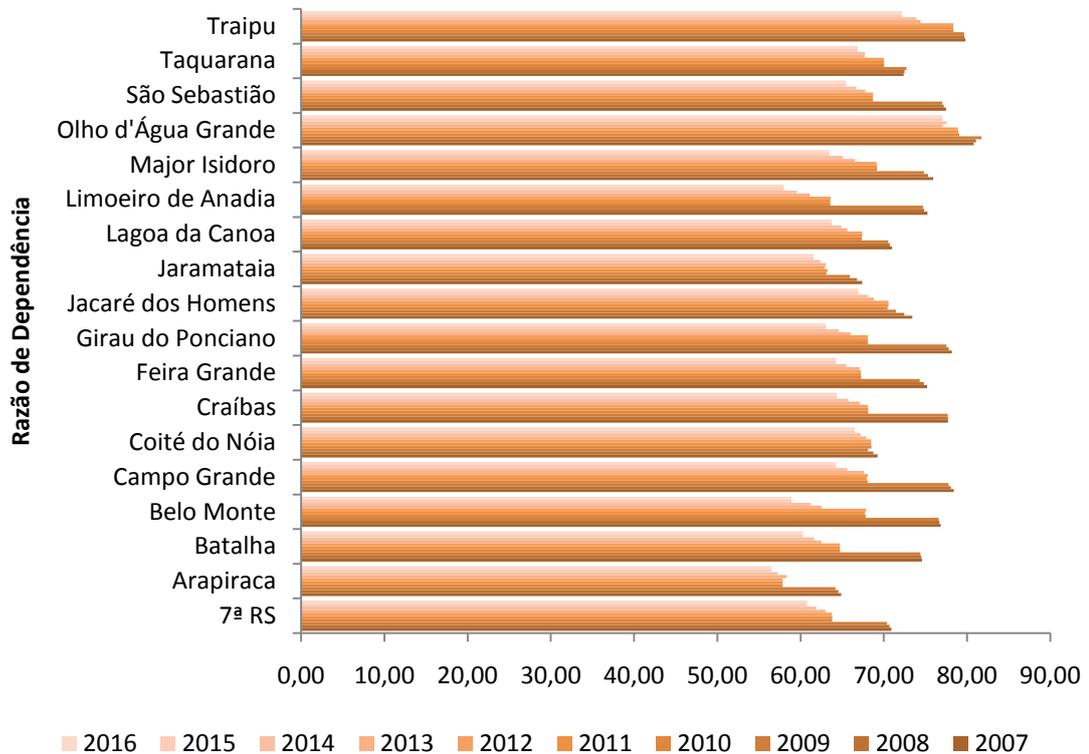
Figura 07 – Razão de Dependência dos Municípios da 7ª Região de Saúde, Alagoas. 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2016.

Quando os municípios são visualizados segundo os anos de 2007 a 2016, é possível verificar uma redução na dependência ao longo dos anos, apresentando uma maior dependência entre os anos de 2007 a 2009 (figura 08).

Figura 08 – Razão de Dependência dos Municípios da 7ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.

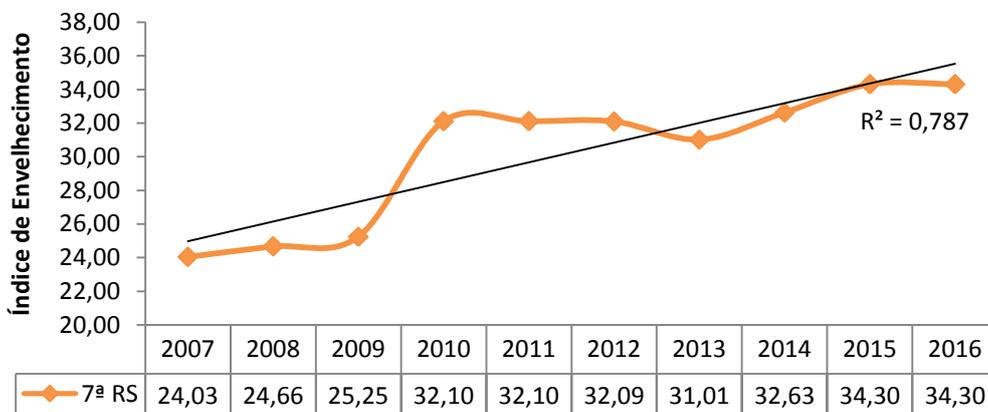


Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

Índice de envelhecimento

Na figura 09 é possível visualizar que o índice de envelhecimento vem aumentando ao longo dos anos na 7ª Região de Saúde ($R^2=0,787$). Valores elevados desse índice indicam que a transição demográfica encontra-se em estágio avançado.

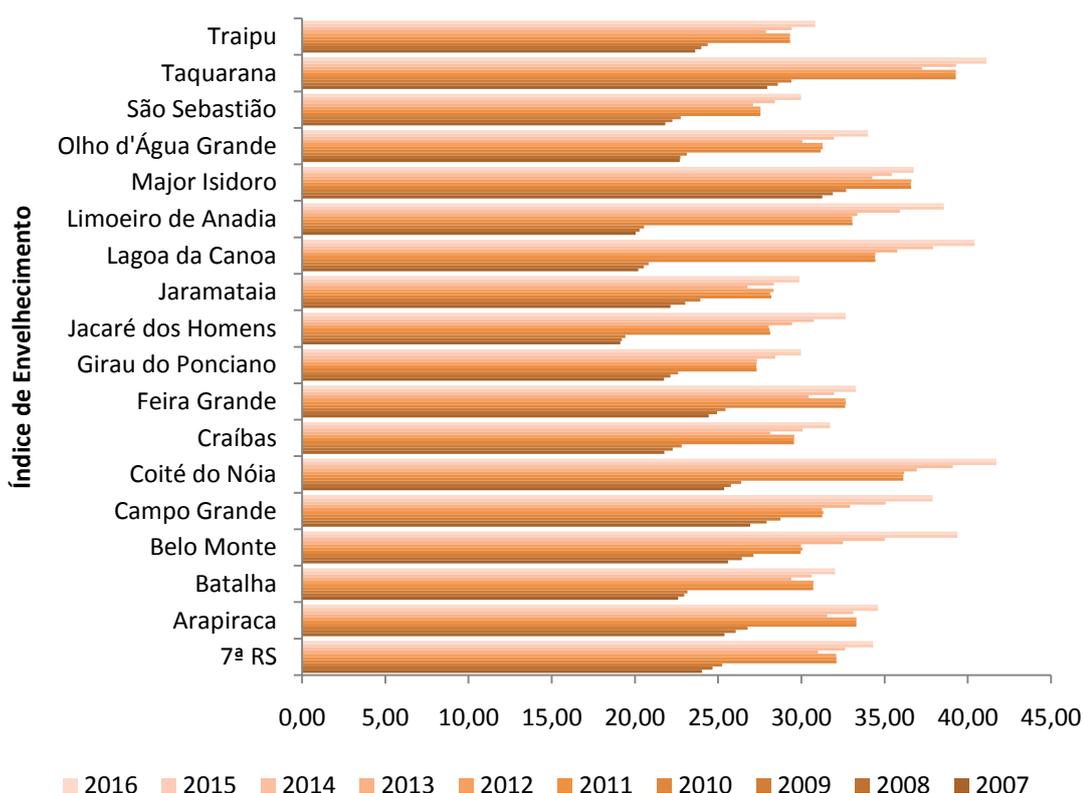
Figura 09 – Índice de envelhecimento da 7ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

Ao Observar os municípios segundo os anos de 2007 a 2016, é possível verificar um aumento no índice de envelhecimento ao longo dos anos. Verificando que há um maior índice entre os anos de 2014 a 2016 nos municípios da 7ª Região de Saúde (figura 10). Coité do Nória apresenta em 2016 o maior índice de envelhecimento (41,70%) e o menor observado foi em Jaramataia (29,88%).

Figura 10 – Índice de envelhecimento dos Municípios da 7ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.

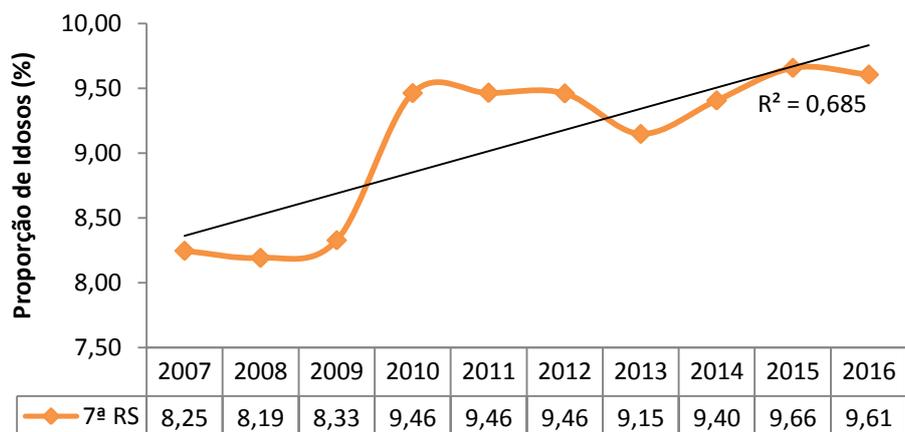


Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

Proporção de idosos

Esse indicador reflete o ritmo de envelhecimento da população. O crescimento da população de idosos está associado à redução das taxas de fecundidade e de natalidade e ao aumento da esperança de vida. Na 7ª RS, observa-se uma moderada tendência de aumento dessa proporção ao longo dos anos de 2007 a 2016 ($R^2=0,685$) (figura 11).

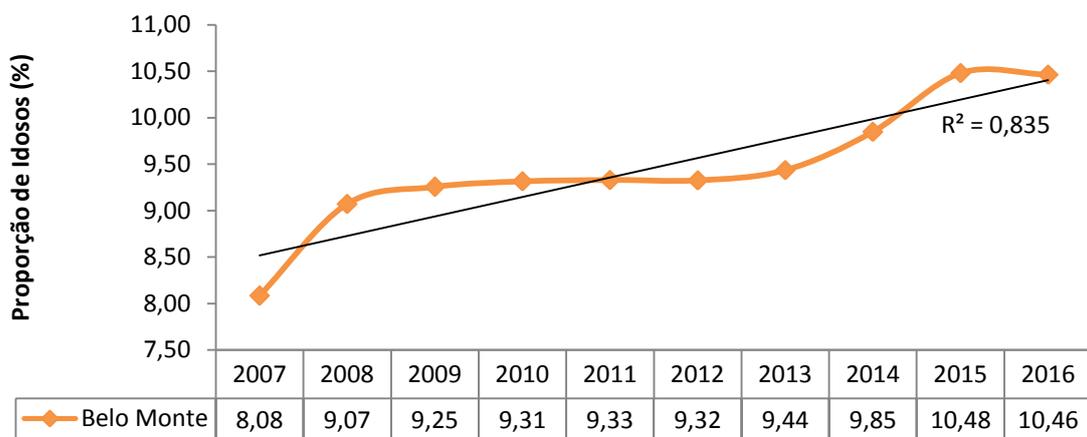
Figura 11 – Proporção de idosos da 7ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.

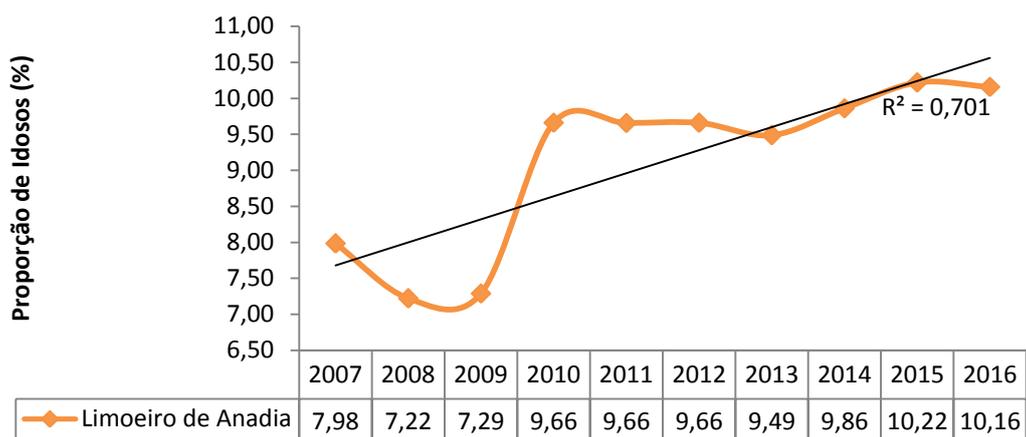
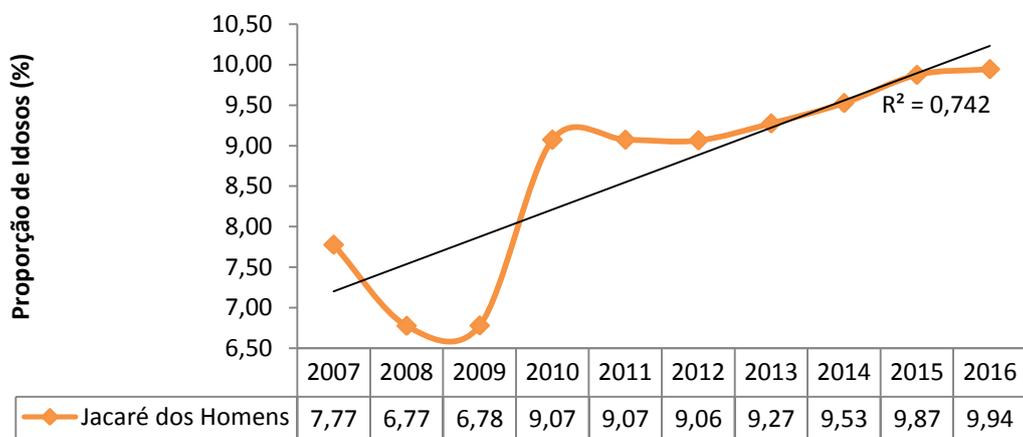
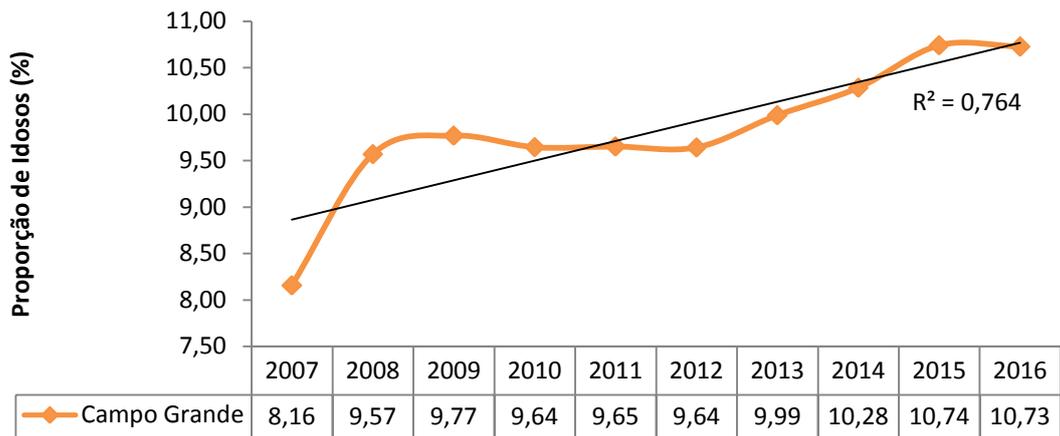


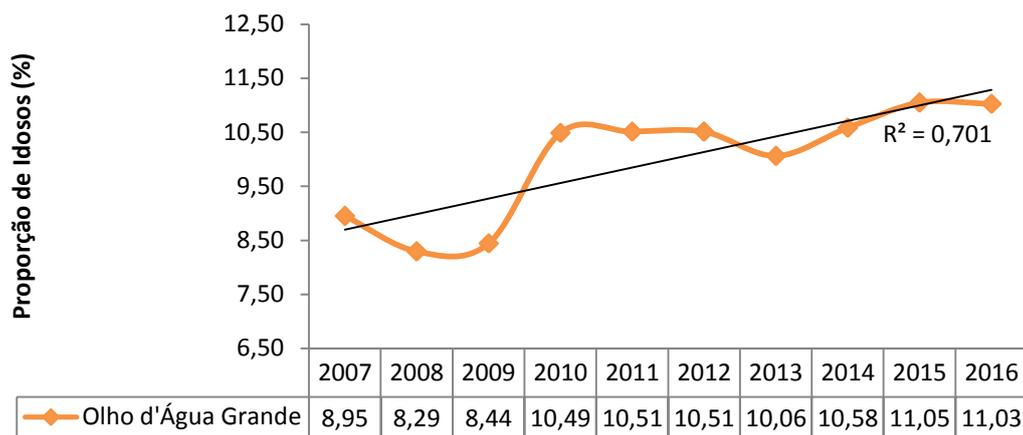
Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

Ao Observar os municípios segundo os anos de 2007 a 2016, é possível verificar que a maioria dos Municípios apresentou uma tendência de aumento na proporção de idosos ao longo dos anos. Porém, chamam atenção os Municípios de Belo Monte ($R^2=0,835$), Campo Grande ($R^2=0,764$), Jacaré dos Homens ($R^2=0,742$), Limoeiro de Anadia ($R^2=0,701$) e Olho d'Água Grande ($R^2=0,701$), por apresentarem as maiores tendências de aumento nessa proporção no período avaliado (figura 12).

Figura 12 – Proporção de idosos dos Municípios da 7ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.







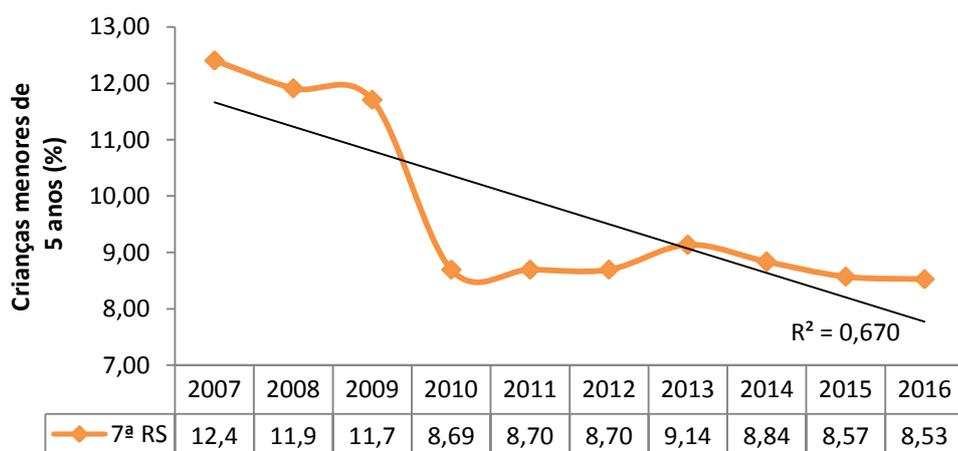
Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

Proporção de menores de 5 anos de idade na população

Esse indicador está associado aos níveis de fecundidade e natalidade, que repercutem na estrutura etária da população. Regiões com reduzidas taxas de fecundidade apresentam menor proporção de crianças abaixo de cinco anos de idade.

Na 7ª RS, observa-se uma moderada tendência de redução dessa proporção ao longo dos anos de 2007 a 2016 ($R^2=0,670$) (figura 13).

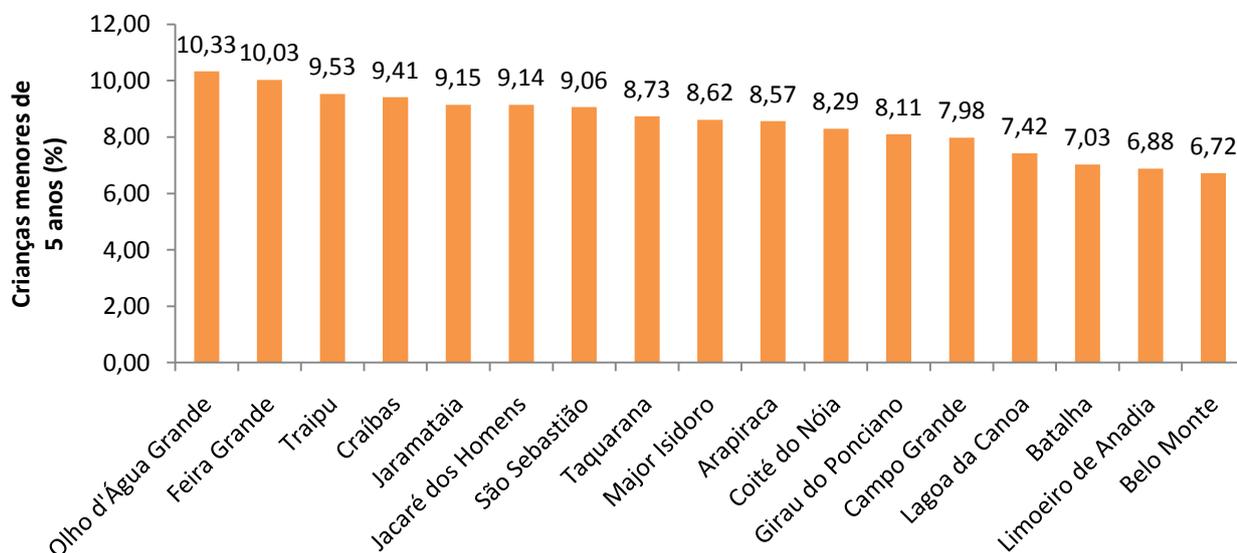
Figura 13 – Proporção de crianças menores de 5 anos na 7ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

A proporção de crianças menores de 5 anos nos Municípios da 7ª RS, apresenta-se menor em Belo Monte e maior em Olho d'Água Grande (figura 14).

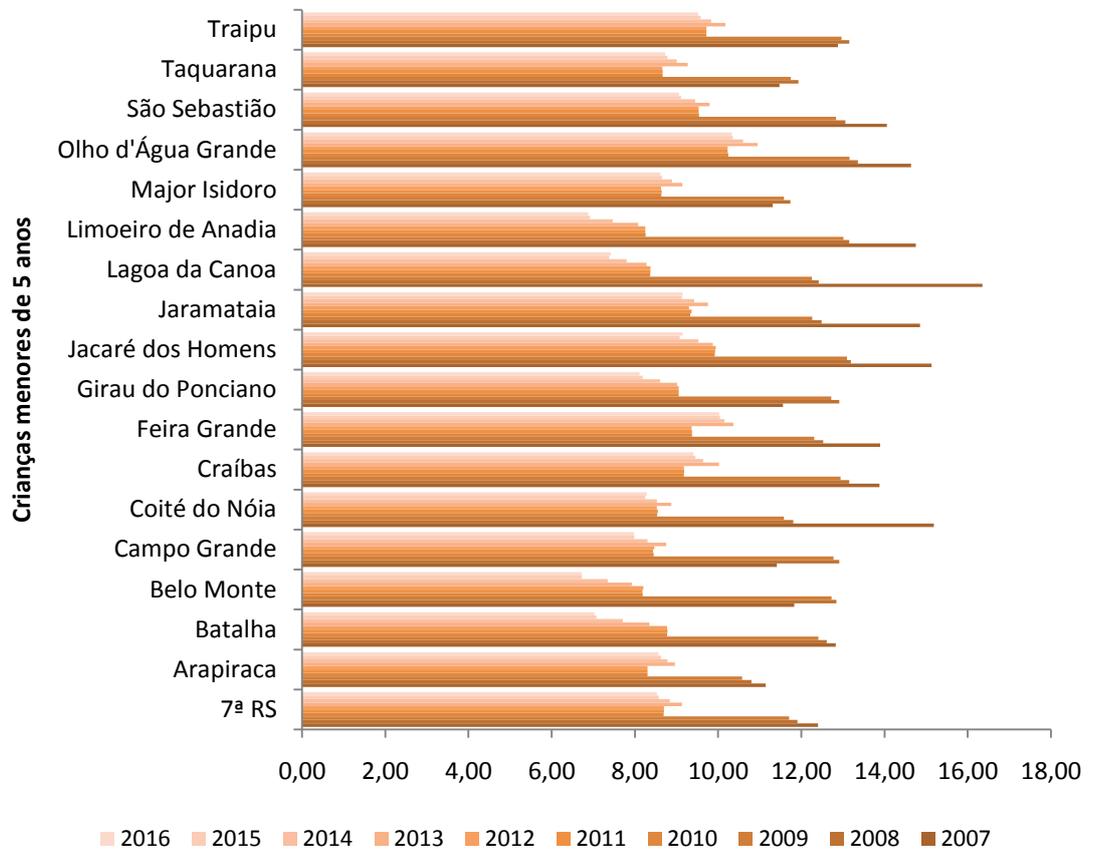
Figura 14 – Proporção de crianças menores de 5 anos na 7ª Região de Saúde, Alagoas. 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2016.

Quando os municípios são visualizados segundo os anos de 2007 a 2016, é possível verificar uma redução na proporção de crianças menores de 5 anos ao longo dos anos. Verificando que havia uma maior proporção entre os anos de 2007 a 2009, em todos os municípios da 7ª Região de Saúde. Chama atenção o Município de Batalha, onde é possível notar uma redução muito alta ao longo dos anos de 2007 a 2016 ($R^2=0,859$), na proporção das crianças, sobressaindo-se aos demais municípios da região (figura 15).

Figura 15 – Proporção de crianças menores de 5 anos na 7ª Região de Saúde, Alagoas. 2007 a 2016.



Fonte: DATASUS/IBGE/RIPSA/ 2007 a 2016.

DETERMINANTES E CONDICIONANTES DE SAÚDE

Aspectos Socioeconômicos

De acordo com o panorama dos Municípios fornecido pelo IBGE (2017), alguns aspectos socioeconômicos relevantes foram listados na tabela 03 abaixo. Observa-se que o número de salários mínimos mensais dos trabalhadores formais é maior nos Municípios de Girau do Ponciano e Taquarana (ambos com 2,1 salários), já o menor é em Batalha e Olho d'Água Grande (ambos com 1,4 salários). Com relação ao percentual da população ocupada, Arapiraca apresenta o maior percentual (17,9%), e o menor é Feira Grande (3,6%).

Ao avaliar o PIB per capita, o ultimo disponível em 2014, Arapiraca aparece com o maior PIB (15.015,14 R\$), já o menor PIB está apresentado no Município de Craíbas (6.051,96 R\$) (tabela 03).

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano (PNUD, 2010). Na tabela 03 é possível observar que o maior IDHM é de Arapiraca (0,649). Já o menor é do Município de Olho d'Água Grande (0,503).

Tabela 03 - Indicadores Socioeconômicos da população dos Municípios da 7ª Região de Saúde de Alagoas. 2017.

LOCALIDADE	Salário médio mensal dos trabalhadores formais [2015]*	População ocupada % [2015]	PIB per capita R\$ [2014]	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]
Arapiraca	1,6	17,9	15.015,14	0,649
Batalha	1,4	8,8	6.659,98	0,594
Belo Monte	1,9	4,6	8.613,26	0,517
Campo Grande	1,5	7,2	6.051,96	0,524
Coité do Nóia	1,9	5,3	6.476,94	0,533
Craíbas	2,0	4,6	5.062,12	0,525
Feira Grande	2,0	3,6	6.429,97	0,533
Girau do Ponciano	2,1	4,0	5.680,02	0,536
Jacaré dos Homens	1,8	5,4	6.550,64	0,583
Jaramataia	1,8	7,9	6.239,56	0,552
Lagoa da Canoa	1,8	5,5	6.016,79	0,552
Limoeiro de Anadia	1,6	7,1	8.990,42	0,580
Major Isidoro	1,6	5,8	6.964,54	0,566
Olho d'Água Grande	1,4	5,9	5.348,61	0,503
São Sebastião	1,9	6,4	7.597,06	0,549
Taquarana	2,1	5,8	7.554,70	0,541
Traipu	1,5	5,7	5.414,70	0,532

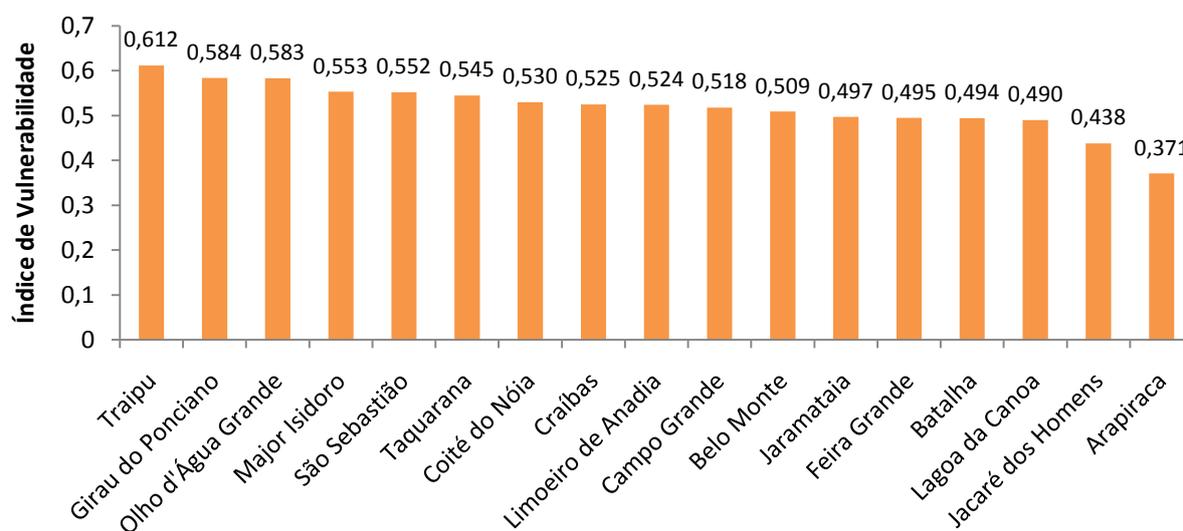
IBGE/2017

*Salários Mínimos

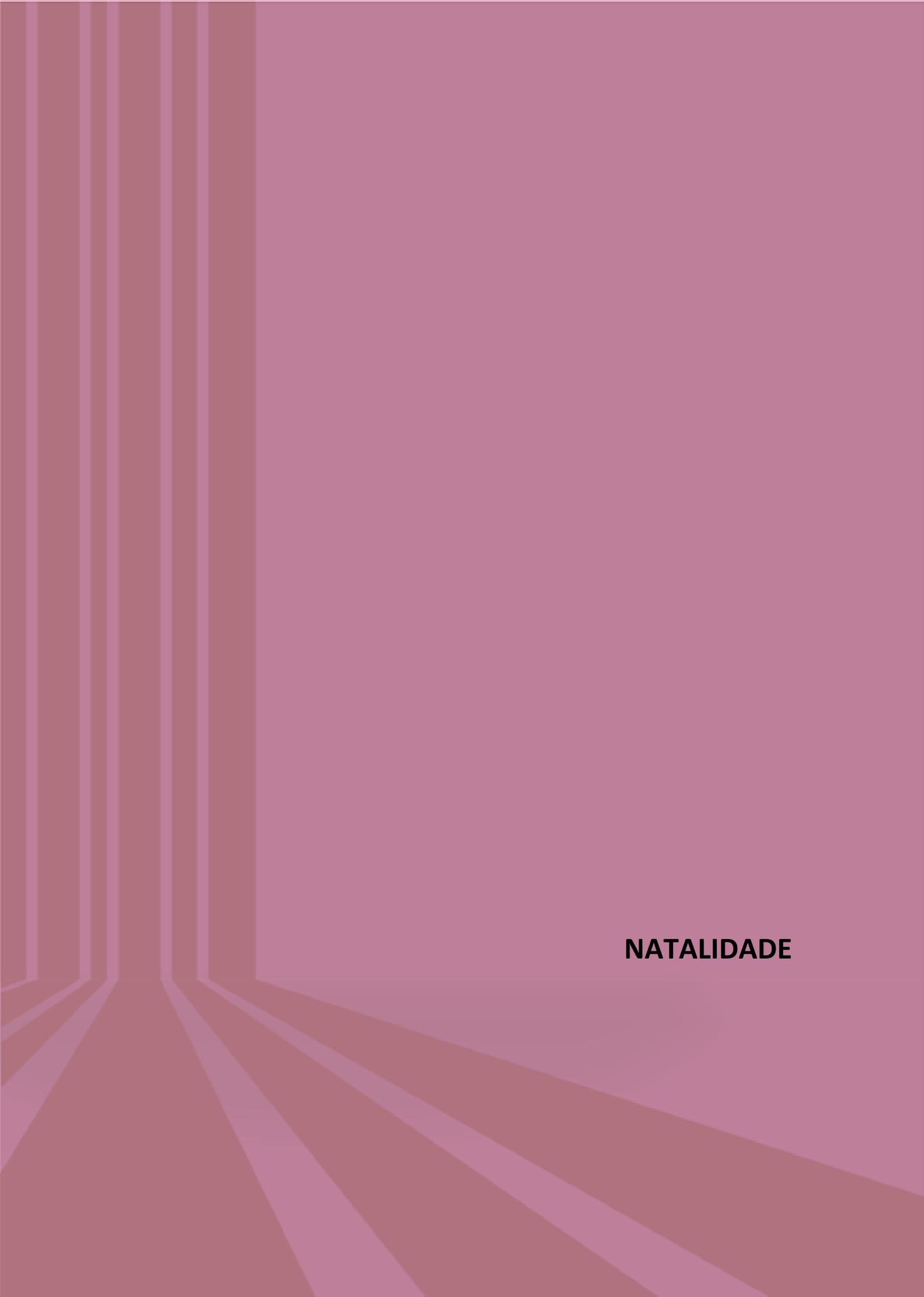
Em 2015, o Instituto de Pesquisa Econômica (IPEA), lançou o Atlas de Vulnerabilidade Social nos Municípios brasileiros. O índice de Vulnerabilidade Social (IVS) destaca as situações que indicam exclusão e vulnerabilidade social no território

brasileiro, sendo complementar ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM). É composto por 3 subíndices: infraestrutura urbana, capital humano e renda e trabalho (IPEA, 2015). Segundo observa-se na figura 16, dentre os municípios da 7ª RS, Traipu possui o maior IVS (0,612), e Arapiraca o menor índice (0,371).

Figura 16 – Índice de Vulnerabilidade dos Municípios da 7ª Região de Saúde, Alagoas. 2010.



Fonte: IPEA, 2015.



NATALIDADE

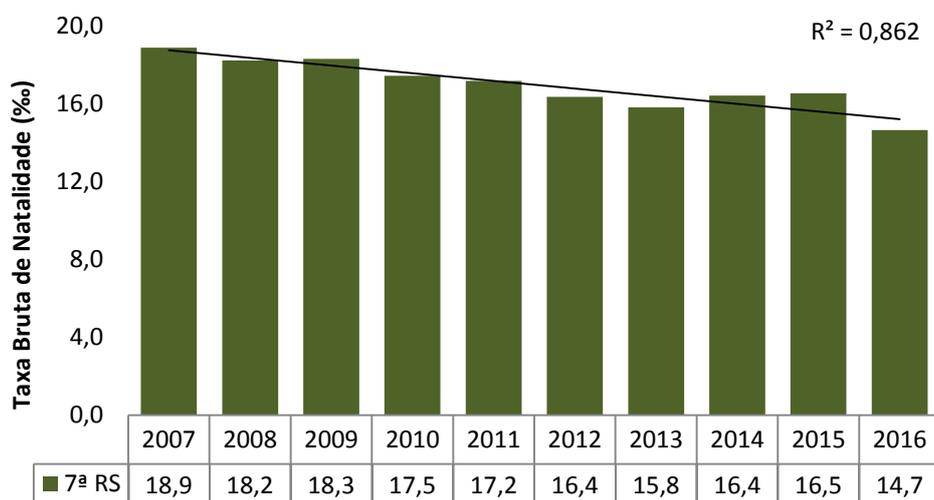
NATALIDADE

No período de 2007 a 2016, a 7ª Região de Saúde (RS) de Alagoas apresentou forte redução em sua Taxa Bruta de Natalidade (TBN) ($R^2 = 0,8627$).

Essa região apresentou fraca redução de sua TBN no período de 2013 a 2016, tendo sua menor proporção registrada em 2016 (14,7%) (Figura 01).

A Rede Interagencial de Informações para a Saúde – RIPSAs – destaca que a TBN pode subsidiar processos de planejamento, gestão e avaliação de políticas públicas relativas à atenção materno-infantil. É comum associar taxas elevadas a condições socioeconômicas precárias e a aspectos culturais da população.

Figura 01 – Taxa bruta de natalidade. 7ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: DATASUS/SINASC

Dos municípios que integram essa região, Belo Monte e Lagoa da Canoa chamam a atenção por sua TBN seguir tendência diferente dos demais que sofreram decréscimo, nos dois não houve variação significativa em suas séries históricas.

Olho d'Água Grande, em 2016, registrou a maior taxa (19,3%) dentre os municípios dessa RS. Enquanto que Limoeiro de Anadia, registrou a menor taxa (10,4%). O município de São Sebastião apresentou a mais forte tendência de redução ($R^2 = 0,8885$).

TIPO DE PARTO

O tipo de parto predominante em todo o período de 2007 a 2016 nessa RS, foram partos cesáreos. Seus valores apresentaram uma forte tendência de aumento. Quando destacado os quatro últimos anos verifica-se que essa redução continua forte (Figura 02).

Figura 02 – Proporção de nascidos vivos segundo tipo de parto. 7ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

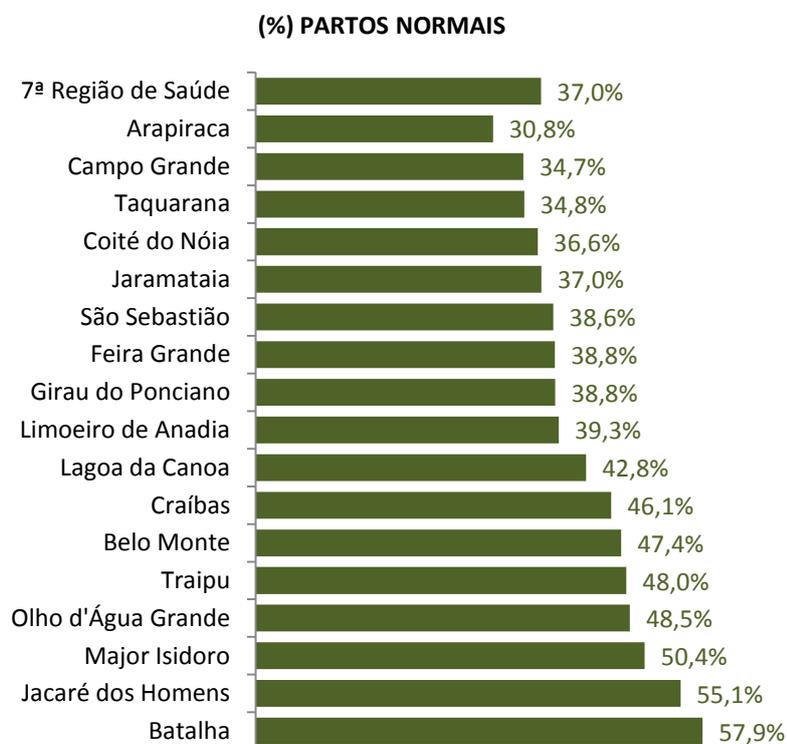
Entre as regiões de saúde do estado, a 7ª RS apresentou em 2016 a segunda menor proporção de partos normais (37,0%).

Em 2016, os municípios de Batalha (57,9%), Jacaré dos Homens (55,1 %) e Major Isidoro (50,4%) registraram as maiores proporções de Partos Normais (PN) dessa região. Enquanto que Arapiraca, a menor (30,8%) (Figura 03).

De acordo com o Ministério da Saúde a proporção de cesáreas é crescente em todo o país. Diversos fatores têm contribuído para esse crescimento: o aprimoramento das técnicas cirúrgicas e anestésicas, a diminuição do risco de complicações pós-operatórias, fatores demográficos e nutricionais, a pedido da mulher (medo da dor, busca da integridade vaginal e crenças de que o parto vaginal é mais arriscado para o feto do que uma cesárea), organização da atenção obstétrica (conveniência e

segurança do médico) e a esterilização cirúrgica durante o procedimento operatório da cesárea.

Figura 03 – Proporção de nascidos vivos por parto normal.7ª Região de Saúde, 2016*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

BAIXO PESO AO NASCER

Analisar o Baixo Peso ao Nascer (BPN) é fundamental para avaliar a sobrevivência infantil, pois quanto menor o peso ao nascer, maior a possibilidade de morte precoce.

Em 2016, 10,4% dos NV dessa região apresentavam BPN (Tabela 01), valor 31,6% menor que o do estado. O município de Coité do Nóia (13,5%), Craíbas (12,9%) e Girau do Ponciano (12,2%) registraram os maiores valores desse ano.

Nessa região, os valores apresentados no período de 2007 a 2016 demonstram moderada tendência de queda na proporção de BP entre seus NV ($R^2 = 0,6944$).

Tabela 01 – Proporção de nascidos vivos com baixo peso ao nascer por município. 7ª Região de Saúde, 2017*.

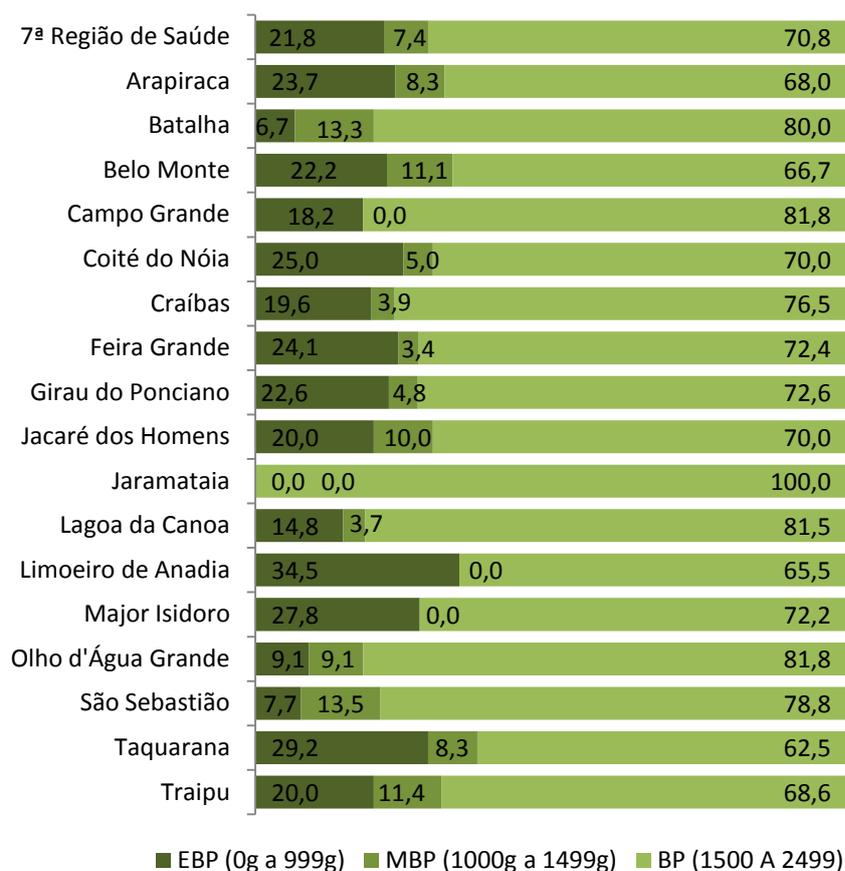
LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	7,0	7,2	7,7	7,4	8,6	8,6	10,9	8,2	9,7	10,4
Arapiraca	7,2	7,1	7,7	7,8	9,5	9,3	11,5	8,6	9,8	10,8
Batalha	7,4	5,6	8,9	4,7	4,9	6,7	7,8	5,7	10,3	5,8
Belo Monte	3,8	4,4	7,3	9,6	5,8	2,0	2,3	8,3	9,8	9,5
Campo Grande	5,7	4,3	8,6	4,0	8,4	7,3	13,4	7,3	9,9	7,5
Coité do Nória	5,7	9,7	8,2	9,1	9,5	9,3	9,8	12,6	10,4	13,5
Craíbas	7,1	8,2	8,5	7,6	8,4	12,2	11,2	10,0	11,5	12,9
Feira Grande	7,3	6,6	6,4	7,9	6,3	7,6	12,9	6,8	9,2	10,4
Girau do Ponciano	6,6	8,3	8,1	9,0	7,9	8,7	10,9	8,5	9,8	12,2
Jacaré dos Homens	9,2	7,0	3,6	8,1	6,0	4,0	8,2	5,9	9,3	11,2
Jaramataia	9,0	10,2	9,7	12,6	10,6	5,3	11,8	12,3	11,7	2,5
Lagoa da Canoa	7,5	7,2	9,3	4,8	8,0	10,7	7,3	7,3	9,6	9,5
Limoeiro de Anadia	5,9	6,8	8,6	5,5	6,6	9,1	11,2	9,9	8,0	9,7
Major Isidoro	7,1	4,2	5,4	6,1	8,5	8,4	8,2	4,9	8,1	7,5
Olho d'Água Grande	4,4	8,7	9,0	3,2	7,9	10,0	9,9	11,0	11,1	11,0
São Sebastião	5,7	7,5	9,2	7,0	8,4	5,4	10,4	6,7	9,8	11,2
Taquarana	5,4	8,3	6,1	8,4	8,9	10,6	12,2	7,3	9,5	8,8
Traipu	9,2	7,8	4,9	7,0	7,6	5,9	11,4	6,8	8,0	9,8

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

Dos NV com baixo peso, em 2016, 21,8% apresentavam Extremo Baixo Peso (EBP), ou seja, com peso abaixo de 1000g. Esta condição de peso foi maior no município de Limoeiro de Anadia (34,5%). Batalha e São Sebastião destacam-se por apresentarem as maiores ocorrências de NV com Muito Baixo Peso (MBP) (13,5% e 13,6%, respectivamente), ou seja, pesando de 1000g a 1499g (Figura 04). No município de Jaramataia, todos que nasceram com BP pesava de 1500g a 2499g.

Figura 04—Proporção de nascidos vivos de Extremo Baixo Peso (EBP), Muito Baixo Peso (MBP) e Baixo Peso (BP) ao nascer por município. 7ª Região de Saúde, 2016*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

Importa ressaltar que oBP reflete a qualidade do atendimento à gestante, no âmbito nutricional, acompanhamento pré-natal e assistência ao parto.

PREMATURIDADE

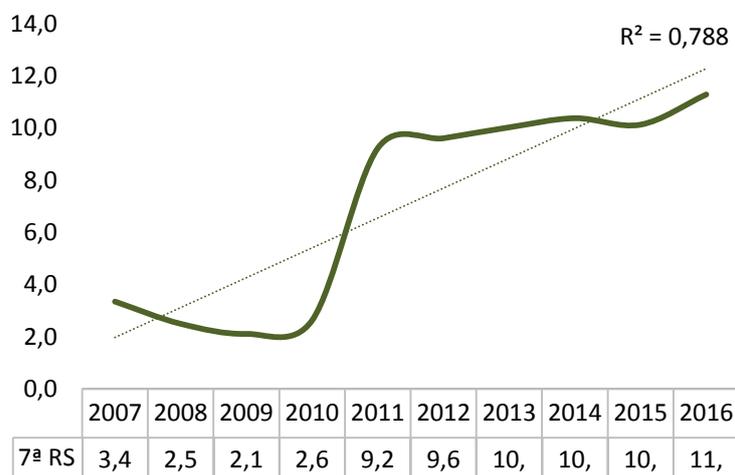
Na 7ª RS, como em todas as regiões, somente a partir de 2011 houveram maiores registros de NV prematuros.

Ao avaliar a tendência histórica dessa taxa observa-se que nos últimos dez anos segue-se moderado aumento de nascimentos prematuros nessa RS ($R^2 = 0,7884$) (Figura 05).

Nos municípios dessa região a prematuridade vem aumentando. Girau do Ponciano apresentou maior aumento desses nascimentos(Tabela 02).

No período de 2013 a 2016, essa região apresentou taxas que demonstram o crescimento dos nascimentos prematuros.

Figura 05 - Tendência temporal da taxa de prematuridade dos nascidos vivos residentes na 7ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SIM/SINASC.

Tabela 02 – Taxa de prematuridade por município. 7ª Região de Saúde, período de 2007a 2016*.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	3,4	2,5	2,1	2,6	9,2	9,6	10,0	10,4	10,1	11,3
Arapiraca	3,8	3,0	2,0	2,6	9,8	9,5	10,4	10,9	10,3	11,2
Batalha	4,4	2,0	1,8	4,2	9,5	11,3	10,7	6,9	10,6	5,7
Belo Monte	1,9	2,6	3,1	3,1	10,2	7,9	7,9	8,2	6,2	6,1
Campo Grande	2,8	0,5	0,5	1,5	7,6	9,7	7,5	7,2	5,2	9,4
Coité do Nória	5,6	2,1	2,0	6,0	5,3	9,2	6,5	11,0	11,6	10,7
Craíbas	3,4	1,4	2,0	2,5	11,4	12,8	8,6	12,0	10,7	13,3
Feira Grande	1,6	1,9	2,9	2,9	10,2	9,0	8,5	8,8	8,8	13,1
Girau do Ponciano	1,4	2,3	2,2	3,3	8,4	8,9	9,8	9,6	11,4	12,8
Jacaré dos Homens	4,1	2,6	2,9	6,1	12,0	12,1	9,1	11,8	8,1	8,9
Jaramataia	4,5	0,9	4,7	1,6	15,0	9,6	10,6	8,8	6,2	12,2
Lagoa da Canoa	4,1	2,9	1,7	3,0	7,3	11,9	9,2	9,8	11,5	13,7
Limoeiro de Anadia	3,2	1,9	1,6	2,7	6,8	8,1	8,8	10,6	9,9	12,6
Major Isidoro	4,0	1,4	2,1	1,0	12,9	10,4	14,8	15,1	11,7	14,8
Olho d'Água Grande	3,3	4,7	1,9	3,2	9,2	20,0	13,6	12,1	9,0	10,0
São Sebastião	3,0	3,3	3,0	1,2	7,0	7,9	8,8	9,3	11,1	10,4
Taquarana	1,3	1,6	1,4	0,9	7,6	7,3	13,3	9,6	8,4	10,5
Traipu	3,6	2,0	2,0	3,2	6,8	8,2	9,4	9,3	8,4	9,9

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SIM/SINASC.

A prematuridade é de grande importância na vigilância da morbimortalidade neonatal e perinatal. Estudos comprovam que é a segunda causa de morte de crianças com menos de cinco anos de idade.

Os dados apresentados indicam a necessidade de avaliar esse indicador de forma ampla, sendo de grande importância analisar a alimentação desses dados no sistema, além das situações obstétricas e neonatais que possam contribuir nas suas causas.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) destaca as induções médicas desnecessárias e cesarianas antes do tempo como fatores que tem contribuído para o aumento do número de nascimentos prematuros.

A proporção de prematuros nascidos com baixo peso vem apresentando moderado decréscimo nos últimos dez anos (Figura 06).

Figura 06 -Proporção de nascidos vivos prematuros com baixo peso ao nascer. 7ª Região de Saúde, período, 2007 a 2016.

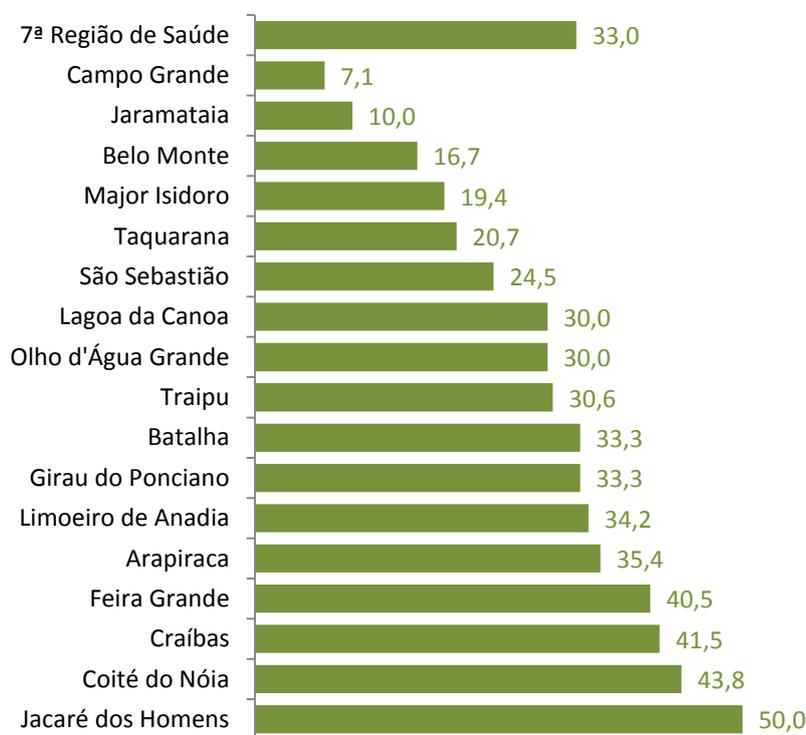


*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SIM/SINASC

Em 2016, o município de Campo Grande registrou a menor ocorrência de prematuros com BPN (7,1%), enquanto que Jacaré dos Homens maior (50,0%), 51,5% acima do valor apresentado em toda RS (Figura 07).

Figura 07 –Proporção de prematuros com baixo peso ao nascer segundo município de residência. 7ª Região de Saúde, 2016.



(%) Proporção de Prematuros com baixo peso ao nascer

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SIM/SINASC

IDADE MATERNA

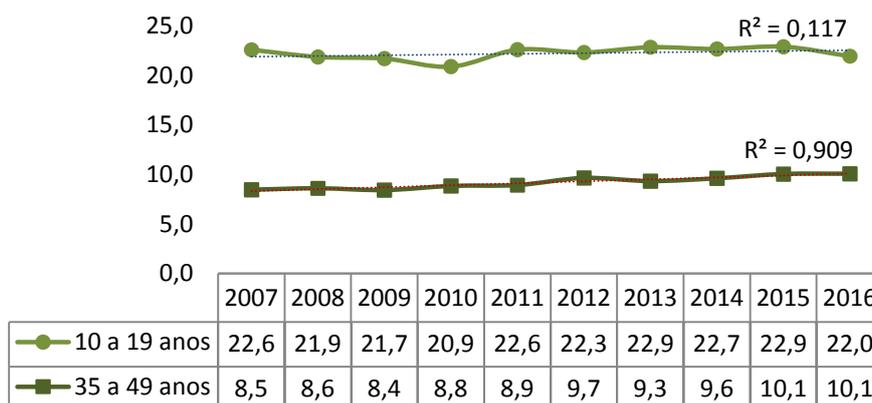
Na análise da idade materna, consideraram-se as faixas etárias de 10 a 19 anos - mães adolescentes, fase em que a mulher ainda em desenvolvimento enfrentatransformações físicas, biológicas, sociais e emocionais; e as de 35 a 49 anos, considerada gravidez tardia, apresenta fator de risco para a morbidade materna e fetal.

Nos últimos dez anos, a proporção de mães adolescentes residentes na 7ª RS apresentou fraca tendência de aumento (Figura 08). Porém, ao destacar o período de 2013 a 2016, observa-se moderada redução na ocorrência de gravidez de mães adolescentes ($R^2 = 0,5214$).

No ano de 2016, o município de Jacaré dos Homens apresentou a maior proporção de mães adolescentes dessa região (32,6%).

A proporção de mães com faixa etária de 35 a 49 anos vem apresentando forte aumento ao longo do período avaliado. Tendo suas maiores ocorrências registradas nos últimos dois anos.

Figura 08 – Proporção de nascidos vivos segundo idade materna – 10 a 19 anos e 35 a 49 anos – 7ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2013*.

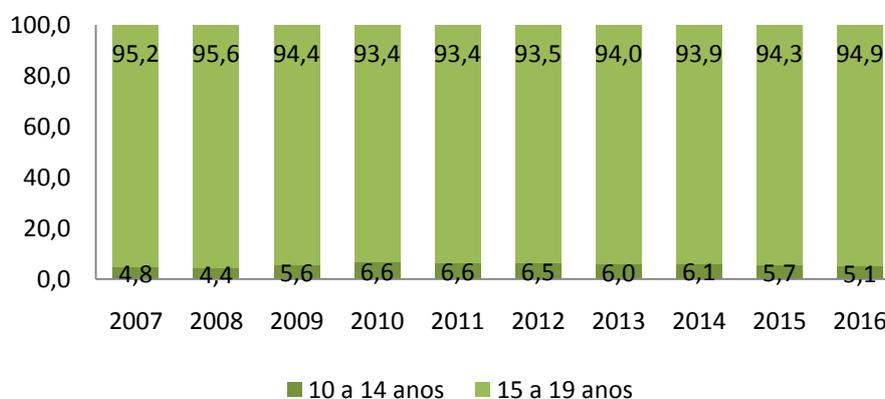


*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC.

Ao estratificar a proporção de mães adolescentes, observa-se que na 7ªRS a ocorrência de gravidez entre as adolescentes de 10 a 14 anos é a quarta menor dentre as demais regiões, com uma média de 5,7%/ano. No período de 2013 a 2016, houve decréscimo (Figura 09).

Figura 09 -Proporção de nascidos vivos filhos de mães adolescentes. 7ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

Ao analisar os nascimentos de NV de mães com idade entre 35 a 49 anos, entre os municípios componentes dessa região, pode-se observar que Arapiraca destaca-se por apresentar maior aumento.

Em 2016, os municípios de Belo Monte (12,6%) e Girau do Ponciano (12,4%) registraram as maiores proporções de gravidez tardia dessa região.

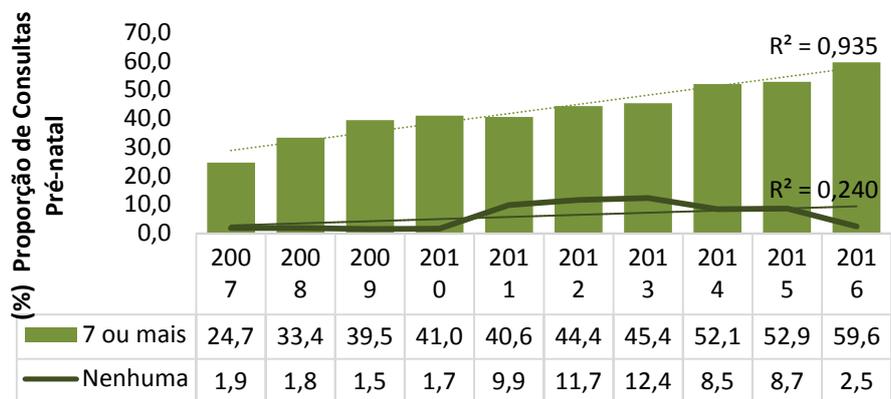
A ocorrência de gestação em mulheres com essa faixa etária, considerada avançada, é resultado de um melhor nível socioeconômico e maior nível de escolaridade, pois atualmente maior parte das mulheres dão prioridade a sua carreira profissional, ocasionando adiamento do casamento e diminuição da paridade. Mesmo com esses aspectos que favorecem a gravidez nessa fase da vida da mulher, ela ainda está associada a complicações relacionadas à gravidez e ao parto, como: hipertensão gestacional, diabetes mellitus gestacional, maior frequência de partos cesáreos e nascimentos prematuros, e outras; como também a condição física.

CONSULTA PRÉ-NATAL

Na 7ª RS a frequência da participação das mães às consultas pré-natais nos últimos dez anos reduziu.

Porém, a proporção de gestantes com 7 ou mais consultas pré-natais segue forte tendência de aumento. Ao destacar os últimos quatro anos, vê-se a continuidade dessa condição, o que possibilita o alcance desejado para uma melhor assistência a mãe e seu bebê (Figura 10).

Figura 10 - Proporção de nascidos vivos que compareceram a 7 ou mais consultas pré-natais ou nenhuma. 7ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

No período de 2007 a 2016, cresceu o número de gestantes com 7 ou mais consultas pré-natais, exceto no município de Olho d'Água Grande, onde seus valores não expressaram tendência significativa.

Em 2016, os municípios de Jacaré dos Homens (76,4%) e Coité do Nóia (70,3%) apresentaram as maiores proporções de mães com essa frequência de consultas.

Essa região de saúde apresentou uma média de 6,1% de mães que não estiveram em nenhuma consulta.

Em 2016, nos municípios de Batalha e Jacaré dos Homens não houve registro de mães sem nenhuma assistência pré-natal, enquanto que Craíbas, registrou 3,8% de NV sem assistência pré-natal, a maior proporção registrada em toda RS.

É importante ressaltar que existem diversas limitações para definir esses valores como indicadores da real situação do acompanhamento pré-natal no nosso estado, pois de acordo com a RIPSAs – Rede Interagencial de Informações para Saúde - há possibilidade de equívoco da gestante ao informar o número de consultas no momento da captação desse dado; São Desconsideradas, por restrição da fonte de dados, as consultas de pré-natal relativas a gestações que deram origem a natimortos e abortos; A ocorrência de partos gemelares resulta em contagem cumulativa de mulheres; A representatividade populacional do indicador pode estar comprometida nas áreas que apresentam insuficiente cobertura do sistema de informação sobre

nascidos vivos e a possibilidade de nascidos vivos que morrem logo após o nascimento serem declarados como natimortos, subenumerando o total de nascidos vivos.

ESCOLARIDADE

Quanto a escolaridade das mães dos nascidos vivos dessa RS, foi avaliado os anos de estudos apenas das adolescentes, pois espera-se que a maternidade nessa fase de suas vidas, interfira na continuidade da carreira educacional delas.

A tendência temporal de mães adolescentes com 8 a 11 anos de estudo vem apresentando forte aumento ao longo dos últimos dez anos ($R^2 = 0,962$). Conseqüentemente tem ocorrido forte redução na proporção das que não possuem nenhum ano de estudo ($R^2 = 0,7304$). Isso demonstra que apesar de encarar o desafio da maternidade numa fase tão precoce de suas vidas, essas jovens tem se empenhado na continuidade de seus estudos, e a busca de melhores condições socioeconômicas.

Tabela 03 - Proporção de nascidos vivos filhos de mães adolescentes segundo escolaridade. 7ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016.

Mães adolescentes - 10 a 19 anos										
ESCOLARIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Nenhuma	2,1	1,8	1,5	1,9	2,2	1,3	0,6	0,7	0,7	0,6
01 a 03 anos	14,9	14,2	14,9	15,1	14,7	8,5	7,8	3,7	3,0	2,7
04 a 07 anos	72,5	74,3	60,9	56,9	48,4	48,1	49,1	37,5	27,6	33,0
08 a 11 anos	9,4	8,9	20,5	24,1	32,2	41,1	41,3	57,2	67,5	62,2
12 ou mais anos	1,1	0,8	2,2	2,0	2,5	1,0	1,2	0,9	1,2	1,4

*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

ANOMALIA CONGÊNITA

Nos últimos dez anos a 7ª RS registrou 225 nascimentos de crianças com algum tipo de anomalia congênita.

O município de Arapiraca registrou 82 casos de NV nessa condição, durante todo o período analisado. Importa destacar que nos municípios de Jacaré dos Homens, Jaramataia e Olho d'Água Grande houveram apenas dois casos de crianças com má formação congênita, durante todo o período avaliado (Tabela 04),

Tabela 04 -Frequência de nascidos vivos com anomalia congênita segundo município. 7ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016*.

NASCIDOS VIVOS COM ANOMALIA CONGÊNITA										
LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	35	19	11	21	23	15	11	32	31	27
Arapiraca	9	8	1	5	9	8	2	13	13	14
Batalha	1	0	0	0	1	1	3	1	1	1
Belo Monte	0	0	1	2	0	1	0	2	0	1
Campo Grande	1	1	0	3	0	0	0	0	0	0
Coité do Nória	4	1	0	0	1	0	0	2	0	0
Craíbas	2	1	0	1	1	1	1	0	1	1
Feira Grande	1	2	0	1	1	1	0	0	4	0
Girau do Ponciano	3	1	0	0	2	1	0	4	0	0
Jacaré dos Homens	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
Jaramataia	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0
Lagoa da Canoa	2	1	0	2	1	1	0	1	0	1
Limoeiro de Anadia	3	0	1	2	1	0	0	2	1	0
Major Isidoro	1	0	1	0	1	0	0	2	2	0
Olho d'Água Grande	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
São Sebastião	6	2	0	2	3	0	4	4	4	3
Taquarana	0	1	4	1	0	0	1	1	4	1
Traipu	2	1	2	2	0	0	0	0	1	3

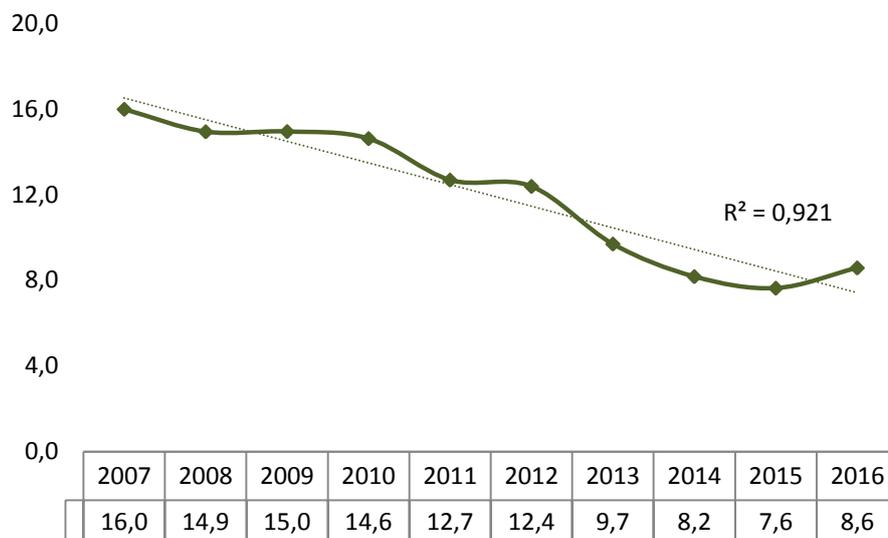
*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

APGAR

No período de 2007 a 2016, cerca de 12,0%/ano dos nascimentos ocorridos nessa região, apresentaram pontuação do APGAR igual ou menor que 7 pontos durante o exame realizado no 1º minuto de vida da criança.

Seus valores apresentaram forte tendência de queda dessa pontuação (≤ 7 pontos) no exame do 1º minuto (Figura 13).

Figura 13 - Tendência temporal dos nascidos vivos que tiveram 7 ou menos pontos no exame de APGAR. 7ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016*.

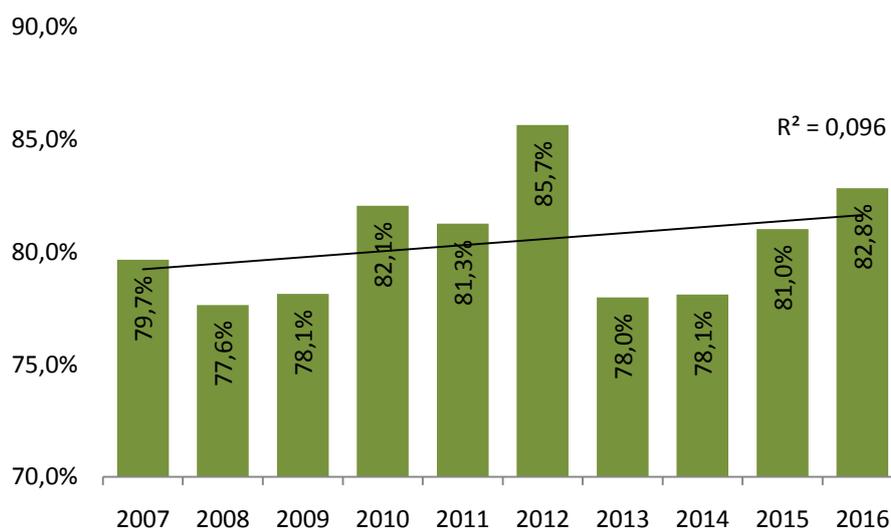


*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC

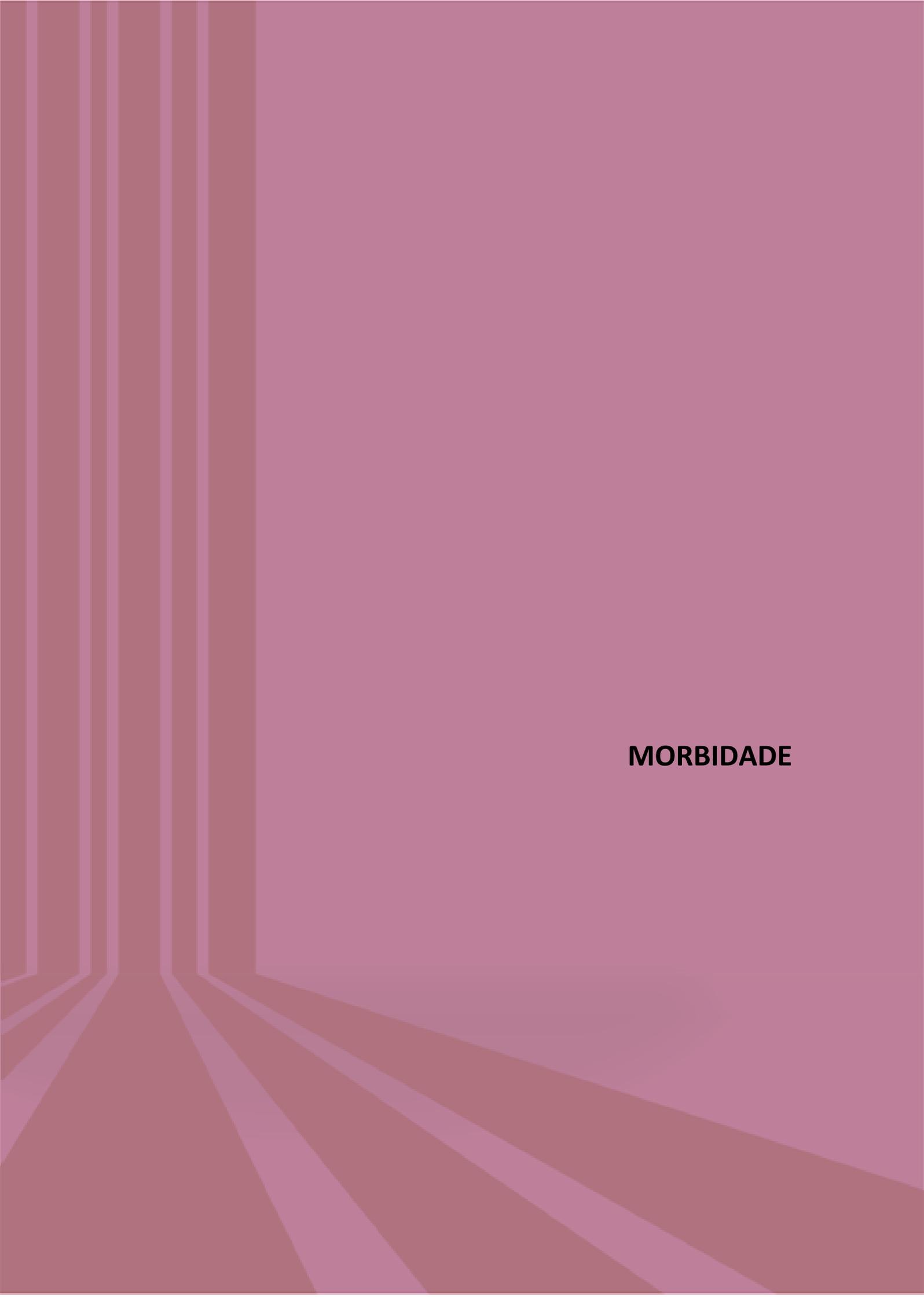
Observa-se que ao repetir o exame de APGAR no 5º minuto de vida, boa parte recuperaram sua pontuação, em média 80,4%/ano.

Figura 12 - Tendência temporal da proporção de nascidos vivos com 8 ou mais pontos no exame de APGAR do 5º minuto. 7ª Região de Saúde. Período, 2007 a 2016*.



*Dados sujeitos a alterações; Tabulados em 10/07/2017.

Fonte: SINASC



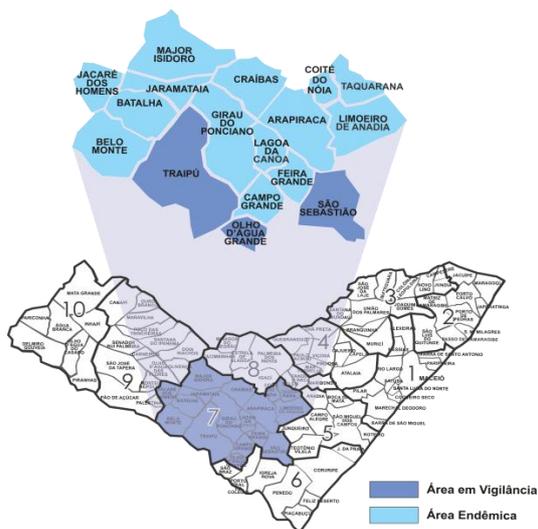
MORBIDADE

DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS

Áreas endêmicas

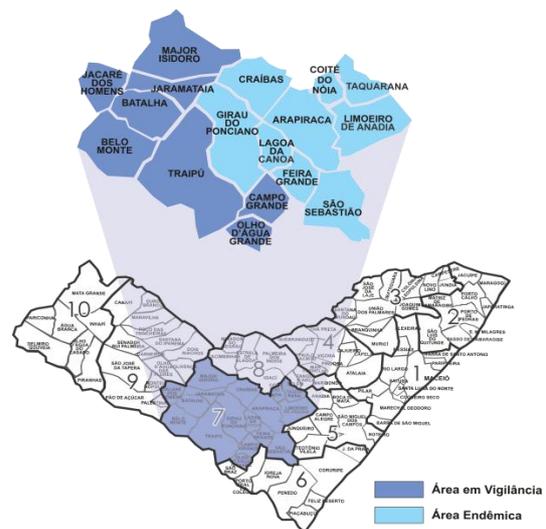
A 7ª Região de Saúde (RS) é endêmica para dengue. Para doença de chagas, 14 municípios são endêmicos e 3 são da área de vigilância (área sem caso ou com casos esporádicos que necessita de vigilância ininterrupta) (Figura 01); para esquistossomose, 9 municípios são endêmicos e 8 são da área de vigilância (Figura 02); para leishmaniose tegumentar, 14 municípios são endêmicos e 3 são da área de vigilância (Figura 03); para leishmaniose visceral, 12 municípios são endêmicos e 5 são da área de vigilância (Figura 04); para peste, nenhum município é endêmico e 12 fazem parte da área de vigilância (Figura 05).

Figura 01 – Situação epidemiológica da doença de chagas na 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.



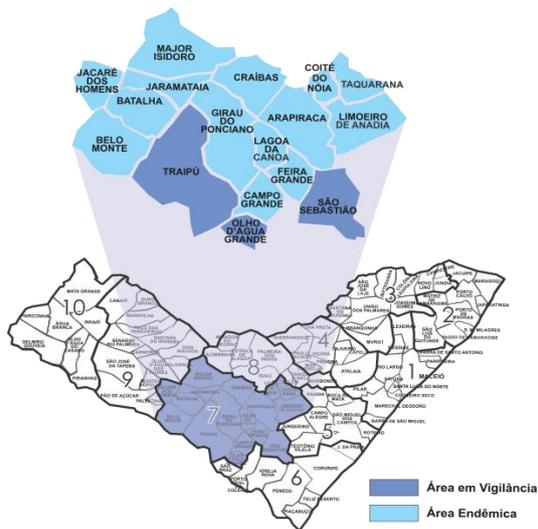
Fonte: GIANS/SUVISA/SESAU-AL – sujeito à revisão.

Figura 02 – Situação epidemiológica da esquistossomose na 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.



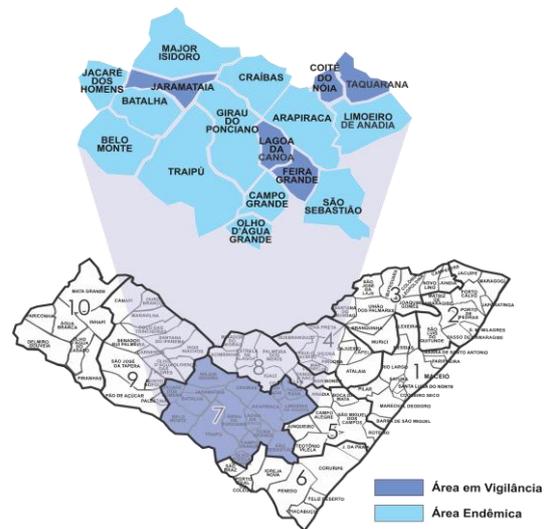
Fonte: GIANS/SUVISA/SESAU-AL – sujeito à revisão.

Figura 03 – Situação epidemiológica da leishmaniose tegumentar americana na 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.



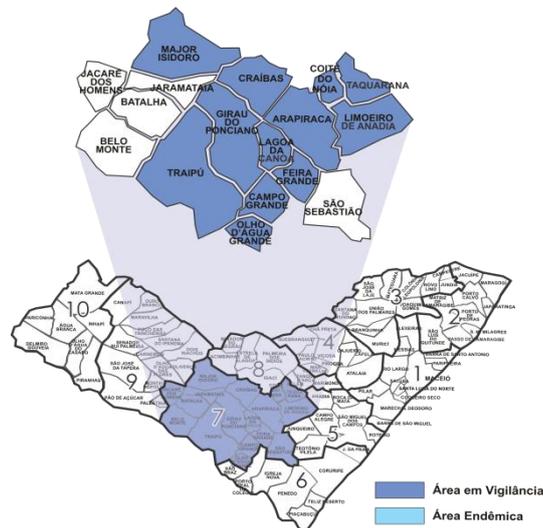
Fonte: GIANS/SUVISA/SESAU-AL – sujeito à revisão.

Figura 04 – Situação epidemiológica da leishmaniose visceral na 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.



Fonte: GIANS/SUVISA/SESAU-AL – sujeito à revisão.

Figura 05 – Situação epidemiológica da peste na 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.



Fonte: GIANS/SUVISA/SESAU-AL – sujeito à revisão.

Dengue

Dados de 2016 revelam que a 7ª RS apresentava-se em risco de surto, com um índice de infestação predial de 3,1% (entre 0 e 1% – satisfatório; entre >1% e 3% – em situação de alerta; e > 3% - risco de surto), os municípios de Arapiraca, Craíbas, Girau do Ponciano, Major Isidoro e Taquarana também apresentaram risco de surto. Destaca-se o município Olho d'Água Grande que na série analisada apresentou índices sempre inferiores a 1 no período (Tabela 01). Vale destacar que tal situação para a RS e os municípios que apresentaram risco de surto pode ser ainda pior devido a não realização a contento dos ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue (Tabela 02).

Tabela 01 - Índice de Infestação predial, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

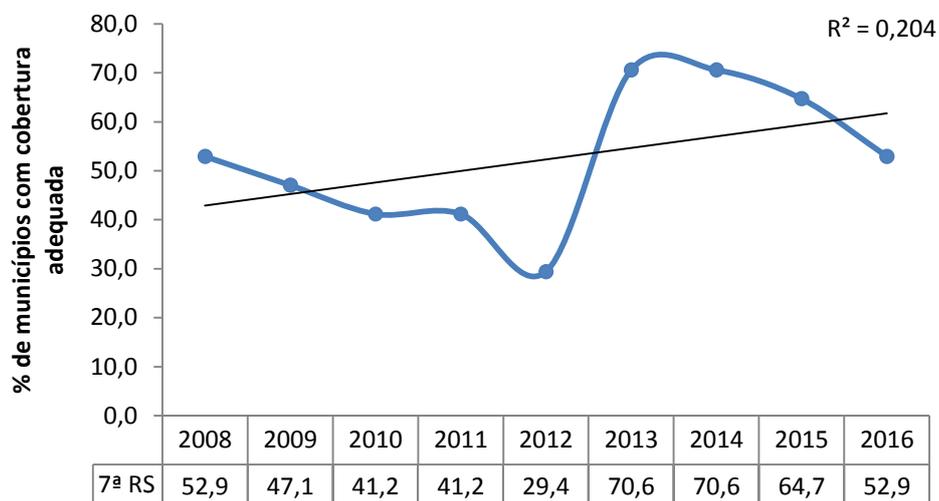
LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	1,8	1,8	2,2	2,7	2,7	2,8	3,7	3,2	3,4	3,1
Arapiraca	0,0	2,8	2,8	3,7	3,3	3,2	4,6	4,0	4,4	4,1
Batalha	3,7	4,4	5,3	3,4	2,7	1,9	2,3	1,9	1,7	1,6
Belo Monte	0,8	0,9	0,9	0,7	0,5	0,8	1,2	1,1	1,7	S/R
Campo Grande	1,7	2,2	3,8	3,6	1,9	1,7	2,7	2,9	1,8	2,0
Coité do Nóia	0,5	0,6	0,6	0,7	0,8	1,0	2,4	2,5	2,3	2,2
Craíbas	3,3	2,9	5,3	5,1	6,1	6,6	10,0	5,9	6,5	5,4
Feira Grande	0,5	0,3	0,3	0,6	0,6	0,8	2,7	2,2	1,0	0,6
Girau do Ponciano	5,6	4,8	6,4	6,4	5,9	6,9	9,0	7,6	6,2	7,5
Jacaré dos Homens	1,2	0,7	0,2	0,9	0,5	0,8	1,5	0,7	0,8	0,7
Jaramataia	1,9	1,0	1,6	2,4	1,9	1,6	1,4	1,3	2,2	2,9
Lagoa da Canoa	2,4	1,7	1,8	2,5	1,8	1,3	2,0	2,3	2,6	2,8
Limoeiro de Anadia	0,8	0,7	0,4	0,7	0,8	1,0	1,2	1,5	1,8	1,9
Major Isidoro	4,8	3,7	3,1	3,8	6,9	6,4	4,5	1,8	5,0	5,9
Olho d'Água Grande	0,1	0,4	0,1	0,2	0,1	0,1	0,2	0,1	0,3	0,4
São Sebastião	0,9	0,6	0,8	1,9	2,3	1,9	2,5	2,3	2,3	1,9
Taquarana	2,4	1,3	2,3	4,5	2,9	3,0	3,3	3,8	6,6	3,4
Traipu	1,0	0,9	1,1	1,0	0,8	0,8	0,9	1,6	S/R	S/R

Fonte: SISFAD/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Avaliando o indicador proporção de imóveis visitados em, pelo menos, 04 ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue, onde os municípios deveriam alcançar pelo menos 80% de cobertura em cada ciclo, não é observada tendência significativa ao longo dos anos (Figura 06). Vale destacar que os municípios de Belo Monte, Coité do Nóia, Jaramataia e Olho d'Água Grande realizaram pelo menos 04 ciclos de visitas

domiciliares com cobertura adequada em todos os anos da série, já Campo Grande, São Sebastião e Taquarana não realizaram em nenhum dos anos (Tabela 02).

Figura 06 – Percentual de municípios com pelo menos 4 ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue com 80% ou mais de cobertura, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2016.



Fonte: SISFAD/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Tabela 02 – Número de ciclos de visitas domiciliares para controle da dengue com 80% ou mais de cobertura, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2016.

LOCALIDADE	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
Arapiraca	0	0	0	0	0	6	6	5	5
Batalha	4	2	2	1	1	6	6	6	6
Belo Monte	6	5	5	6	5	6	6	5	6
Campo Grande	0	2	0	0	0	0	0	1	1
Coité do Nóia	4	5	6	6	5	6	6	5	6
Craibas	5	3	4	5	3	4	6	5	0
Feira Grande	3	3	4	2	0	1	2	4	5
Girau do Ponciano	0	1	3	6	3	4	5	3	1
Jacaré dos Homens	6	4	1	2	0	6	6	6	6
Jaramataia	6	5	6	6	5	6	6	6	5
Lagoa da Canoa	1	0	1	0	0	5	5	5	4
Limoeiro de Anadia	5	5	5	5	4	5	5	3	3
Major Isidoro	5	5	0	1	3	5	4	4	2
Olho d'Água Grande	6	6	6	6	5	6	6	6	4
São Sebastião	0	1	0	0	0	0	0	2	2
Taquarana	3	1	0	2	1	0	1	0	2
Traipu	2	5	0	3	0	1	3	0	0

Fonte: SISFAD/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Em 2016 os municípios da 7ª Região de Saúde registraram 7.324 casos suspeitos de dengue, sendo confirmados 6.284 (85,8%), destes, 1 caso grave e 1 óbito. Ressalta-

se que 4,6% dos casos notificados não foram investigados, destes, 25,8% são de Arapiraca e 22,9% de Limoeiro de Anadia. Os municípios de Coité do Nória, Girau do Ponciano, Jacaré dos Homens e Major Isidoro não apresentaram casos inconclusivos, demonstrando uma melhor oportunidade na investigação e encerramento dos casos (Tabela 03).

Tabela 03 – Classificação final dos casos notificados de dengue, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.

LOCALIDADE	DEN	%	DSA	%	DG	%	DESC	%	INC	%
7ª Região de Saúde	6275	85,7	8	0,1	1	0,0	704	9,6	336	4,6
Arapiraca	5122	98,2	5	0,1	1	0,0	2	0,0	87	1,7
Batalha	7	87,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	12,5
Belo Monte	7	87,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	12,5
Campo Grande	35	81,4	0	0,0	0	0,0	1	2,3	7	16,3
Coité do Nória	103	68,2	0	0,0	0	0,0	48	31,8	0	0,0
Craíbas	163	81,5	1	0,5	0	0,0	16	8,0	20	10,0
Feira Grande	245	76,6	1	0,3	0	0,0	52	16,3	22	6,9
Girau do Ponciano	281	90,4	0	0,0	0	0,0	30	9,6	0	0,0
Jacaré dos Homens	1	50,0	0	0,0	0	0,0	1	50,0	0	0,0
Jaramataia	19	95,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	5,0
Lagoa da Canoa	49	80,3	0	0,0	0	0,0	11	18,0	1	1,6
Limoeiro de Anadia	55	36,2	1	0,7	0	0,0	19	12,5	77	50,7
Major Isidoro	0	0,0	0	0,0	0	0,0	11	100,0	0	0,0
Olho d'Água Grande	11	36,7	0	0,0	0	0,0	12	40,0	7	23,3
São Sebastião	37	12,2	0	0,0	0	0,0	244	80,3	23	7,6
Taquarana	52	40,3	0	0,0	0	0,0	7	5,4	70	54,3
Traipu	88	24,6	0	0,0	0	0,0	250	70,0	19	5,3

DEN – dengue, DSA – dengue com sinais de alarme, DG – dengue grave, DESC – Descartados, INC – Inconclusivos.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

A 7ª RS apresentou em 2016 uma taxa de incidência de 1.180,5 casos por 100.000 habitantes. O município de Arapiraca foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabela 04). Analisando o diagrama de controle da dengue em 2016, percebe-se picos epidêmicos da 1ª a 4ª e da 7ª a 9ª semanas epidemiológicas (Figura 07).

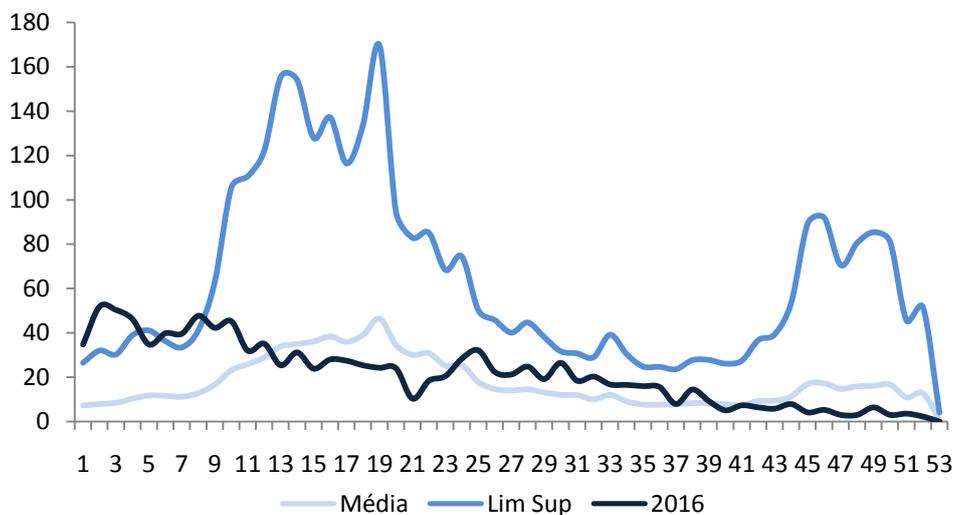
Tabela 04 – Casos notificados e confirmados de dengue, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2013 - 2016.

LOCALIDADE	2013			2014			2015			2016		
	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%	NOT	CONF	%
7ª Região de Saúde	5468	4187	76,6	4129	3404	82,4	11909	9490	79,7	7324	6284	85,8
Arapiraca	3997	3522	88,1	2713	2619	96,5	8260	7896	95,6	5217	5128	98,3
Batalha	2	1	50,0	6	3	50,0	205	8	3,9	8	7	87,5
Belo Monte	1	1	100,0	14	2	14,3	29	28	96,6	8	7	87,5
Campo Grande	39	3	7,7	8	4	50,0	29	14	48,3	43	35	81,4
Coité do Nóia	191	67	35,1	177	91	51,4	207	99	47,8	151	103	68,2
Craíbas	224	170	75,9	95	91	95,8	380	317	83,4	200	164	82,0
Feira Grande	89	63	70,8	246	206	83,7	328	311	94,8	320	246	76,9
Girau do Ponciano	294	91	31,0	119	52	43,7	534	117	21,9	311	281	90,4
Jacaré dos Homens	12	0	0,0	7	0	0,0	15	4	26,7	2	1	50,0
Jaramataia	10	7	70,0	11	9	81,8	48	37	77,1	20	19	95,0
Lagoa da Canoa	47	22	46,8	61	28	45,9	103	52	50,5	61	49	80,3
Lim. de Anadia	215	112	52,1	177	85	48,0	183	89	48,6	152	56	36,8
Major Isidoro	21	5	23,8	23	4	17,4	679	92	13,5	11	0	0,0
Olho d'Ág. Grande	17	7	41,2	6	4	66,7	21	9	42,9	30	11	36,7
São Sebastião	213	67	31,5	344	138	40,1	572	227	39,7	304	37	12,2
Taquarana	74	40	54,1	105	56	53,3	159	127	79,9	129	52	40,3
Traipu	22	9	40,9	17	12	70,6	157	63	40,1	357	88	24,6

NOT – Notificados, CONF – Confirmados.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

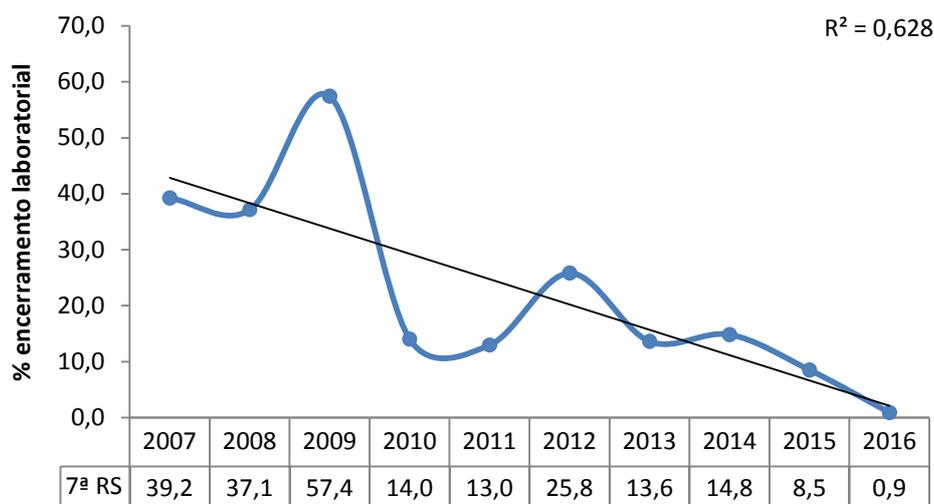
Figura 07 – Diagrama de controle da dengue, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

O encerramento laboratorial dos casos de dengue apresenta tendência moderada de queda na curva (Figura 08).

Figura 08 – Percentual de encerramento laboratorial dos casos de dengue, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

A faixa etária mais atingida em todos os anos do período avaliado foi a de 20 a 29 anos, com 22,7% dos casos (Tabela 05). Em relação ao sexo, o mais atingido foi o feminino com 56,6% dos casos.

Tabela 05 – Percentual dos casos de dengue por faixa etária, 7ª Região de Saúde Alagoas, 2007 – 2016.

FAIXA ETÁRIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
< 1 ano	3,0	3,4	1,6	1,5	1,3	1,6	1,4	1,6	2,4	2,4
1 a 4 anos	4,2	10,0	5,9	7,8	2,6	4,5	3,9	2,5	3,5	4,3
5 a 9 anos	8,3	16,0	7,8	12,8	6,3	5,8	6,9	3,0	4,9	5,1
10 a 14 anos	9,8	12,8	14,5	13,9	7,5	8,6	8,9	7,2	8,3	7,4
15 a 19 anos	10,5	10,7	9,4	12,3	15,6	14,5	14,9	15,3	13,0	11,0
20 a 29 anos	24,8	19,2	21,9	20,2	26,6	27,6	26,8	28,7	21,7	19,5
30 a 39 anos	18,7	14,2	21,9	13,1	14,8	18,4	15,8	18,9	16,5	14,6
40 a 49 anos	11,1	6,9	9,0	8,9	8,2	10,2	10,0	10,0	11,3	10,2
50 a 59 anos	6,3	4,0	4,3	5,4	5,2	5,1	5,6	6,5	7,5	8,8
60 a 69 anos	2,5	2,1	2,7	2,8	3,4	2,6	3,5	3,6	5,6	8,3
70 a 79 anos	0,7	0,8	1,2	0,9	8,4	0,9	1,6	2,2	3,7	5,7
≥ 80 anos	0,0	0,0	0,0	0,3	0,2	0,3	0,8	0,5	1,4	2,8

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Esquistossomose

Na 7ª RS, nos municípios endêmicos, foram realizados 15.654 exames coprocópicos, destes, 545 (3,5%) foram positivos para *Schistosoma mansoni*, sendo

tratadas apenas 372 pessoas (68,3%). O município com o maior percentual de exames positivos e o com menor percentual de positivos tratados foi Lagoa da Canoa (Tabela 06).

Tabela 06 – Exames coproscópicos para *Schistosoma mansoni*, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.

LOCALIDADE	EXAMES	POSITIVOS	%	TRATADOS	%
7ª Região de Saúde	15654	545	3,5	372	68,3
Arapiraca	9798	355	3,6	293	82,5
Batalha	0	0	S/R	0	S/R
Belo Monte	0	0	S/R	0	S/R
Campo Grande	0	0	S/R	0	S/R
Coité do Nóia	207	2	1,0	2	100,0
Craíbas	418	0	0,0	0	S/R
Feira Grande	1583	44	2,8	19	43,2
Girau do Ponciano	0	0	S/R	0	S/R
Jacaré dos Homens	0	0	S/R	0	S/R
Jaramataia	0	0	S/R	0	S/R
Lagoa da Canoa	1998	117	5,9	34	29,1
Limoeiro de Anadia	68	2	2,9	0	0,0
Major Isidoro	0	0	S/R	0	S/R
Olho d'Água Grande	0	0	S/R	0	S/R
São Sebastião	0	0	S/R	0	S/R
Taquarana	1582	25	1,6	24	96,0
Traipu	0	0	S/R	0	S/R

S/R – Sem registro

Fonte: SISPCE/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito aos demais vermes examinados na 7ª RS, os maiores percentuais de positividade, respectivamente, foram para: Ancylostomídeos (4,9%), Trichuris (1,5%) e Ascaris (0,3%) (Tabela 07).

Tabela 07 – Exames coprocópicos positivos para Ancylostomídeos, Ascaris e Trichuris, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.

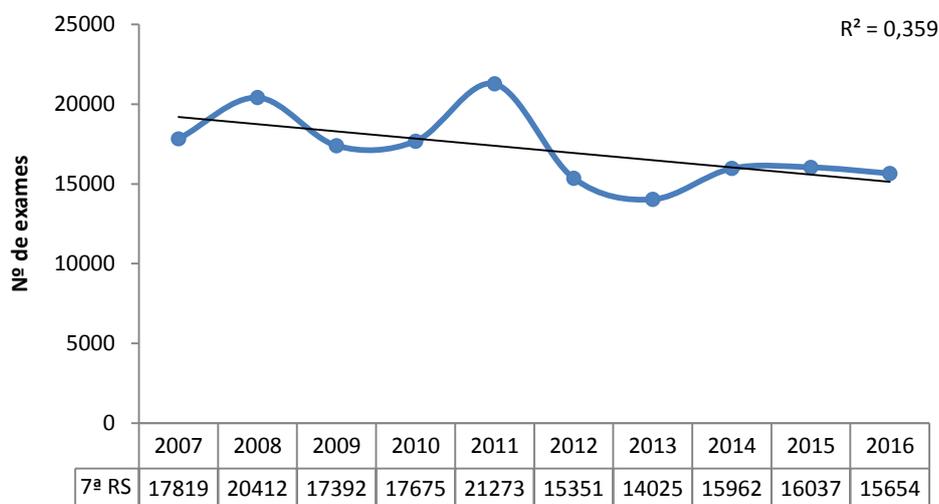
LOCALIDADE	ASCARIS	%	ANCYLOSTOMÍDEOS	%	TRICHURIS	%
7ª Região de Saúde	42	0,3	769	4,9	240	1,5
Arapiraca	19	0,2	294	3,0	23	0,2
Batalha	0	S/R	0	S/R	0	S/R
Belo Monte	0	S/R	0	S/R	0	S/R
Campo Grande	0	S/R	0	S/R	0	S/R
Coité do Nóia	0	0,0	7	3,4	0	0,0
Craíbas	1	0,2	36	8,6	6	1,4
Feira Grande	8	0,5	160	10,1	24	1,5
Girau do Ponciano	0	S/R	0	S/R	0	S/R
Jacaré dos Homens	0	S/R	0	S/R	0	S/R
Jaramataia	0	S/R	0	S/R	0	S/R
Lagoa da Canoa	7	0,4	134	6,7	15	0,8
Limoeiro de Anadia	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Major Isidoro	0	S/R	0	S/R	0	S/R
Olho d'Água Grande	0	S/R	0	S/R	0	S/R
São Sebastião	0	S/R	0	S/R	0	S/R
Taquarana	7	0,4	138	8,7	172	10,9
Traipu	0	S/R	0	S/R	0	S/R

S/R – Sem registro

Fonte: SISPC/CIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

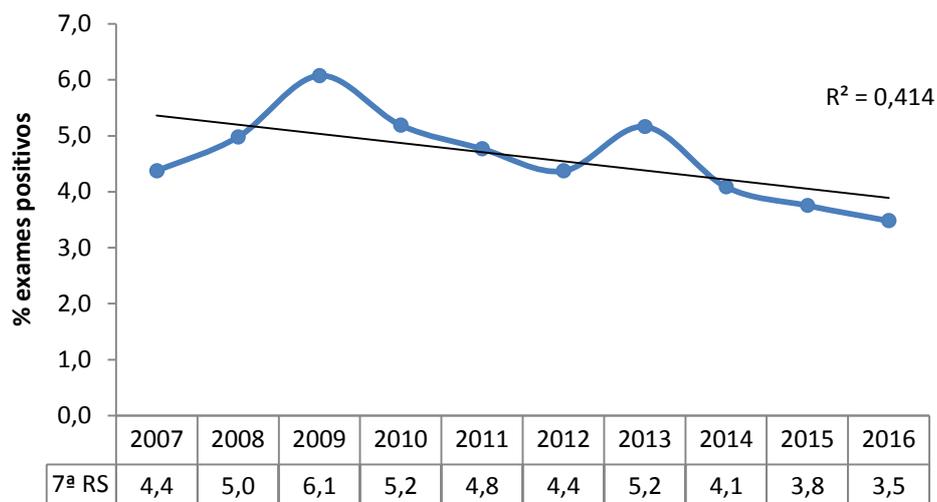
Ao longo dos anos o quantitativo de exames realizados vem se mantendo, não sendo visualizada tendência significativa na curva (Figura 09). O percentual de exames positivos apresenta tendência fraca de queda ao longo dos anos (Figura 10), já o percentual de exames positivos tratados apresenta tendência moderada de queda, tendo uma média de 72,9% de tratamento destes casos (Figura 11).

Figura 09 – Tendência temporal dos exames coprocópicos para *Schistosoma mansoni*, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



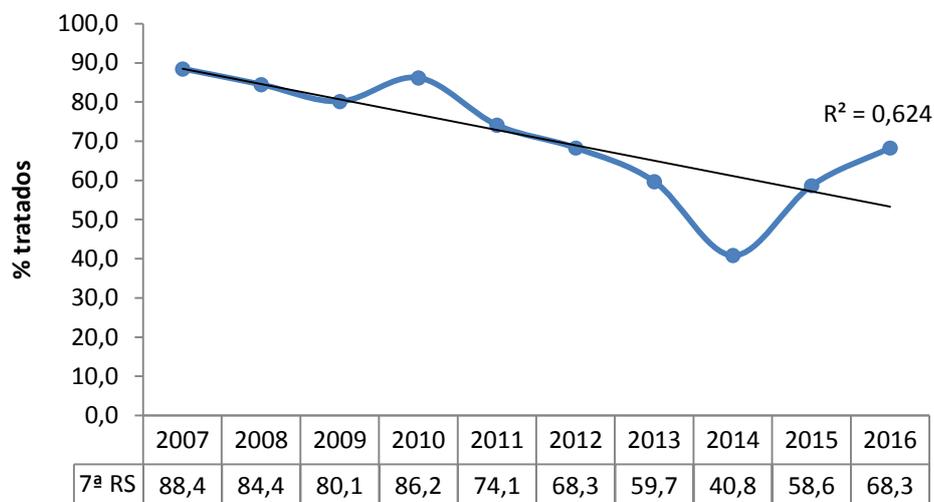
Fonte: SISPC/CIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Figura 10 – Tendência temporal do percentual de exames positivos para *Schistosoma mansoni*, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 - 2016.



Fonte: SISPC/CIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Figura 11 – Tendência temporal do percentual de tratamento dos exames positivos para *Schistosoma mansoni*, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SISPC/CIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Doença de Chagas, Leishmaniose Tegumentar Americana e Leishmaniose Visceral

De 2007 a 2016 a 7ª RS notificou e confirmou apenas 1 caso de chagas agudo. No mesmo período, também notificou 6 casos de leishmaniose tegumentar americana

(Tabela 08). Para leishmaniose visceral foram notificados e confirmados 71 casos, a maioria em Girau do Ponciano (22,5%) e Traipu (19,7%) (Tabela 09), atingindo principalmente as crianças menores de 5 anos (38,0%), sendo registrado 6 óbitos no período. Não foi registrada nenhuma notificação para peste.

Tabela 08 – Número de casos de leishmaniose tegumentar americana, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	1	1	0	1	0	1	0	0	2	0
Arapiraca	1	0	0	0	0	1	0	0	2	0
Batalha	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Belo Monte	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Campo Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Coité do Nóia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Craíbas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Feira Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Girau do Ponciano	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Jacaré dos Homens	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Jaramataia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lagoa da Canoa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Limoeiro de Anadia	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Major Isidoro	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Olho d'Água Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
São Sebastião	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Taquarana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Traipu	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Tabela 09 – Número de casos de leishmaniose visceral, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	9	9	10	10	6	9	3	2	7	6
Arapiraca	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Batalha	1	0	0	0	2	0	0	0	2	0
Belo Monte	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Campo Grande	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0
Coité do Nóia	1	1	0	0	0	1	0	0	2	0
Craíbas	0	1	1	0	0	2	0	0	0	0
Feira Grande	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Girau do Ponciano	2	4	3	2	1	2	0	0	1	1
Jacaré dos Homens	0	0	2	0	0	3	1	0	0	0
Jaramataia	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0
Lagoa da Canoa	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Limoeiro de Anadia	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0
Major Isidoro	1	1	0	0	0	0	2	1	1	1
Olho d'Água Grande	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
São Sebastião	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Taquarana	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
Traipu	2	1	0	5	2	1	0	0	0	3

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Hanseníase

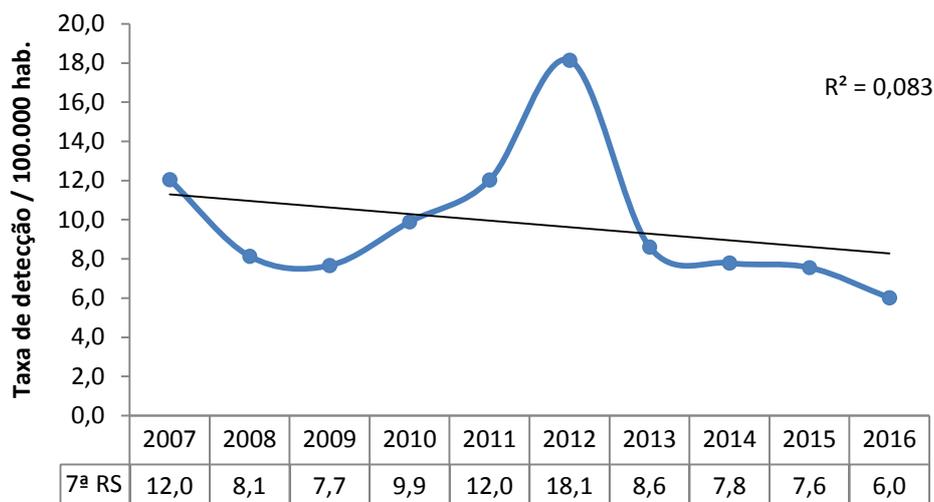
Em 2016 a 7ª RS apresentou uma taxa de detecção de 6,0/100.000 habitantes, sendo considerada média de acordo com os parâmetros da RIPSa, 2010 (baixa: menor que 2,00; média: 2,00 a 9,99; alta: 10,00 a 19,99; muito alta: 20,00 a 39,99; e situação hiperendêmica: maior ou igual a 40,00). Analisando a série histórica, não é visualizada tendência significativa na taxa de detecção. O município de Arapiraca foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabela 10 e Figura 12).

Tabela 10 – Número de casos novos de Hanseníase, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	59	40	38	49	60	91	45	41	40	32
Arapiraca	41	27	23	31	34	66	37	23	28	20
Batalha	2	1	2	2	1	0	1	1	0	0
Belo Monte	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Campo Grande	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Coité do Nóia	0	0	1	1	0	2	0	0	1	0
Craíbas	3	1	1	5	4	3	4	2	4	3
Feira Grande	0	1	0	0	1	1	0	0	0	1
Girau do Ponciano	1	0	1	0	1	4	0	2	4	1
Jacaré dos Homens	0	0	1	0	0	4	0	1	0	0
Jaramataia	0	3	0	4	3	1	0	3	0	3
Lagoa da Canoa	1	2	2	2	2	3	1	3	0	1
Limoeiro de Anadia	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0
Major Isidoro	5	3	4	2	12	5	0	2	0	1
Olho d'Água Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
São Sebastião	4	0	0	0	1	1	0	2	2	1
Taquarana	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1
Traipu	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Figura 12 – Tendência temporal da taxa de detecção da hanseníase, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Avaliando todos os casos notificados que deveriam estar encerrados em 2016 na 7ª RS, o percentual de cura alcançado foi de 73,6%, abaixo do preconizado pelo Ministério da Saúde (90%). Destacam-se os municípios de Belo Monte, Jacaré dos Homens, Limoeiro de Anadia, Olho d'Água Grande, Taquarana e Lagoa da Canoa que alcançaram este percentual em todos os anos que apresentaram notificações, este último, 100% em todos os anos da série. Ressalta-se o não alcance pela 7ª RS desde 2008 (Tabela 11). Não é visualizada na 7ª RS tendência significativa no percentual de cura da doença (Figura 13).

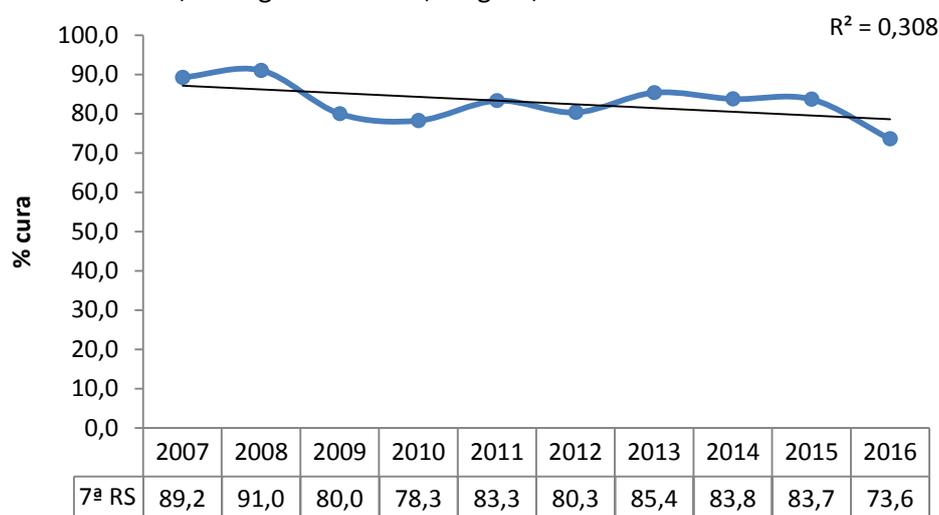
Tabela 11 - Percentual de cura dos casos notificados de hanseníase, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	89,2	91,0	80,0	78,3	83,3	80,3	85,4	83,8	83,7	73,6
Arapiraca	97,6	90,6	82,1	84,6	93,1	83,3	80,0	90,2	85,3	71,9
Batalha	100,0	100,0	100,0	50,0	0,0	66,7	S/C	100,0	50,0	S/C
Belo Monte	S/C	100,0	100,0	100,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Campo Grande	S/C	0,0	S/C							
Coité do Nóia	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	0,0	S/C	100,0	S/C	S/C
Craíbas	50,0	100,0	50,0	50,0	50,0	66,7	100,0	75,0	100,0	100,0
Feira Grande	100,0	S/C	S/C	25,0	S/C	100,0	S/C	100,0	S/C	S/C
Girau do Ponciano	S/C	100,0	S/C	S/C	0,0	S/C	100,0	33,3	50,0	0,0
Jacaré dos Homens	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C	100,0
Jaramataia	66,7	100,0	100,0	100,0	0,0	50,0	80,0	S/C	100,0	100,0
Lagoa da Canoa	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Limoeiro de Anadia	S/C	S/C	100,0	S/C	100,0	100,0	S/C	S/C	S/C	S/C
Major Isidoro	71,4	80,0	85,7	100,0	100,0	100,0	86,7	100,0	S/C	66,7
Olho d'Água Grande	100,0	S/C								
São Sebastião	100,0	100,0	33,3	S/C	S/C	100,0	100,0	0,0	100,0	100,0
Taquarana	100,0	100,0	S/C	100,0	100,0	S/C	100,0	S/C	100,0	100,0
Traipu	S/C	50,0	S/C	100,0	0,0	S/C	S/C	0,0	100,0	100,0

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Figura 13 – Tendência temporal do percentual de cura dos casos notificados de hanseníase, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

A taxa de abandono do tratamento para os casos que deveriam estar encerrados em 2016 na 7ª RS foi de 1,9%, dentro do percentual máximo aceitável de 5% (Tabela 12).

Tabela 12 - Percentual de abandono dos casos notificados de hanseníase, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	3,1	3,8	6,7	4,3	8,3	13,1	7,3	5,0	6,1	1,9
Arapiraca	2,4	3,8	10,7	3,8	6,9	14,3	8,9	6,6	5,9	3,1
Batalha	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	33,3	S/C	0,0	50,0	S/C
Belo Monte	S/C	0,0	0,0	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Campo Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C
Coité do Nóia	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	0,0	S/C	0,0	S/C	S/C
Craíbas	0,0	0,0	0,0	50,0	25,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Feira Grande	0,0	S/C	S/C	0,0	S/C	0,0	S/C	0,0	S/C	S/C
Girau do Ponciano	S/C	0,0	S/C	S/C	0,0	S/C	0,0	0,0	0,0	0,0
Jacaré dos Homens	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	0,0
Jaramataia	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	25,0	20,0	S/C	0,0	0,0
Lagoa da Canoa	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Limoeiro de Anadia	S/C	S/C	0,0	S/C	0,0	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C
Major Isidoro	14,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	6,7	0,0	S/C	0,0
Olho d'Água Grande	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
São Sebastião	0,0	0,0	0,0	S/C	S/C	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Taquarana	0,0	0,0	S/C	0,0	0,0	S/C	0,0	S/C	0,0	0,0
Traipu	S/C	50,0	S/C	0,0	0,0	S/C	S/C	0,0	0,0	0,0

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Considerando que o percentual mínimo de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos para ser considerado bom é de 75%, nos últimos 4 anos, apenas os municípios de Batalha, Coité do Nóia, Craíbas, Jacaré dos Homens e Lagoa da Canoa alcançaram este valor em todos os anos que apresentaram notificações (Tabela 13). Avaliando a série histórica, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 14).

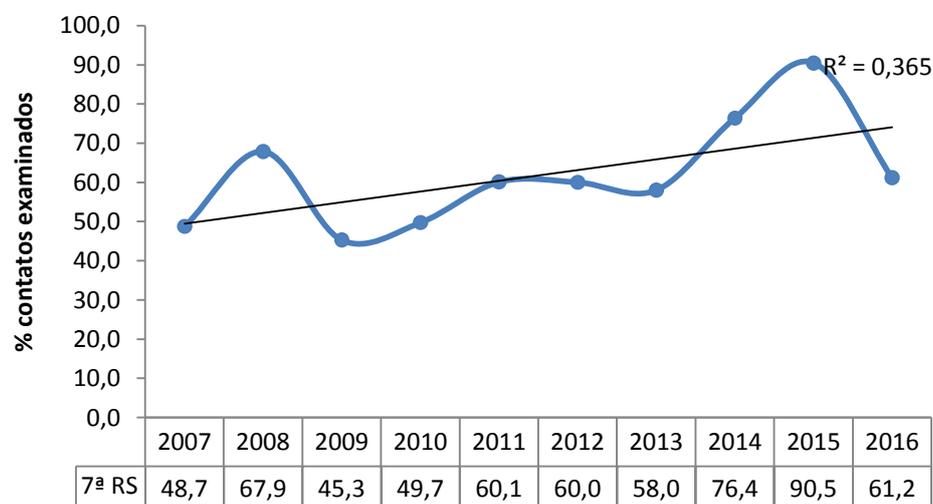
Tabela 13 - Percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos de hanseníase, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	48,7	67,9	45,3	49,7	60,1	60,0	58,0	76,4	90,5	61,2
Arapiraca	44,5	66,7	34,4	42,7	48,7	54,0	45,5	64,1	88,1	59,1
Batalha	66,7	100,0	80,0	100,0	100,0	S/C	100,0	100,0	S/C	S/C
Belo Monte	S/C	S/C	0,0	S/C						
Campo Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C
Coité do Nóia	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C	100,0	S/C
Craíbas	125,0	100,0	100,0	60,0	100,0	60,0	100,0	92,3	100,0	87,5
Feira Grande	S/C	100,0	S/C	S/C	0,0	40,0	S/C	S/C	S/C	100,0
Girau do Ponciano	100,0	S/C	0,0	S/C	66,7	25,0	S/C	20,0	100,0	100,0
Jacaré dos Homens	S/C	S/C	150,0	S/C	S/C	100,0	S/C	100,0	S/C	S/C
Jaramataia	S/C	37,5	S/C	0,0	64,3	100,0	S/C	87,5	S/C	29,4
Lagoa da Canoa	14,3	33,3	100,0	52,9	66,7	44,4	100,0	94,7	S/C	S/C
Limoeiro de Anadia	100,0	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Major Isidoro	100,0	100,0	67,6	66,7	84,0	86,5	S/C	0,0	S/C	100,0
Olho d'Água Grande	S/C									
São Sebastião	0,0	S/C	S/C	S/C	0,0	100,0	S/C	100,0	50,0	100,0
Taquarana	0,0	100,0	28,6	S/C	100,0	0,0	S/C	100,0	100,0	100,0
Traipu	S/C	0,0	0,0	S/C	S/C	S/C	75,0	0,0	S/C	S/C

S/C – Sem contato e/ou notificação

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Figura 14 – Tendência temporal do percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos novos de hanseníase, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



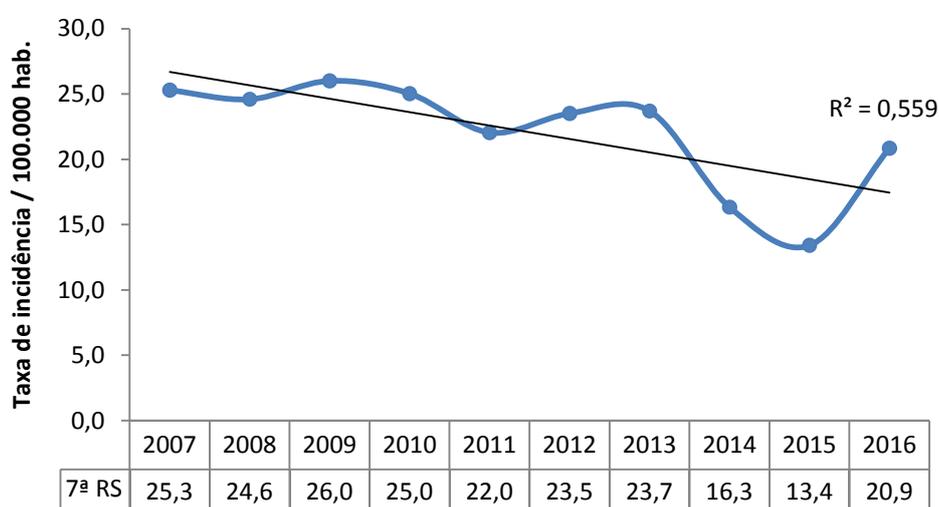
Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Tuberculose

Em 2016 foram notificados 140 casos na 7ª RS, dos quais 111 (79,3%) foram casos novos; 3 (2,1%) de recidiva; 7 (5,0%) de reingressos após abandono; e 17 (12,1%) com o tipo de entrada transferência.

A taxa de incidência na 7ª RS foi de 20,9/100.000 habitantes. Visualiza-se tendência moderada de queda na curva de incidência (Figura 15). O município de Arapiraca foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabelas 14 e 15).

Figura 15 – Tendência temporal da taxa de incidência de tuberculose, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Tabela 14 – Número de casos novos de tuberculose, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	124	121	129	124	110	118	124	86	71	111
Arapiraca	83	69	77	74	48	69	75	46	45	81
Batalha	7	4	11	7	7	3	9	3	6	6
Belo Monte	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0
Campo Grande	0	3	1	3	2	3	4	0	1	1
Coité do Nóia	1	2	2	1	2	0	2	6	1	3
Craíbas	3	5	2	4	3	4	3	4	0	2
Feira Grande	5	5	2	0	6	3	2	3	1	4
Girau do Ponciano	3	6	6	6	7	4	6	3	2	3
Jacaré dos Homens	0	0	0	0	1	2	0	2	2	1
Jaramataia	2	2	1	3	0	1	1	3	0	0
Lagoa da Canoa	3	2	2	2	4	7	5	2	4	0
Limoeiro de Anadia	0	3	4	3	5	3	3	5	2	2
Major Isidoro	6	4	6	9	7	6	3	2	0	1
Olho d'Água Grande	1	1	2	2	1	0	0	0	0	0
São Sebastião	7	5	7	4	8	6	6	3	3	2
Taquarana	0	4	3	1	6	3	4	1	4	0
Traipu	3	6	3	5	3	3	1	2	0	5

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Tabela 15 – Número de casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	83	67	71	80	61	67	62	50	37	69
Arapiraca	51	35	40	48	23	39	38	28	27	49
Batalha	3	2	8	6	4	1	8	0	2	2
Belo Monte	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Campo Grande	0	0	0	2	2	3	2	0	1	1
Coité do Nóia	1	1	2	2	1	0	1	2	0	2
Craíbas	2	1	0	3	0	0	0	3	0	2
Feira Grande	3	1	1	0	3	1	3	0	0	5
Girau do Ponciano	4	5	1	2	2	2	3	3	0	1
Jacaré dos Homens	0	0	0	0	1	1	0	2	0	1
Jaramataia	1	1	0	0	0	1	0	1	1	0
Lagoa da Canoa	3	1	3	1	5	5	2	1	3	0
Limoeiro de Anadia	1	3	4	3	2	0	0	4	1	2
Major Isidoro	4	4	4	5	5	3	1	1	0	0
Olho d'Água Grande	1	0	2	0	0	0	0	0	0	0
São Sebastião	4	5	4	1	6	8	3	4	1	1
Taquarana	1	3	1	1	5	2	1	0	1	0
Traipu	4	5	1	6	2	0	0	1	0	3

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

O percentual de cura dos casos bacilíferos que deveriam estar encerrado em 2016 na 7ª RS foi de 64,9%, abaixo do mínimo preconizado pelo MS de 85%, meta necessária para promover a interrupção da transmissão. Na série analisada, nenhum município conseguiu o percentual ideal em todos os anos que apresentaram

notificações, em 2016 apenas Campo Grande, Limoeiro de Anadia e Taquarana alcançaram o percentual ideal (Tabela 16). Analisando a série histórica da Região, visualiza-se tendência moderada de queda na proporção de cura (Figura 16).

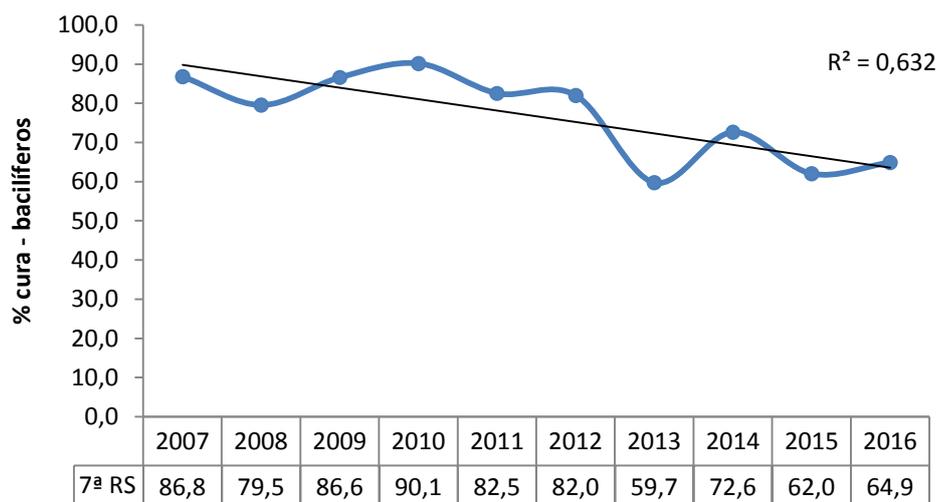
Tabela 16 - Percentual de cura dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, Alagoas, 7ª Região de Saúde, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	86,8	79,5	86,6	90,1	82,5	82,0	59,7	72,6	62,0	64,9
Arapiraca	92,1	82,4	82,9	95,0	85,4	82,6	66,7	76,3	78,6	70,4
Batalha	66,7	66,7	100,0	75,0	100,0	75,0	0,0	37,5	S/C	0,0
Belo Monte	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C
Campo Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	100,0	33,3	100,0	S/C	100,0
Coité do Nóia	100,0	100,0	100,0	100,0	50,0	100,0	S/C	100,0	50,0	S/C
Craíbas	100,0	50,0	0,0	S/C	66,7	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C
Feira Grande	100,0	66,7	100,0	100,0	S/C	100,0	100,0	100,0	S/C	S/C
Girau do Ponciano	100,0	75,0	80,0	100,0	100,0	100,0	100,0	66,7	66,7	S/C
Jacaré dos Homens	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	0,0	S/C	100,0	S/C
Jaramataia	S/C	0,0	100,0	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	0,0	0,0
Lagoa da Canoa	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	40,0	50,0	0,0	66,7
Limoeiro de Anadia	0,0	100,0	100,0	100,0	66,7	100,0	S/C	S/C	25,0	100,0
Major Isidoro	87,5	75,0	75,0	75,0	40,0	80,0	66,7	100,0	0,0	S/C
Olho d'Água Grande	100,0	100,0	S/C	50,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
São Sebastião	50,0	75,0	100,0	75,0	100,0	66,7	37,5	66,7	50,0	0,0
Taquarana	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	40,0	100,0	100,0	S/C	100,0
Traipu	50,0	75,0	100,0	100,0	83,3	100,0	S/C	S/C	100,0	S/C

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Figura 16 – Tendência temporal do percentual de cura dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

A taxa de abandono do tratamento dos casos que deveriam estar encerrados em 2016 foi de 2,7%, dentro do percentual aceitável (5%). Ressalta-se que os Municípios de Belo Monte, Campo Grande, Coité do Nóia, Girau do Ponciano, Jacaré dos Homens, Jaramataia, Olho d'Água Grande, Taquarana e Traipu alcançaram o percentual ideal em todos os anos que apresentaram notificações (Tabela 17). Analisando a série histórica da 7ª RS, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 17).

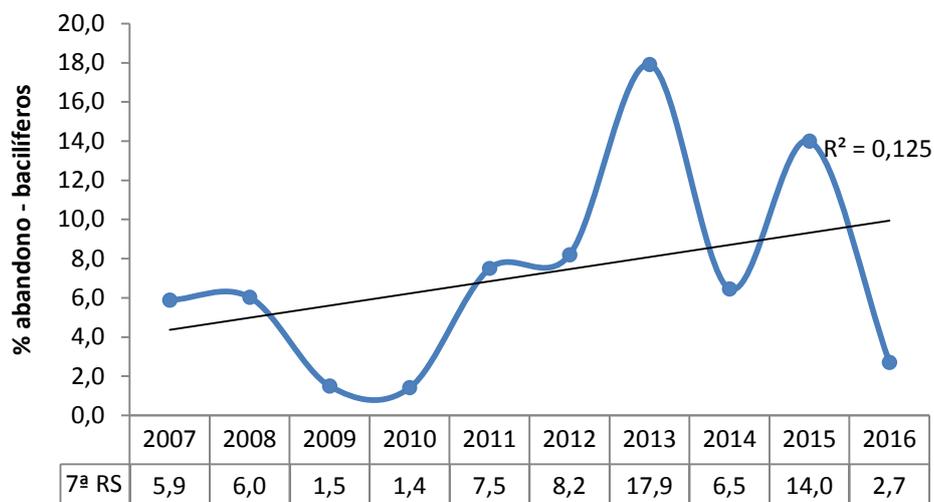
Tabela 17 - Percentual de abandono de tratamento dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, Alagoas, 7ª Região de Saúde, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	5,9	6,0	1,5	1,4	7,5	8,2	17,9	6,5	14,0	2,7
Arapiraca	0,0	7,8	0,0	0,0	8,3	13,0	23,1	10,5	14,3	3,7
Batalha	16,7	0,0	0,0	0,0	0,0	25,0	100,0	0,0	S/C	0,0
Belo Monte	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C
Campo Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C	0,0
Coité do Nóia	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C	0,0	0,0	S/C
Craíbas	0,0	0,0	0,0	S/C	33,3	S/C	S/C	S/C	66,7	S/C
Feira Grande	0,0	33,3	0,0	0,0	S/C	0,0	0,0	0,0	S/C	S/C
Girau do Ponciano	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C
Jacaré dos Homens	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	0,0	S/C	0,0	S/C
Jaramataia	S/C	0,0	0,0	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	0,0	0,0
Lagoa da Canoa	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	20,0	0,0	0,0	0,0
Limoeiro de Anadia	100,0	0,0	0,0	0,0	33,3	0,0	S/C	S/C	0,0	0,0
Major Isidoro	12,5	0,0	25,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C
Olho d'Água Grande	0,0	0,0	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
São Sebastião	50,0	0,0	0,0	25,0	0,0	16,7	12,5	0,0	25,0	0,0
Taquarana	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C	0,0
Traipu	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C	S/C	0,0	S/C

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Figura 17 – Tendência temporal do percentual de abandono de tratamento dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Considerando que o percentual mínimo de exames dos contatos intradomiciliares dos casos pulmonares bacilíferos é de 90%, na série analisada, a 7ª RS não alcançou este valor em nenhum dos anos, assim como nenhum município. Em 2016 somente Coité do Nóia, Girau do Ponciano e São Sebastião conseguiram atingir o percentual ideal (Tabela 18). Analisando a série histórica da 7ª RS, não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 18).

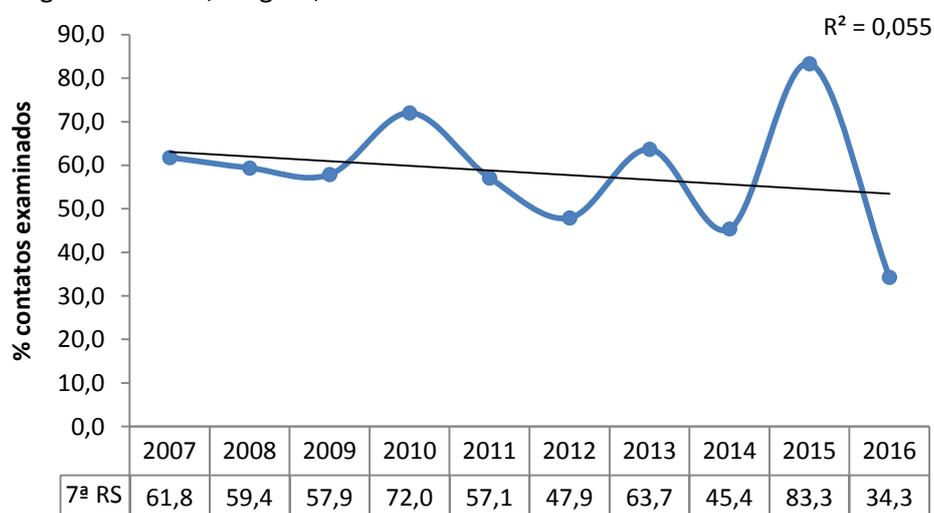
Tabela 18 - Percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	61,8	59,4	57,9	72,0	57,1	47,9	63,7	45,4	83,3	34,3
Arapiraca	62,1	63,2	69,6	75,3	50,6	44,0	43,0	62,0	88,8	35,7
Batalha	16,7	0,0	70,0	100,0	100,0	0,0	59,1	S/C	0,0	0,0
Belo Monte	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C
Campo Grande	S/C	S/C	S/C	75,0	44,4	0,0	100,0	S/C	0,0	S/C
Coité do Nóia	0,0	0,0	40,0	28,6	100,0	S/C	100,0	100,0	S/C	100,0
Craíbas	100,0	100,0	S/C	100,0	S/C	S/C	S/C	23,5	S/C	42,9
Feira Grande	50,0	100,0	0,0	S/C	46,2	100,0	100,0	S/C	S/C	0,0
Girau do Ponciano	68,4	69,2	0,0	53,3	31,3	75,0	100,0	100,0	S/C	100,0
Jacaré dos Homens	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	66,7	S/C	100,0	S/C	0,0
Jaramataia	0,0	75,0	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	0,0	0,0	S/C
Lagoa da Canoa	100,0	100,0	41,7	100,0	78,9	54,5	100,0	0,0	100,0	S/C
Limoeiro de Anadia	50,0	54,5	46,2	35,7	83,3	S/C	S/C	0,0	100,0	S/C
Major Isidoro	69,2	72,2	68,0	66,7	81,3	80,0	100,0	100,0	S/C	S/C
Olho d'Água Grande	100,0	S/C	0,0	S/C						
São Sebastião	100,0	0,0	40,0	100,0	55,2	63,6	75,0	84,6	100,0	100,0
Taquarana	S/C	10,0	0,0	60,0	14,3	S/C	100,0	S/C	100,0	S/C
Traipu	28,6	100,0	0,0	65,2	0,0	S/C	S/C	50,0	S/C	0,0

S/C – Sem contato e/ou notificação

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

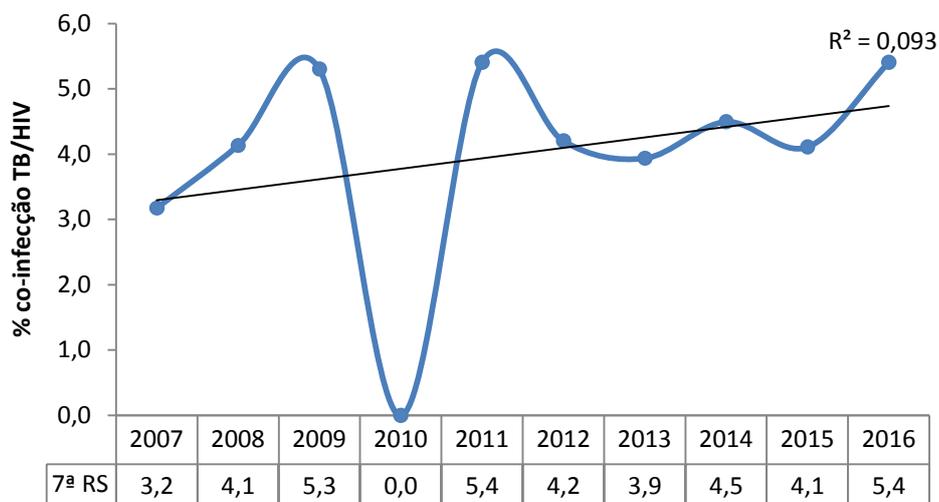
Figura 18 – Tendência temporal do percentual de realização de exames dos contatos intradomiciliares dos casos de tuberculose pulmonar bacilífera, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito a co-infecção dos casos novos de tuberculose com o vírus HIV, não é visualizada tendência significativa na série (Figura 19).

Figura 19 – Tendência temporal do percentual de co-infecção dos casos novos de tuberculose com o vírus HIV, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Sífilis congênita/gestante

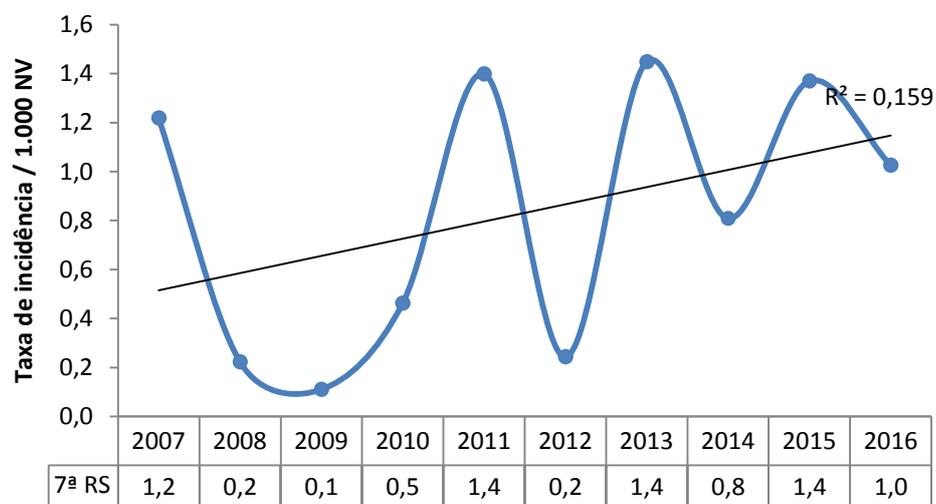
No ano de 2016, foram notificados 8 casos de sífilis congênita na 7ª RS, o que representa uma taxa de incidência de 1,0 por 1.000 nascidos vivos. Cinco casos foram em Arapiraca (Tabela 19). Analisando a série histórica da 7ª RS não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 20). Para a eliminação desta doença como problema de saúde pública se faz necessário a redução de sua incidência a menos de um caso por mil nascidos vivos (RIPSA, 2010).

Tabela 19 – Número de casos de sífilis congênita, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	11	2	1	4	12	2	12	7	12	8
Arapiraca	4	1	1	2	5	1	9	5	10	5
Batalha	2	0	0	0	2	1	0	0	1	1
Belo Monte	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Campo Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Coité do Nóia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Craíbas	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Feira Grande	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
Girau do Ponciano	0	0	0	0	2	0	0	0	1	0
Jacaré dos Homens	3	1	0	0	1	0	0	0	0	0
Jaramataia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lagoa da Canoa	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Limoeiro de Anadia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Major Isidoro	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2
Olho d'Água Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
São Sebastião	2	0	0	1	0	0	0	1	0	0
Taquarana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Traipu	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

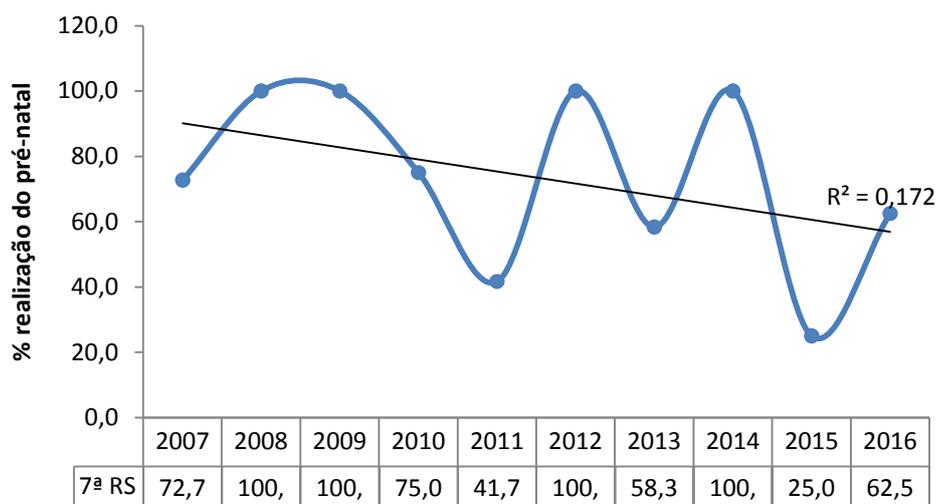
Figura 20 – Tendência temporal da taxa de incidência de sífilis congênita, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

O percentual de realização do pré-natal pelas mães em 2016 foi de 62,5%, o que pode indicar má qualidade na assistência prestada às gestantes na 7ª RS. Analisando a série histórica, não é visualizada tendência significativa no percentual de realização do exame (Figura 21).

Figura 21 – Tendência temporal da realização do pré-natal pelas mães dos casos de sífilis congênita, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito aos parceiros, o percentual de não tratados na 7ª RS é alto, com uma média de 35,2%, favorecendo a reinfeção da gestante mesmo que ela tenha feito o tratamento adequado (Tabela 20).

Tabela 20 – Percentual de parceiros não tratados de mães dos casos de sífilis congênita, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	72,7	50,0	0,0	50,0	25,0	100,0	33,3	42,9	0,0	25,0
Arapiraca	50,0	100,0	0,0	0,0	60,0	100,0	33,3	20,0	0,0	0,0
Batalha	100,0	S/C	S/C	S/C	0,0	100,0	S/C	S/C	0,0	100,0
Belo Monte	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C
Campo Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Coité do Nóia	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Craíbas	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C	S/C
Feira Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C
Girau do Ponciano	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C
Jacaré dos Homens	100,0	0,0	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Jaramataia	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Lagoa da Canoa	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Limoeiro de Anadia	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Major Isidoro	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	0,0	S/C	S/C	50,0
Olho d'Água Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
São Sebastião	50,0	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	S/C
Taquarana	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C
Traipu	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C

S/C – Sem caso notificado.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

O “Estudo Sentinela Parturiente”, Brasil, 2006 estabeleceu uma prevalência de sífilis em parturientes de 1,1%. Tomando como base esse dado e considerando-se 7.805 parturientes no ano de 2016 na 7ª RS, estima-se 86 casos de sífilis em gestante para este ano. Entretanto, no SINAN, foram registrados apenas 17 casos, o que representa 19,8% dos casos esperados para esta doença (Tabela 21).

Tabela 21 – Casos notificados e estimados de sífilis em gestante, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2013 – 2016.

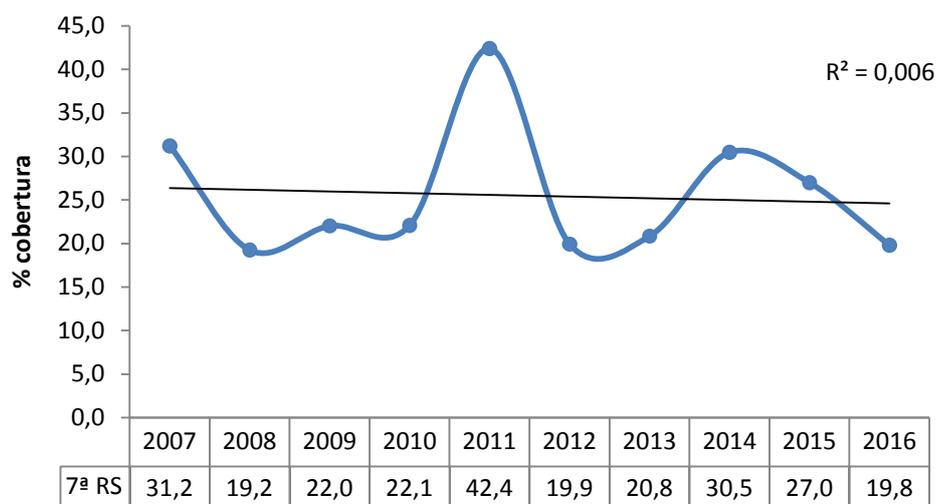
LOCALIDADE	2013			2014			2015			2016		
	EST	NOT	%									
7ª Região de Saúde	91	19	20,8	95	29	30,5	96	26	27,0	86	17	19,8
Arapiraca	42	11	26,4	45	15	33,5	46	11	23,8	42	8	19,2
Batalha	3	2	61,4	3	4	122,0	3	4	134,2	3	1	35,0
Belo Monte	1	0	0,0	1	0	0,0	1	0	0,0	1	0	0,0
Campo Grande	1	0	0,0	2	0	0,0	2	1	59,8	2	0	0,0
Coité do Nóia	2	0	0,0	2	0	0,0	2	0	0,0	2	0	0,0
Craíbas	5	0	0,0	4	1	22,2	5	1	20,9	4	2	46,0
Feira Grande	4	0	0,0	4	0	0,0	4	0	0,0	3	0	0,0
Girau do Ponciano	6	0	0,0	6	1	15,8	6	1	15,7	6	1	17,9
Jacaré dos Homens	1	2	165,3	1	0	0,0	1	1	84,2	1	0	0,0
Jaramataia	1	0	0,0	1	1	74,5	1	0	0,0	1	0	0,0
Lagoa da Canoa	3	0	0,0	3	1	30,1	4	0	0,0	3	0	0,0
Limoeiro de Anadia	4	0	0,0	4	0	0,0	4	0	0,0	3	0	0,0
Major Isidoro	3	1	32,5	3	2	64,0	3	3	100,3	3	3	113,2
Olho d'Água Grande	1	0	0,0	1	0	0,0	1	0	0,0	1	0	0,0
São Sebastião	7	2	30,5	7	2	30,4	6	3	50,2	5	0	0,0
Taquarana	3	1	29,2	3	1	30,3	3	1	28,9	3	1	33,3
Traipu	4	0	0,0	4	1	26,7	4	0	0,0	4	1	25,4

EST – Casos estimados; NOT – Casos notificados.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Na 7ª RS o número de casos de sífilis em gestante de 2013 a 2016 é sempre superior aos casos de sífilis congênita, porém, em nenhum dos anos o percentual de cobertura entre os casos notificados e estimados de sífilis em gestante superou nem a metade do esperado. Analisando a série histórica, não é visualizada tendência significativa na cobertura ao longo dos anos (Figura 22).

Figura 22 – Percentual de cobertura entre casos notificados e estimados de sífilis em gestante, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2017 – 2016.

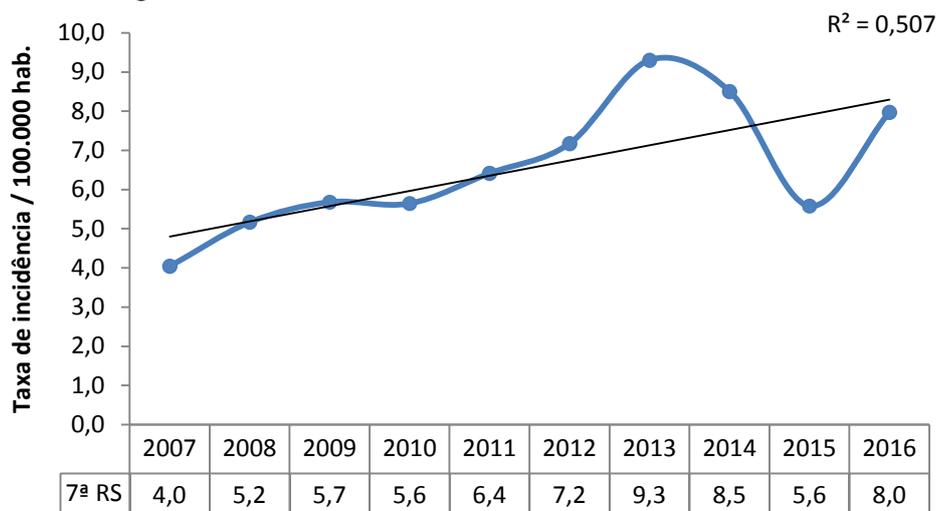


Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

AIDS

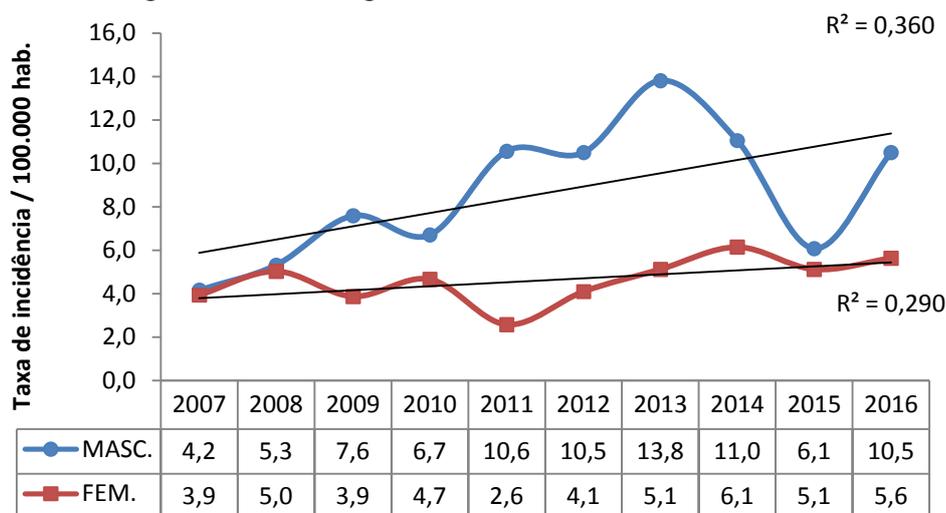
No ano de 2016 foram diagnosticados na 7ª RS 30 casos de AIDS, o que representa uma taxa de incidência de 8,0 casos por 100.000 habitantes. Analisando a série histórica, visualiza-se tendência moderada de aumento na taxa de incidência geral desta doença (Figura 23), já nas taxas por sexo não é visualizada tendência significativa, porém, sempre maiores entre os homens (Figura 24). O município de Arapiraca foi o que mais contribuiu para esta taxa (Tabela 22).

Figura 23 – Tendência temporal da taxa de incidência de AIDS, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Figura 24 – Tendência temporal da taxa de incidência por sexo dos casos de AIDS, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Tabela 22 – Número de casos de AIDS, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	14	18	20	21	24	27	35	32	21	30
Arapiraca	10	14	16	17	17	19	29	21	14	20
Batalha	0	0	0	0	1	1	0	1	1	0
Belo Monte	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Campo Grande	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0
Coité do Nóia	0	0	0	0	0	0	1	0	0	4
Craíbas	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0
Feira Grande	0	0	0	0	0	2	0	3	1	0
Girau do Ponciano	1	1	0	0	0	0	0	1	1	1
Jacaré dos Homens	0	0	0	0	1	1	0	2	0	0
Jaramataia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lagoa da Canoa	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Limoeiro de Anadia	1	1	0	0	0	2	2	0	1	0
Major Isidoro	0	0	1	1	0	0	0	1	0	2
Olho d'Água Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
São Sebastião	1	2	2	1	1	1	3	0	2	3
Taquarana	0	0	1	2	1	1	0	0	0	0
Traipu	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Na série analisada, em média, 63,6% dos casos são em homens. A faixa etária mais atingida foi a de 30 a 39 anos (Tabela 23). Dos 242 casos de AIDS diagnosticados no período, 70 foram a óbito (28,9%).

A partir de 2014 os casos de HIV+ começaram a ser inseridos no SINAN e nestes três últimos anos na 7ª RS já somam 204 casos.

Tabela 23 – Percentual dos casos de AIDS por faixa etária, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

FAIXA ETÁRIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
15 a 19 anos	0,0	0,0	10,0	0,0	0,0	7,4	2,9	0,0	14,3	3,3
20 a 29 anos	28,6	33,3	25,0	33,3	25,0	18,5	37,1	28,1	33,3	16,7
30 a 39 anos	57,1	27,8	15,0	33,3	33,3	29,6	25,7	25,0	23,8	40,0
40 a 49 anos	14,3	27,8	30,0	23,8	33,3	29,6	22,9	34,4	14,3	33,3
50 a 59 anos	0,0	0,0	15,0	9,5	4,2	14,8	8,6	9,4	9,5	6,7
60 a 69 anos	0,0	11,1	5,0	0,0	4,2	0,0	2,9	0,0	4,8	0,0
70 a 79 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	3,1	0,0	0,0
≥80 anos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

No que diz respeito às notificações de gestantes HIV positivo na 7ª RS, nos últimos 5 anos, percebe-se que a profilaxia Antirretroviral que deveria ser utilizada antes ou durante o pré-natal não está sendo aplicada de forma satisfatória (Tabela 24) percebe-se também que, mesmo sendo realizado o pré-natal, o vírus HIV está sendo

evidenciado durante ou após o parto, demonstrando uma má assistência a essas gestantes (Tabela 25).

Tabela 24 – Número de casos e percentual de gestantes HIV positivo que usaram Antirretroviral antes ou durante o pré-natal, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2012 – 2016.

LOCALIDADE	2012		2013		2014		2015		2016	
	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%
7ª Região de Saúde	3	42,9	5	50,0	5	55,6	8	47,1	9	45,0
Arapiraca	2	50,0	1	16,7	1	25,0	5	55,6	5	38,5
Batalha	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Belo Monte	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	0,0	0	S/C
Campo Grande	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Coité do Nóia	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Craíbas	1	33,3	1	100,0	0	0,0	0	0,0	2	66,7
Feira Grande	0	S/C	2	100,0	0	S/C	1	50,0	0	S/C
Girau do Ponciano	0	S/C	1	100,0	1	100,0	1	100,0	0	S/C
Jacaré dos Homens	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Jaramataia	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Lagoa da Canoa	0	S/C	0	S/C	0	S/C	1	50,0	0	S/C
Limoeiro de Anadia	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Major Isidoro	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	0,0
Olho d'Água Grande	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
São Sebastião	0	S/C	0	S/C	2	100,0	0	S/C	2	66,7
Taquarana	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Traipu	0	S/C	0	S/C	1	100,0	0	S/C	0	S/C

S/C – Sem caso notificado

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Tabela 25 – Número de casos e percentual de gestantes HIV positivo que realizaram o pré-natal e tiveram o diagnóstico do vírus durante ou após o parto, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2012 – 2016.

LOCALIDADE	2012		2013		2014		2015		2016	
	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%	CASOS	%
7ª Região de Saúde	1	14,3	0	0,0	0	0,0	1	5,9	1	5,0
Arapiraca	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	7,7
Batalha	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Belo Monte	0	S/C	0	S/C	0	S/C	1	50,0	0	S/C
Campo Grande	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Coité do Nóia	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Craíbas	1	33,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Feira Grande	0	S/C	0	0,0	0	S/C	0	0,0	0	S/C
Girau do Ponciano	0	S/C	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	S/C
Jacaré dos Homens	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Jaramataia	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Lagoa da Canoa	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	0,0	0	S/C
Limoeiro de Anadia	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Major Isidoro	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	0,0
Olho d'Água Grande	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
São Sebastião	0	S/C	0	S/C	0	0,0	0	S/C	0	0,0
Taquarana	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C	0	S/C
Traipu	0	S/C	0	S/C	0	0,0	0	S/C	0	S/C

S/C – Sem caso notificado.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Meningites

O número de casos de meningites vem se mantendo dentro do esperado (Tabela 26). Em média, a letalidade é de 10,3%. Em relação ao sexo, 58,4% eram homens, já no que diz respeito a idade, 58,4% dos pacientes tinham menos de 15 anos.

Tabela 26 – Número de casos de meningite, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	10	14	23	15	12	12	21	16	16	15
Arapiraca	5	2	4	7	4	5	15	7	7	7
Batalha	1	3	2	0	1	0	0	0	1	1
Belo Monte	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
Campo Grande	0	1	2	0	0	0	0	0	0	0
Coité do Nóia	0	0	0	1	0	0	0	1	1	1
Craíbas	0	0	2	2	0	0	0	0	0	1
Feira Grande	3	0	1	0	2	0	0	0	1	0
Girau do Ponciano	0	3	2	1	1	1	1	2	1	0
Jacaré dos Homens	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
Jaramataia	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Lagoa da Canoa	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Limoeiro de Anadia	0	0	2	0	0	0	1	1	1	3
Major Isidoro	0	0	2	0	0	1	0	0	0	0
Olho d'Água Grande	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0
São Sebastião	1	2	1	0	1	1	2	2	2	1
Taquarana	0	0	1	1	0	1	1	1	0	0
Traipu	0	1	1	0	2	3	1	2	2	1

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Quando avaliamos por etiologia (Tabela 27), percebe-se que em torno de 60% dos casos são meningites bacterianas, destas, 21,5% foram classificadas como doença meningocócica.

Tabela 27 – Número de casos de meningite por etiologia, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

ETIOLOGIA	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
IGN/EM BRANCO	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
MCC	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MM	1	2	0	0	0	1	1	1	1	0
MM+MCC	0	5	2	2	1	0	1	0	0	1
MTBC	0	0	3	0	0	0	2	3	1	3
MB	3	5	7	3	4	6	4	5	4	4
MNE	1	1	5	2	0	2	1	3	4	2
MV	2	0	5	5	2	1	7	2	3	4
MOE	0	0	0	1	3	1	3	0	0	0
MH	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
MP	2	1	0	2	2	1	1	2	3	1
Total	10	14	23	15	12	12	21	16	16	15

MCC – Meningococemia; MM – Meningite Meningocócica; MM+MCC - Meningite Meningocócica com Meningococemia; MTBC – Meningite Tuberculosa; MB – Meningite Bacteriana; MNE – Meningite não especificada; MV – Meningite Viral; MOE – Meningite por outras etiologias; MH – Meningite por Hemófilo; MP – Meningite Pneumocócica.

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Em relação a doença meningocócica, o número de casos mantêm-se dentro do esperado (Tabela 28), a média da letalidade é de 5,0%. Em relação ao sexo, 60,0% eram homens, já no que diz respeito a idade, 60,0% dos pacientes tinham menos de 15 anos.

Tabela 28 – Número de casos de doença meningocócica, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	2	7	2	2	1	1	2	1	1	1
Arapiraca	0	1	0	2	0	0	1	0	1	1
Batalha	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
Belo Monte	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Campo Grande	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Coité do Nóia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Craíbas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Feira Grande	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Girau do Ponciano	0	2	0	0	1	0	0	1	0	0
Jacaré dos Homens	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Jaramataia	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Lagoa da Canoa	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Limoeiro de Anadia	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Major Isidoro	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Olho d'Água Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
São Sebastião	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Taquarana	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Traipu	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Hepatites virais

Dados de 2016 revelam que a 7ª RS confirmou 6 casos de hepatites, todos por sorologia. Dentre os casos, 16,6% são causados pelo vírus A, 33,4% pelo B e 50,0% pelo C.

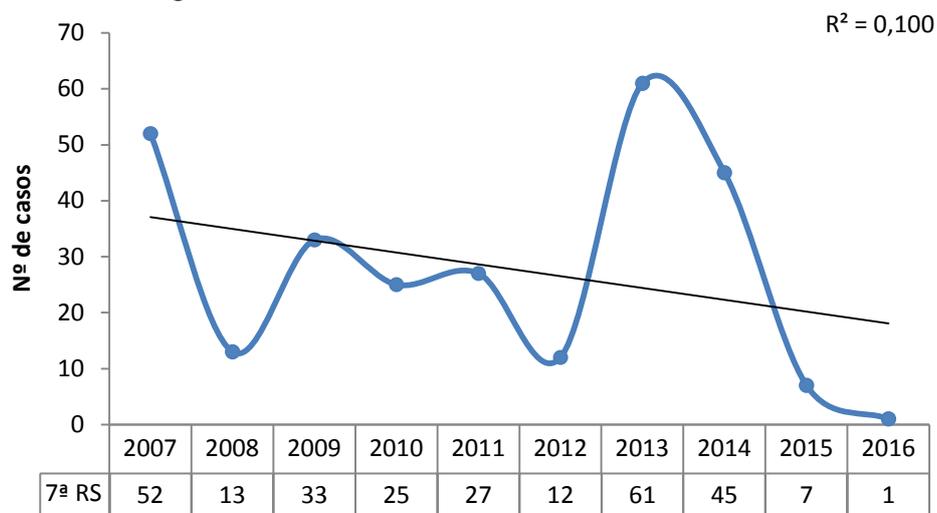
Em relação ao vírus A, 18,4% dos casos ocorreram em Arapiraca e 15,9% em Girau do Ponciano (Tabela 29). Não é visualizada tendência significativa na curva (Figura 25).

Tabela 29 – Número de casos de hepatite A, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	52	13	33	25	27	12	61	45	7	1
Arapiraca	21	4	6	3	8	2	5	3	0	0
Batalha	1	0	1	1	0	0	3	0	0	0
Belo Monte	0	0	1	0	0	0	7	3	0	0
Campo Grande	0	3	0	0	0	2	0	0	0	0
Coité do Nóia	16	3	3	0	0	0	0	0	0	0
Craíbas	2	1	2	6	8	0	5	4	0	0
Feira Grande	0	0	1	1	4	0	13	3	5	1
Girau do Ponciano	6	0	4	0	3	5	7	17	2	0
Jacaré dos Homens	3	0	0	2	0	1	1	9	0	0
Jaramataia	0	0	1	0	0	0	11	0	0	0
Lagoa da Canoa	0	0	0	3	3	0	0	2	0	0
Limoeiro de Anadia	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0
Major Isidoro	0	1	8	6	1	1	2	2	0	0
Olho d'Água Grande	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
São Sebastião	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Taquarana	0	0	6	0	0	0	0	0	0	0
Traipu	2	0	0	1	0	0	7	2	0	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Figura 25 – Tendência temporal do número de casos de hepatite A, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



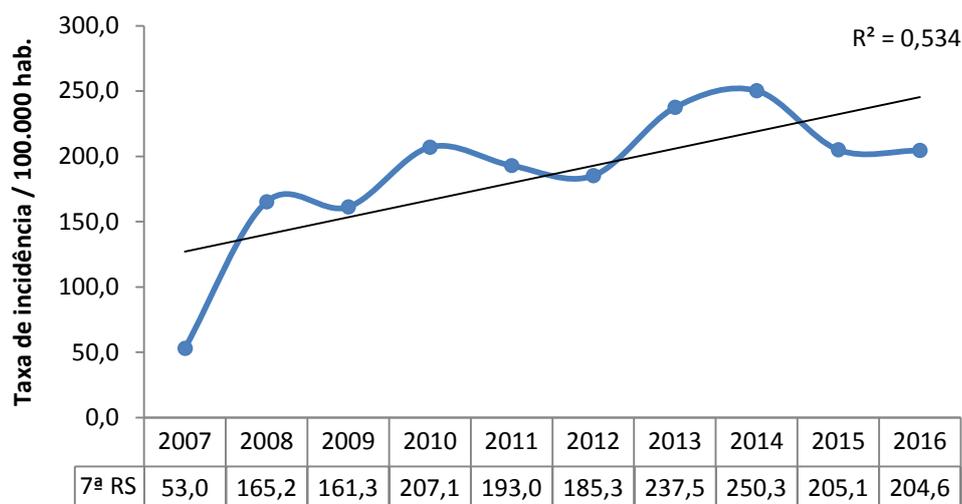
Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

AGRAVOS A SAÚDE

Escorpionismo

No ano de 2016 foram notificados 1.243 acidentes escorpiônicos na 7ª RS, o que representa uma taxa de incidência de 204,6 por 100.000 habitantes. Analisando a série histórica, percebe-se uma tendência moderada de aumento na taxa de incidência deste agravo (Figura 26). O município de Arapiraca foi o que mais contribuiu para esta situação na 7ª RS (Tabela 30).

Figura 26 – Tendência temporal da taxa de incidência dos acidentes escorpiônicos, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Tabela 30 – Número de acidentes escorpiônicos, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	260	813	800	1026	963	930	1243	1318	1086	1089
Arapiraca	241	719	699	913	815	761	997	1053	942	892
Batalha	1	3	3	0	0	0	1	1	0	1
Belo Monte	0	0	2	0	0	0	1	1	0	0
Campo Grande	0	2	3	4	3	2	10	4	3	6
Coité do Nóia	0	3	3	9	1	6	10	11	7	5
Craíbas	1	7	8	12	11	17	22	22	18	16
Feira Grande	2	18	14	15	5	22	16	36	14	31
Girau do Ponciano	2	10	9	15	12	22	37	36	18	24
Jacaré dos Homens	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0
Jaramataia	0	1	2	2	2	1	5	4	0	2
Lagoa da Canoa	2	17	6	10	10	15	17	22	17	16
Limoeiro de Anadia	4	9	20	15	35	28	48	58	39	50
Major Isidoro	0	0	2	0	0	1	2	2	1	0
Olho d'Água Grande	0	1	2	3	3	2	0	0	1	0
São Sebastião	1	12	12	8	22	17	58	38	11	27
Taquarana	6	7	14	20	43	33	18	26	13	17
Traipu	0	3	1	0	1	3	1	2	2	2

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Vale salientar que em média 97,7% dos acidentes registrados foram classificados como leves não sendo registrado óbito nos últimos 10 anos. O sexo feminino é o mais atingido com 59,6% dos casos e 66,9% destes acidentes são em pessoas na idade produtiva (27,8% na faixa etária de 20 a 29 anos).

Ofidismo

A 7ª RS apresenta em média 46 acidentes com serpentes na série analisada (Tabela 31), destes, em torno de 2,7% dos casos foram classificados como graves, sendo registrado 1 óbito. Vale salientar que 71,6% dos casos são em pessoas na idade produtiva (30,3% na faixa etária de 20 a 29 anos) e 66,2% no sexo masculino.

Tabela 31 – Número de acidentes por serpentes, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	30	47	50	52	55	50	38	41	54	48
Arapiraca	11	14	12	17	23	23	8	18	12	18
Batalha	0	2	0	0	0	1	2	0	1	3
Belo Monte	3	2	2	5	2	3	2	1	6	3
Campo Grande	1	4	2	1	2	1	0	0	4	2
Coité do Nóia	0	2	1	2	1	2	3	2	1	1
Craíbas	0	3	4	2	6	3	0	1	0	0
Feira Grande	3	3	3	2	3	1	0	3	2	4
Girau do Ponciano	4	0	0	3	2	1	1	1	4	0
Jacaré dos Homens	0	3	1	1	0	1	0	0	0	0
Jaramataia	0	1	2	2	1	0	2	0	0	0
Lagoa da Canoa	2	0	3	2	0	2	3	2	2	3
Limoeiro de Anadia	2	2	5	3	7	5	8	7	6	4
Major Isidoro	1	0	3	1	0	0	1	0	0	0
Olho d'Água Grande	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
São Sebastião	3	7	6	4	4	2	3	4	4	6
Taquarana	0	2	3	5	1	3	2	1	6	3
Traipu	0	2	3	2	2	2	3	1	6	1

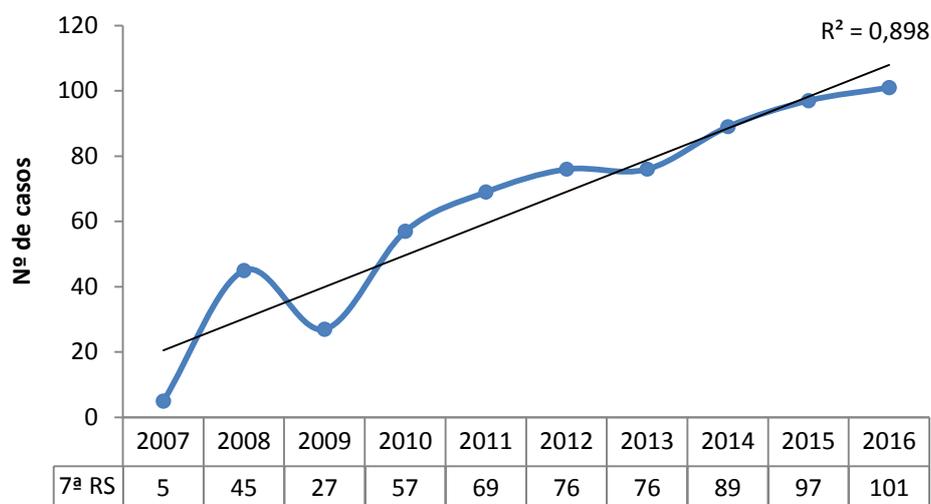
Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

DOENÇAS E AGRAVOS RELACIONADOS AO TRABALHO

Acidente de trabalho com exposição à material biológico

Em 2016 foram notificados na 7ª RS 101 acidentes de trabalho com exposição à material biológico, analisando a série, visualiza-se tendência forte de aumento no número de notificações (Figura 27 e Tabela 32).

Figura 27 – Tendência temporal das notificações de acidentes de trabalho com exposição a material biológico, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Tabela 32 – Número de notificações por acidente de trabalho com exposição a material biológico, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	5	45	27	57	69	76	76	89	97	101
Arapiraca	5	37	16	44	51	60	51	77	78	77
Batalha	0	0	0	0	2	1	0	1	3	0
Belo Monte	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0
Campo Grande	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Coité do Nóia	0	0	1	1	1	0	3	0	4	2
Craíbas	0	0	0	0	0	1	2	0	0	3
Feira Grande	0	0	1	2	1	2	0	1	3	2
Girau do Ponciano	0	0	0	0	2	1	4	1	4	6
Jacaré dos Homens	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Jaramataia	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Lagoa da Canoa	0	0	1	1	0	1	2	0	0	0
Limoeiro de Anadia	0	2	1	1	1	1	3	1	1	1
Major Isidoro	0	1	2	0	1	0	1	1	2	1
Olho d'Água Grande	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1
São Sebastião	0	2	4	2	3	5	1	1	0	4
Taquarana	0	3	1	6	6	3	5	4	2	0
Traipu	0	0	0	0	1	0	1	0	0	3

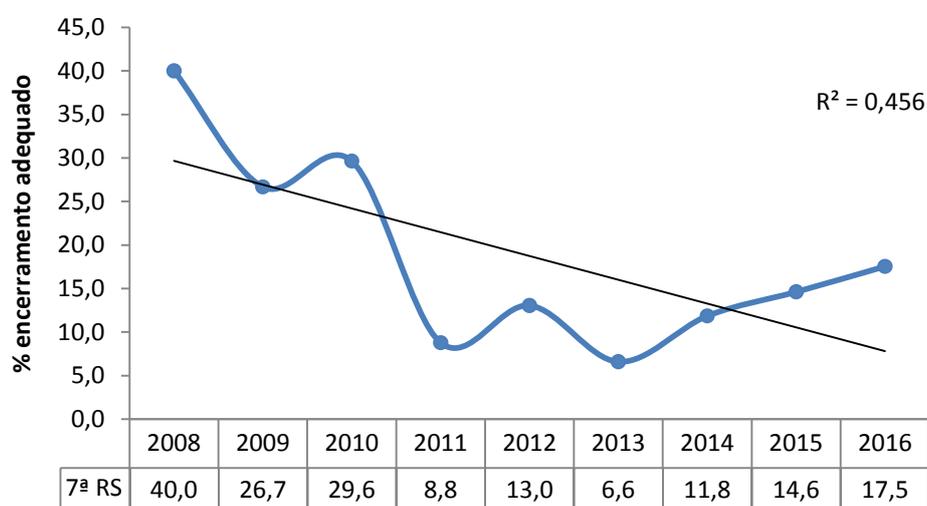
Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

A maioria dos profissionais acidentados era do sexo feminino, 78,2%; a faixa etária mais atingida foi a de 20 a 29 anos (37,7%), seguida pela de 30 a 39 anos (36,6%). Na categoria profissional, os mais atingidos foram os trabalhadores da área de enfermagem, 57,1%; seguidos pelos estudantes, 3,9%. Ressalta-se o alto percentual de notificações com ocupação ignorada, 18,5%.

Nestes 10 anos de série histórica, observa-se que 20,7% dos acidentes foram provocados pelo descarte inadequado de material pérfuro-cortante.

Dos casos que deveriam estar encerrados em 2016 apenas 17,5% foram conclusos de forma adequada (alta paciente fonte negativo, alta sem conversão sorológica e alta com conversão sorológica). Analisando a série histórica visualiza-se tendência fraca de queda (Figura 28).

Figura 28 – Percentual de encerramento concluso de forma adequada dos acidentes de trabalho com exposição a material biológico, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2008 – 2016.

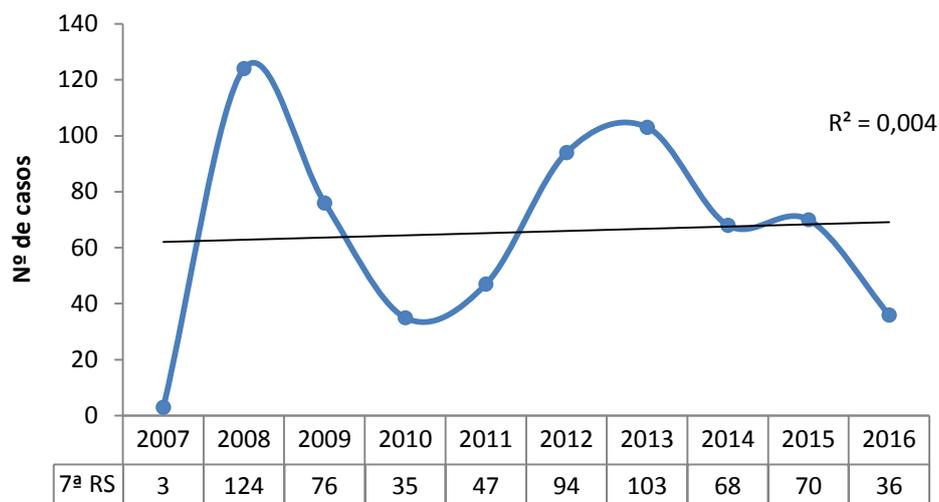


Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Acidente de trabalho grave

Em 2016 foram notificados na 7ª RS 36 acidentes de trabalho grave, analisando a série, não é visualizada tendência significativa no número de notificações (Figura 29 e Tabela 33).

Figura 29 – Tendência temporal das notificações de acidentes de trabalho grave, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Tabela 33 – Número de notificações por acidente de trabalho grave, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	3	124	76	35	47	94	103	68	70	36
Arapiraca	3	88	51	22	34	75	73	57	41	24
Batalha	0	3	2	1	1	2	4	1	2	2
Belo Monte	0	1	0	3	1	0	1	0	0	2
Campo Grande	0	0	0	2	0	1	2	0	1	0
Coité do Nóia	0	1	1	1	1	2	1	0	8	2
Craíbas	0	6	4	1	1	2	1	0	2	1
Feira Grande	0	6	2	1	2	1	2	1	1	1
Girau do Ponciano	0	6	6	1	1	1	4	2	3	1
Jacaré dos Homens	0	0	2	0	0	1	0	0	1	0
Jaramataia	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
Lagoa da Canoa	0	0	5	0	3	1	3	0	2	0
Limoeiro de Anadia	0	0	1	0	1	1	2	3	3	0
Major Isidoro	0	2	0	0	0	1	3	0	2	0
Olho d'Água Grande	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
São Sebastião	0	4	1	1	0	5	2	1	2	2
Taquarana	0	3	1	2	0	0	3	1	2	1
Traipu	0	3	0	0	2	0	2	1	0	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Avaliando a evolução, percebe-se que o percentual de casos não encerrados não é tão alto comparando com o Estado, porém, chega a 100% em alguns municípios ao longo dos anos (Tabela 34).

Tabela 34 – Percentual de casos de acidentes de trabalho grave não encerrados, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	33,3	87,9	50,0	51,4	38,3	14,9	10,7	11,8	12,9	16,7
Arapiraca	33,3	87,5	49,0	54,5	38,2	13,3	9,6	12,3	7,3	16,7
Batalha	S/C	100,0	50,0	0,0	0,0	50,0	25,0	0,0	0,0	50,0
Belo Monte	S/C	100,0	S/C	0,0	0,0	S/C	0,0	S/C	S/C	0,0
Campo Grande	S/C	S/C	S/C	100,0	S/C	100,0	50,0	S/C	0,0	S/C
Coité do Nóia	S/C	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	0,0	S/C	25,0	50,0
Craíbas	S/C	100,0	75,0	0,0	100,0	0,0	0,0	S/C	50,0	0,0
Feira Grande	S/C	66,7	0,0	100,0	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	0,0
Girau do Ponciano	S/C	100,0	66,7	100,0	0,0	0,0	25,0	0,0	0,0	0,0
Jacaré dos Homens	S/C	S/C	50,0	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	0,0	S/C
Jaramataia	S/C	100,0	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C	S/C
Lagoa da Canoa	S/C	S/C	40,0	S/C	100,0	0,0	0,0	S/C	50,0	S/C
Limoeiro de Anadia	S/C	S/C	100,0	S/C	100,0	100,0	0,0	0,0	0,0	S/C
Major Isidoro	S/C	0,0	S/C	S/C	S/C	0,0	0,0	S/C	0,0	S/C
Olho d'Água Grande	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	S/C	0,0	S/C	S/C
São Sebastião	S/C	100,0	0,0	100,0	S/C	20,0	0,0	0,0	50,0	0,0
Taquarana	S/C	100,0	0,0	50,0	S/C	S/C	33,3	0,0	50,0	0,0
Traipu	S/C	100,0	S/C	S/C	0,0	S/C	0,0	0,0	S/C	S/C

S/C – Sem caso notificado e/ou sem caso não encerrado.

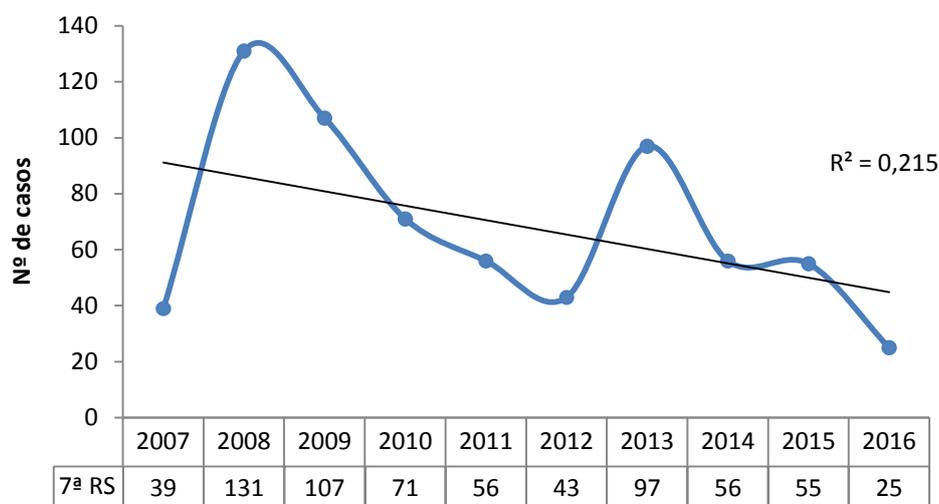
Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Nos 10 anos avaliados 89,2% dos acidentes foram no sexo masculino e os adultos jovens (20 a 39 anos) foram os mais atingidos com 44,9%. Ocorreram 26 óbitos o que corresponde a uma letalidade de 3,9%. A análise da variável ocupação ficou impossibilitada devido ao alto percentual de informações ignoradas.

Intoxicação Exógena

Foram notificados em média 1.411 casos de intoxicações exógenas na 7ª RS nos últimos 10 anos, destas, 4,8% são relacionadas ao trabalho. Avaliando a incidência, não é visualizada tendência significativa (Figura 30). A maioria dos casos são do município de Arapiraca (53,6%) (Tabela 35).

Figura 30 – Tendência temporal das notificações de intoxicações exógenas relacionadas ao trabalho, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Tabela 35 – Número de notificações por intoxicação exógena relacionada ao trabalho, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	39	131	107	71	56	43	97	56	55	25
Arapiraca	6	94	47	45	27	26	48	25	31	16
Batalha	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0
Belo Monte	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Campo Grande	0	1	1	1	0	0	1	1	0	0
Coité do Nóia	5	1	2	1	1	3	7	1	2	5
Craíbas	16	11	20	8	4	3	9	8	4	0
Feira Grande	5	6	14	7	5	4	5	1	3	0
Girau do Ponciano	2	4	2	1	6	3	7	2	3	0
Jacaré dos Homens	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Jaramataia	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Lagoa da Canoa	2	2	7	3	1	0	2	4	2	1
Limoeiro de Anadia	3	5	6	1	2	2	9	2	3	2
Major Isidoro	0	0	2	0	0	1	0	2	1	0
Olho d'Água Grande	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0
São Sebastião	0	6	3	0	6	0	3	5	1	0
Taquarana	0	0	3	2	3	0	3	5	1	1
Traipu	0	0	0	2	0	0	1	0	1	0

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Na série analisada, no que diz respeito ao agente, 40,4% são devidos ao contato com plantas tóxicas e 34,1% com agrotóxicos agrícolas; 59,9% das intoxicações foram no sexo masculino e os adultos jovens (20 a 39 anos) foram os mais atingidos com 49,8% dos casos. Em relação a ocupação, os agricultores foram os mais atingidos.

Demais doenças e agravos relacionados ao trabalho

Apenas a título de conhecimento, o número de notificações das seguintes doenças e agravos nos últimos 10 anos é pequeno, o que torna inviável uma análise mais detalhada de cada um deles: Câncer relacionado ao trabalho, dermatose ocupacional, LER/DORT , PAIR, pneumoconiose e transtorno mental.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, SEXUAL E OUTRAS VIOLÊNCIAS

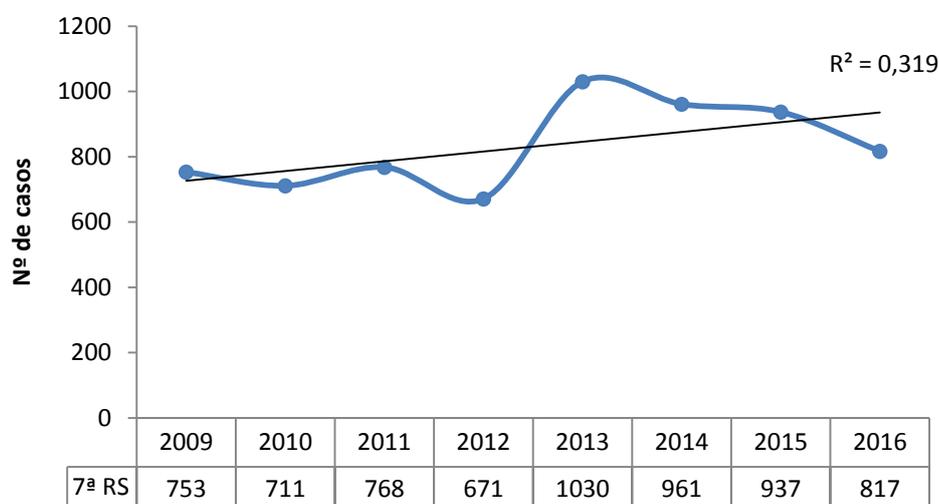
Na 7ª RS, de 2009 a 2016, foram notificados 6.648 casos de violência doméstica, sexual e/ou outras violências, sendo o município de Arapiraca o que apresenta o maior número de casos (Tabela 36), não é visualizada tendência significativa quanto ao número de notificações (Figura 31). Dentre as notificações foi relatada violência física em 43,3% dos casos; violência psicológica/moral, em 2,1%; tortura, em 0,3%; violência sexual, em 3,1%; violência financeira, em 0,0%; negligência/abandono, em 0,4%; trabalho infantil, em 0,4%; e outras violências, em 53,0%. Quanto ao sexo, 69,0% dos casos ocorreram em mulheres e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos ocorreram na faixa etária de 20 a 29 anos (27,6%), seguido pela faixa de 15 a 19 anos (24,8%). Quanto ao local de ocorrência, a residência foi onde ocorreu a maioria dos casos.

Tabela 36 – Número de notificações por violência doméstica, sexual e/ou outras violências, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2016.

LOCALIDADE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	753	711	768	671	1030	961	937	817
Arapiraca	479	449	469	391	571	566	534	492
Batalha	5	5	6	2	12	14	10	4
Belo Monte	5	1	1	0	2	1	2	2
Campo Grande	5	9	1	13	9	6	7	8
Coité do Nóia	14	11	19	17	38	19	25	24
Craíbas	28	29	28	39	42	33	39	36
Feira Grande	18	33	43	15	49	45	35	26
Girau do Ponciano	46	24	41	30	55	47	75	44
Jacaré dos Homens	4	1	3	2	7	4	4	3
Jaramataia	11	7	11	6	7	8	9	9
Lagoa da Canoa	31	31	32	35	46	59	39	32
Limoeiro de Anadia	24	20	24	35	59	53	40	46
Major Isidoro	6	14	13	6	17	13	8	10
Olho d'Água Grande	4	3	3	4	8	3	6	1
São Sebastião	24	26	22	30	60	47	50	34
Taquarana	37	39	39	31	36	28	38	26
Traipu	12	9	13	15	12	15	16	20

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Figura 31 – Tendência temporal das notificações de violência doméstica, sexual e/ou outras violências, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2016.



Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

Avaliando as 2.878 notificações por violência física nos últimos 8 anos, em 50,0% dos casos foi relatado espancamento; em 0,5% enforcamento; em 11,6% objeto contundente; em 17,8% objeto perfuro cortante; em 0,3% queimadura; em 1,1% envenenamento; e em 16,2% arma de fogo. Quanto ao sexo, 65,3% dos casos ocorreram em mulheres e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos

ocorreram na faixa de 15 a 19 anos (25,5%), seguido pela faixa de 20 a 29 anos (22,6%). Quanto ao local de ocorrência, a residência foi onde ocorreu a maioria dos casos. O município de Arapiraca foi o que apresentou o maior número de notificações (Tabela 37).

Tabela 37 – Número de notificações por violência física, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2016.

LOCALIDADE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	387	335	323	250	417	383	409	374
Arapiraca	255	227	212	156	240	232	251	236
Batalha	1	2	5	2	3	8	8	4
Belo Monte	3	0	0	0	1	0	2	2
Campo Grande	3	1	1	5	2	1	3	3
Coité do Nóia	6	6	6	5	23	7	8	11
Craíbas	12	11	9	14	15	12	13	12
Feira Grande	10	13	16	4	20	11	10	9
Girau do Ponciano	19	8	12	8	20	15	34	15
Jacaré dos Homens	3	0	1	1	4	2	3	2
Jaramataia	6	3	4	4	3	3	5	7
Lagoa da Canoa	16	13	12	16	9	18	11	12
Limoeiro de Anadia	10	6	9	5	26	22	10	14
Major Isidoro	5	2	5	2	3	6	4	7
Olho d'Água Grande	1	1	2	2	5	1	1	0
São Sebastião	11	14	10	9	19	23	22	17
Taquarana	21	24	11	9	19	13	17	10
Traipu	5	4	8	8	5	9	7	13

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

No tocante as 205 notificações por violência sexual nos últimos 8 anos, em 82,9% dos casos foi relatado estupro; em 11,2% assédio sexual; em 4,9% atentado violento ao pudor; em 6,3% exploração sexual; e em 2,0% pornografia infantil. Quanto ao sexo, 93,2% dos casos ocorreram em mulheres e em relação a faixa etária o maior percentual dos casos ocorreram na faixa de 20 a 29 anos (25,4%), seguido pela faixa de 10 a 14 anos (22,4%). Quanto ao local de ocorrência, a residência e via pública foi onde ocorreu a maioria dos casos. O município de Arapiraca foi o que apresentou o maior número de casos (Tabela 38).

Tabela 38 – Número de notificações por violência sexual, 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2009 – 2016.

LOCALIDADE	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª Região de Saúde	0	0	0	0	0	0	0	0
Arapiraca	18	9	23	12	26	35	25	57
Batalha	13	6	15	9	14	20	13	28
Belo Monte	0	1	0	0	2	2	1	0
Campo Grande	1	0	0	0	0	0	0	0
Coité do Nóia	0	0	0	0	0	0	0	2
Craíbas	0	0	0	0	6	2	0	3
Feira Grande	0	0	0	0	0	5	0	7
Girau do Ponciano	0	0	2	0	2	1	0	1
Jacaré dos Homens	0	0	0	0	0	0	1	7
Jaramataia	0	0	0	0	0	1	0	0
Lagoa da Canoa	0	0	0	0	0	0	0	1
Limoeiro de Anadia	0	0	3	1	0	0	1	1
Major Isidoro	3	1	1	1	0	1	4	4
Olho d'Água Grande	0	0	0	0	0	0	0	1
São Sebastião	0	0	0	0	0	0	1	0
Taquarana	0	1	2	1	2	0	2	1
Traipu	1	0	0	0	0	3	2	1

Fonte: SINAN NET/GIANS/SUVISA/SESAU-AL – Dados tabulados em 03/07/2017 – sujeitos à revisão.

VACINAÇÃO

Em 2016, na 7ª RS, a cobertura vacinal de rotina para o primeiro ano de vida foi alcançada, de acordo com as metas preconizadas pelo Ministério da Saúde (Pentavalente, Pneumocócica, Meningococo C, Hepatite B, Hepatite A, Tríplice Viral e Pólio – $\geq 95\%$; BCG e Rotavírus – $\geq 90\%$), para: Hepatite B (111,4%) e Tríplice Viral (102,7%). Para as vacinas contra Rotavírus (85,5%), Pólio (85,7%), Hepatite A (76,6%), Pentavalente (90,3%), BCG (84,0%), Meningococo C (91,5%) e Pneumococo (94,3%), há necessidade de intensificação das ações de vacinação visando melhorar a cobertura. Ressalta-se, no período avaliado, que a meta para todas as vacinas foram atingidas em 2015, porém em 2016 somente em duas delas (Tabela 39).

Em 2016, nenhum município atingiu a meta para todos os imunobiológicos relacionados (Tabela 40).

Tabela 39 – Cobertura vacinal por Imunobiológico dos residentes na 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2007 – 2016.

Imunobiológico	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
BCG	91,6	89,9	97,7	94,8	89,6	86,9	98,1	99,1	100,9	84,0
Hepatite B	89,2	91,5	94,8	92,1	97,5	90,9	105,7	98,8	106,6	111,4
Rotavírus Humano	68,2	77,6	84,2	76,0	81,6	79,8	93,6	94,4	106,5	85,5
Pneumocócica 10V	4,9	84,3	89,8	98,3	97,0	106,4	94,3
Meningococo C	2,1	99,5	91,4	99,8	98,8	109,1	91,5
Pentavalente	32,7	101,3	98,6	106,1	90,3
Tríplice Viral D1	97,2	95,7	97,6	95,9	92,4	88,5	105,9	121,2	106,4	102,7
Poliomielite	92,5	93,1	100,1	94,8	98,8	87,0	105,3	97,5	105,1	85,7
Hepatite A	59,8	119,0	76,6

Fonte: DATASUS - Dados tabulados em 03/07/2017.

Tabela 40 – Cobertura vacinal por Região de Saúde e Imunobiológico dos residentes na 7ª Região de Saúde, Alagoas, 2016.

LOCALIDADE	BCG	Hepatite B	Rotavírus humano	Pneumocócica	Menin-gococo C	Penta	Tríplice Viral	Polio	Hepatite A
7ª Região de Saúde	84,0	111,4	85,5	94,3	91,5	90,3	102,7	85,7	76,6
Arapiraca	94,4	121,3	90,0	94,6	95,8	95,3	95,1	94,4	80,1
Batalha	80,9	99,0	78,2	83,2	86,2	75,8	81,5	75,2	62,8
Belo Monte	53,1	125,0	90,6	107,3	86,5	103,1	164,6	104,2	89,6
Campo Grande	12,9	44,9	39,9	41,6	43,8	44,9	40,5	42,7	38,8
Coité do Nóia	98,4	110,4	60,1	106,0	125,1	109,3	67,8	55,2	50,3
Craíbas	103,9	113,9	95,4	111,7	84,4	93,9	138,4	102,4	100,2
Feira Grande	105,4	114,3	105,4	105,1	103,9	106,9	114,0	112,8	68,5
Girau do Ponciano	90,6	109,4	83,4	97,6	78,7	85,4	116,6	74,2	96,0
Jacaré dos Homens	91,1	86,1	85,2	92,1	86,1	84,2	92,1	77,2	61,4
Jaramataia	40,2	83,6	56,6	70,5	66,4	68,9	77,9	67,2	16,4
Lagoa da Canoa	80,1	137,2	101,3	99,3	96,4	100,3	100,7	101,7	82,1
Limoeiro de Anadia	76,7	121,7	89,0	98,4	91,7	80,5	113,1	69,0	86,1
Major Isidoro	85,6	93,0	75,0	88,0	82,8	74,7	103,2	76,4	54,9
Olho d'Ág. Grande	15,4	69,2	79,1	72,5	69,2	57,1	73,6	56,0	46,2
São Sebastião	47,6	75,3	71,5	90,5	85,3	74,8	147,9	93,7	78,1
Taquarana	62,0	96,3	70,3	78,0	83,3	79,7	93,7	79,7	58,3
Traipu	68,8	118,5	87,7	113,2	108,2	110,9	107,1	17,7	75,3

Fonte: DATASUS - Dados tabulados em 03/07/2017.



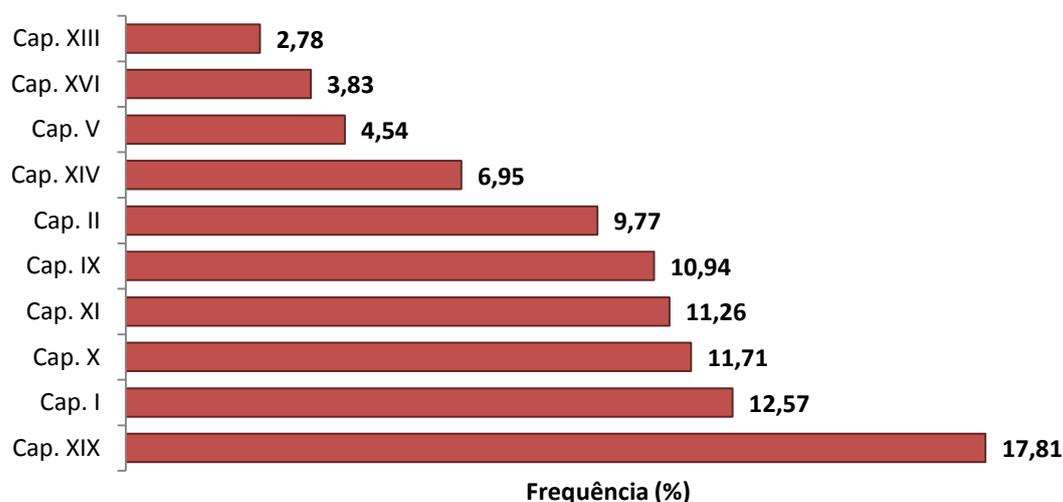
MORBIDADE HOSPITALAR

MORBIDADE HOSPITALAR

Considerando as internações realizadas entre indivíduos residentes na 7ª Região de Saúde (RS), cujas internações ocorreram em qualquer localidade do estado em 2016, verifica-se que as causas mais frequentes de internação (considerando o diagnóstico primário, ou seja, aquele que justificou a emissão da Autorização de Internação Hospitalar – AIH) foram aquelas codificadas no Capítulo XV (Gravidez, Parto e Puerpério) (n=7.248; 26,81%). No entanto, para avaliar a morbidade hospitalar, foram excluídas da análise tais internações.

Assim, verifica-se que as maiores frequências de internações foram decorrentes de causas codificadas no Capítulo XIX (Lesões, envenenamentos e algumas outras consequências de causas externas) (n=3.525; 17,81%), seguidas dos Capítulos I (Doenças infecciosas e parasitárias) (n=2.488; 12,57%) e X (Doenças do aparelho respiratório) (n=2.318; 11,71%) (Figura 1).

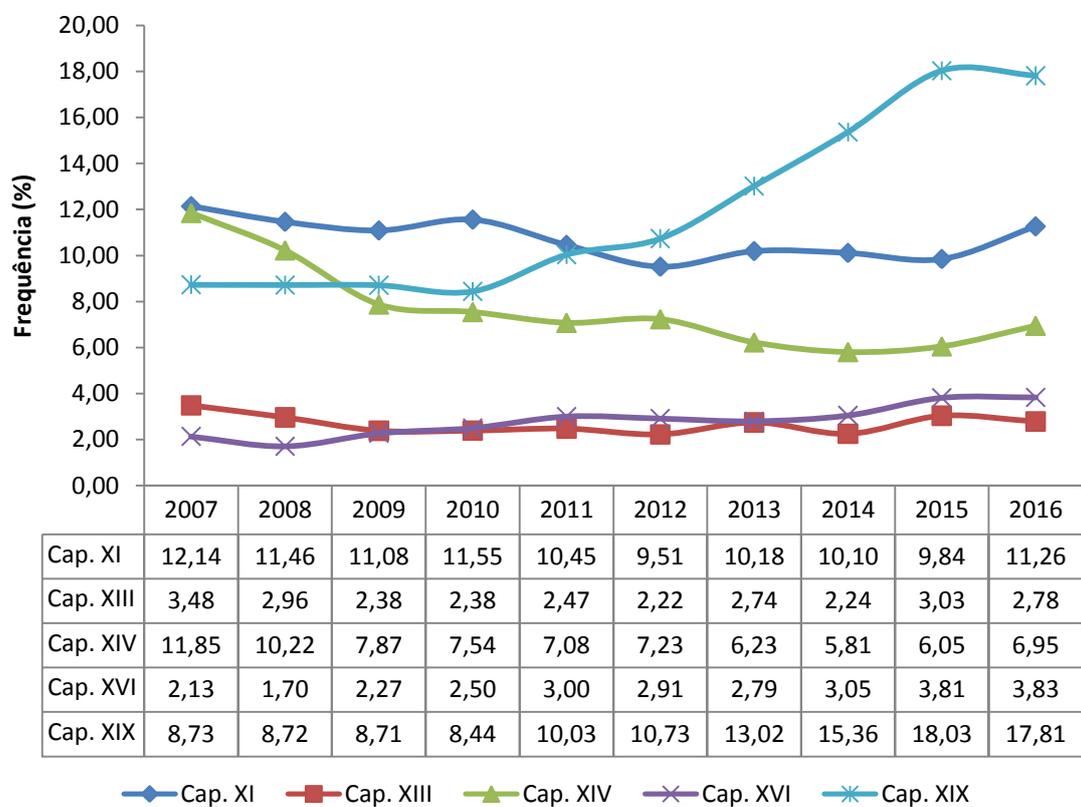
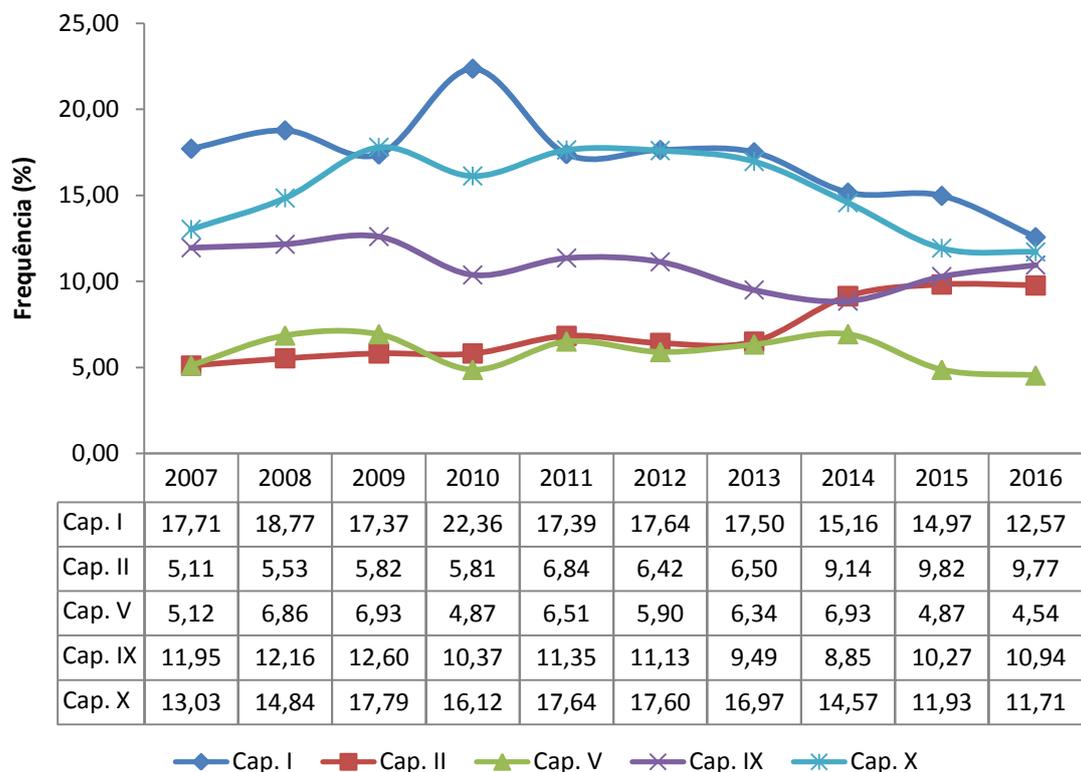
Figura 1 – Proporção de internações hospitalares de residentes na 7ª Região de Saúde, segundo principais grupos de causas de internação (Cap. CID-10).



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Observando-se a dinâmica das internações por grupos de causas, considerando-se os dez principais grupos em todo o período analisado (2007 a 2016), verifica-se que há aumento nas internações por neoplasias (Cap. II) e pelas lesões, envenenamentos e consequências de causas externas (Cap. XIX), no entanto, vale destacar ainda a elevação entre as chamadas 'causas mal definidas' (Cap. XVIII) (Figura 2).

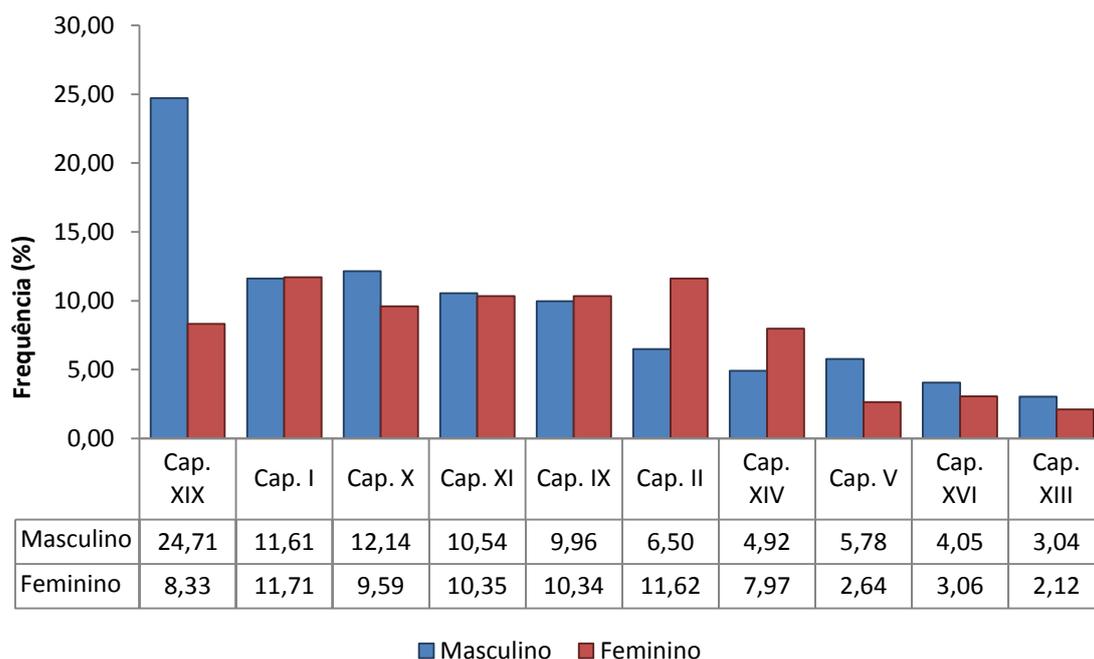
Figura 2 – Frequências das internações hospitalares de residentes na 7ª Região de Saúde, segundo principais grupos de causas de internação(Cap. CID-10), entre 2007 e 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Ao desagregar as internações segundo sexos, percebe-se uma maior proporcionalidade das internações por lesões em consequência de causas externas (Cap. XIX) e de transtornos mentais e comportamentais (Cap. V) entre os homens, enquanto que as neoplasias e as doenças do aparelho geniturinário são mais frequentes entre as mulheres (Figura 3).

Figura 3 – Frequências das internações hospitalares, segundo principais grupos de causas de internação(Cap. CID-10), estratificadas por sexo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.

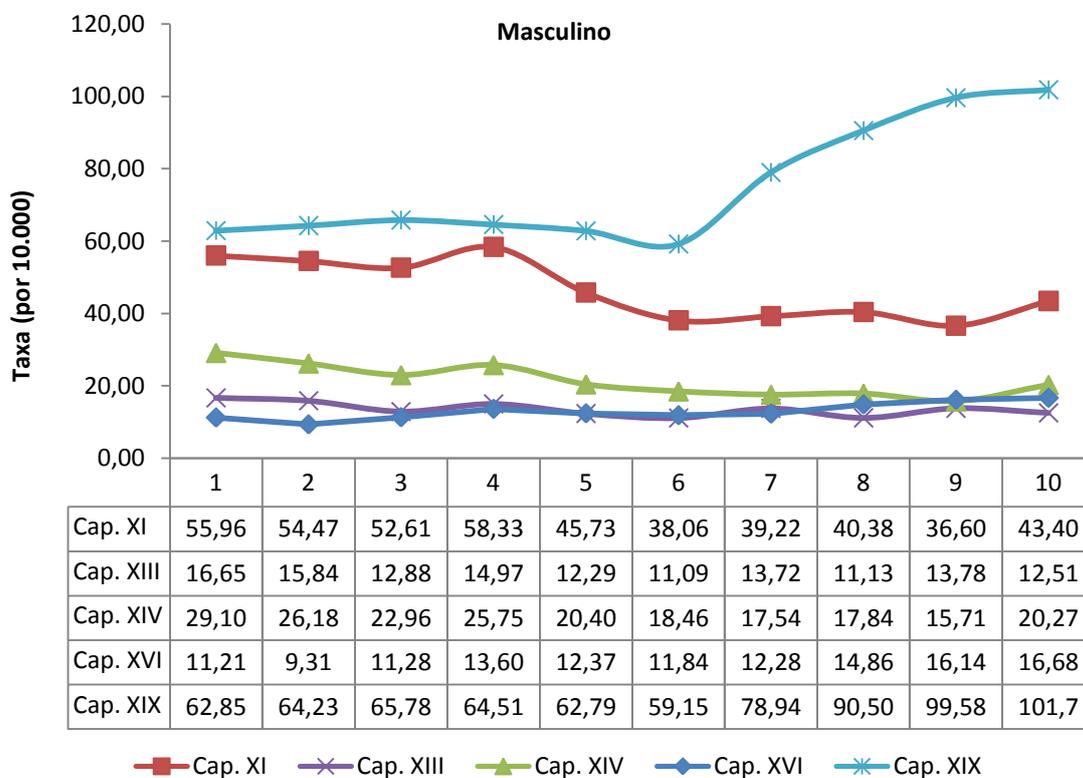
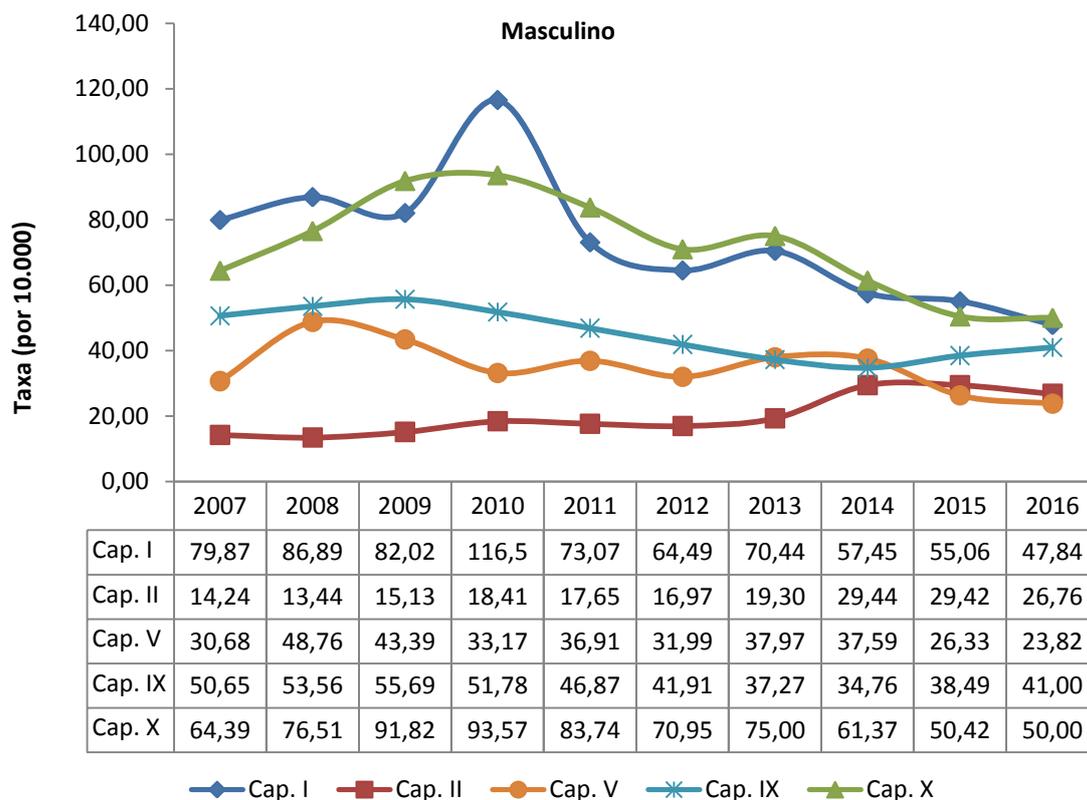


Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

As taxas de internação entre os homens expressam o aumento do risco relacionado às lesões em consequência de causas externas (Cap. XIX), por outro lado, há redução importante no risco envolvendo as doenças infecciosas e parasitárias (Cap. I), as doenças do aparelho respiratório (Cap. X) e aos transtornos mentais e comportamentais (Cap. V) (Figura 4).

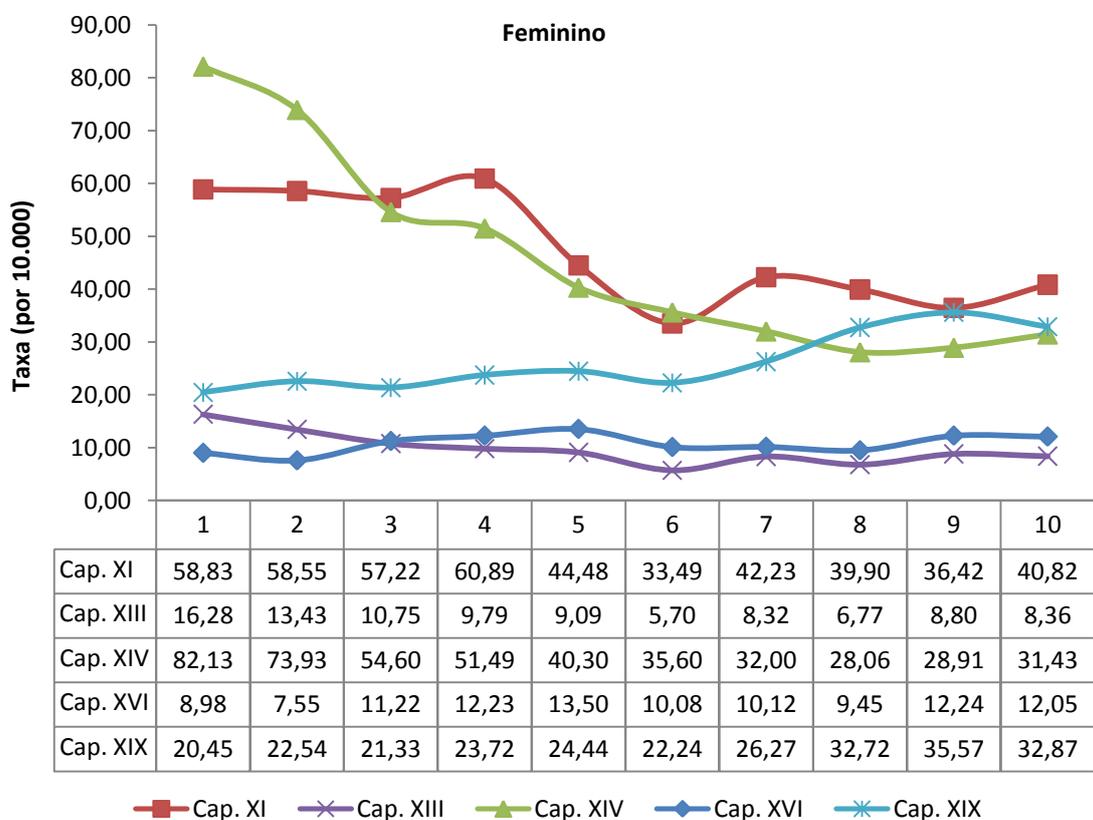
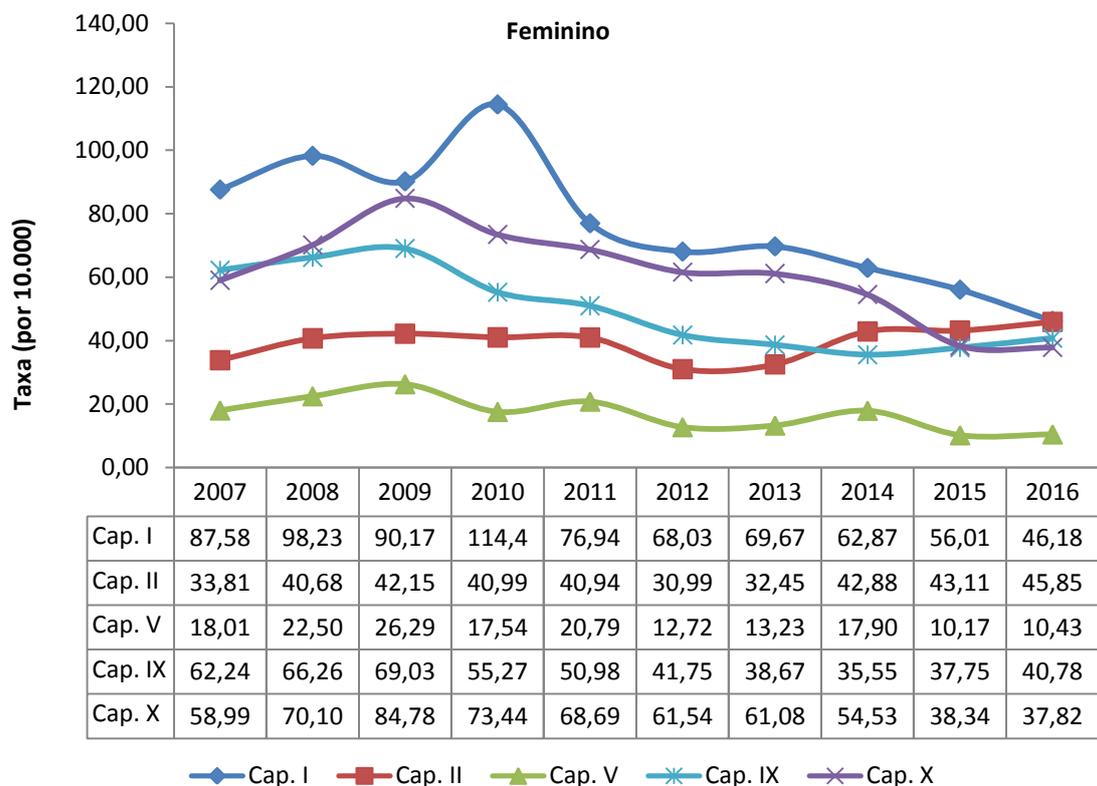
Entre as mulheres, as taxas são crescentes entre as lesões em consequência de causas externas (Cap. XIX) e as neoplasias (Cap. II), enquanto que reduções são verificadas entre as doenças infecciosas e parasitárias (Cap. I), as doenças do aparelho respiratório (Cap. X) e as doenças do aparelho geniturinário (Cap. V) (Figura 5).

Figura 4 – Taxas de internação hospitalar entre homens, segundo principais grupos de causas de internação(Cap. CID-10).7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Figura 5 – Taxas de internação hospitalar entre mulheres, segundo principais grupos de causas de internação(Cap. CID-10). 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



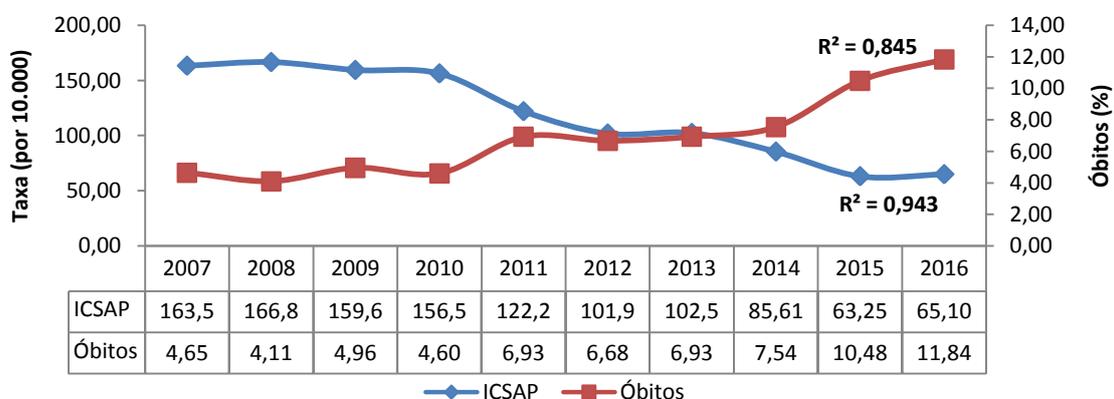
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO PRIMÁRIA (ICSAP)

Entre 2007 e 2016, há uma sensível melhora quanto às internações por condições que a Atenção Primária à Saúde (APS) tem capacidade para resolver, sendo este um importante indicador de melhoria da qualidade da APS. Para o cálculo das taxas de ICSAP, são desconsideradas todas as internações para a realização de partos, uma vez que tal situação constitui-se em um desfecho natural do processo gestacional.

Nesse contexto, em 2007a taxa de ICSAP era de 163,51/10.000 hab., reduzindo para 65,10/10.000 hab. em 2016, e com forte tendência decrescente, no entanto, quando analisado o desfecho das ICSAP, observa-se tendência igualmente crescente quanto às altas hospitalares por óbito, uma vez que a proporção passa de 4,65% (2007) para 11,84% (2016) (Figura 6), sugerindo que a APS não tem sido eficaz em reduzir as complicações relacionadas às ICSAP, ou ainda refletindo um diagnóstico e/ou encaminhamento tardio e/ou falta de acesso oportuno à Atenção Especializada.

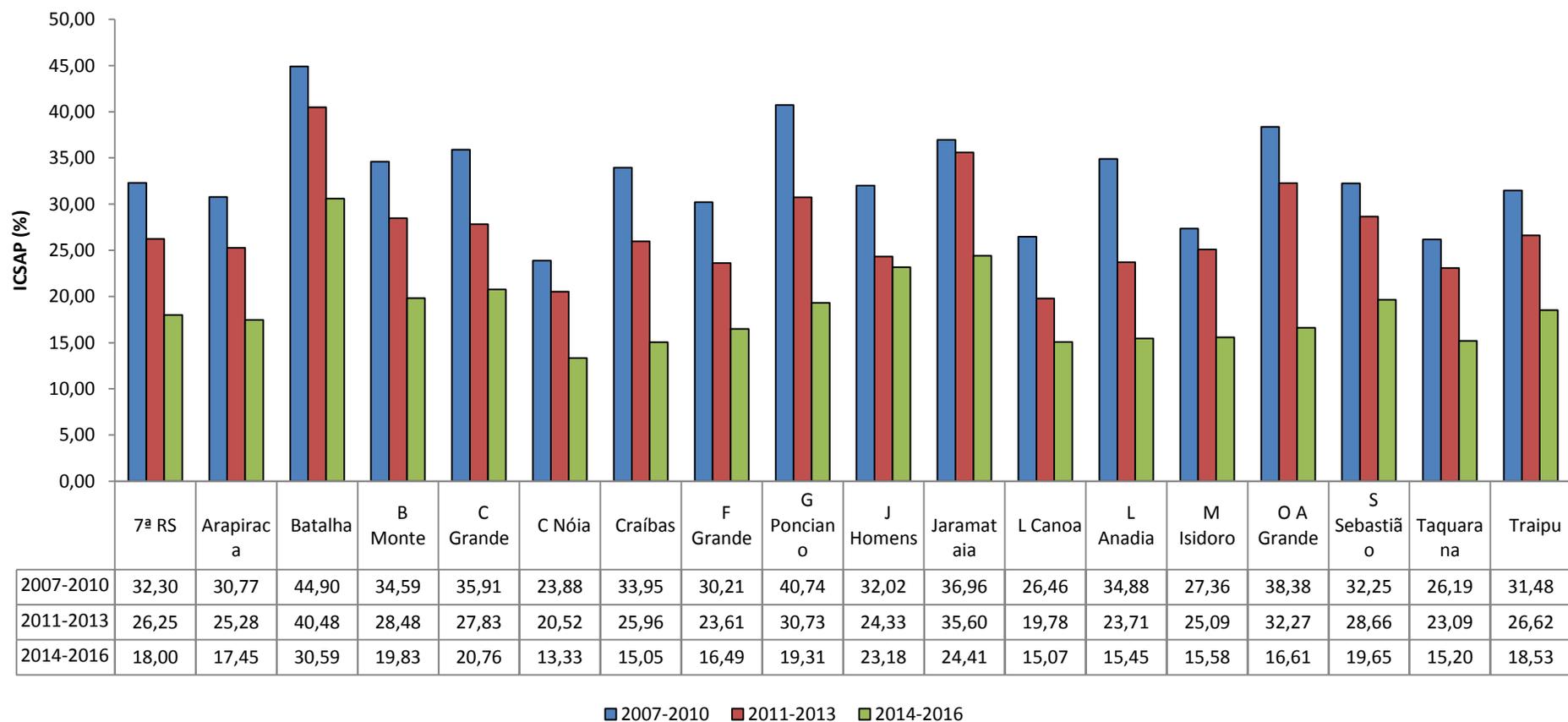
Figura 6 – Taxas de internação por condições sensíveis à atenção primária (ICSAP) e frequências das altas por óbito entre tais internações. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

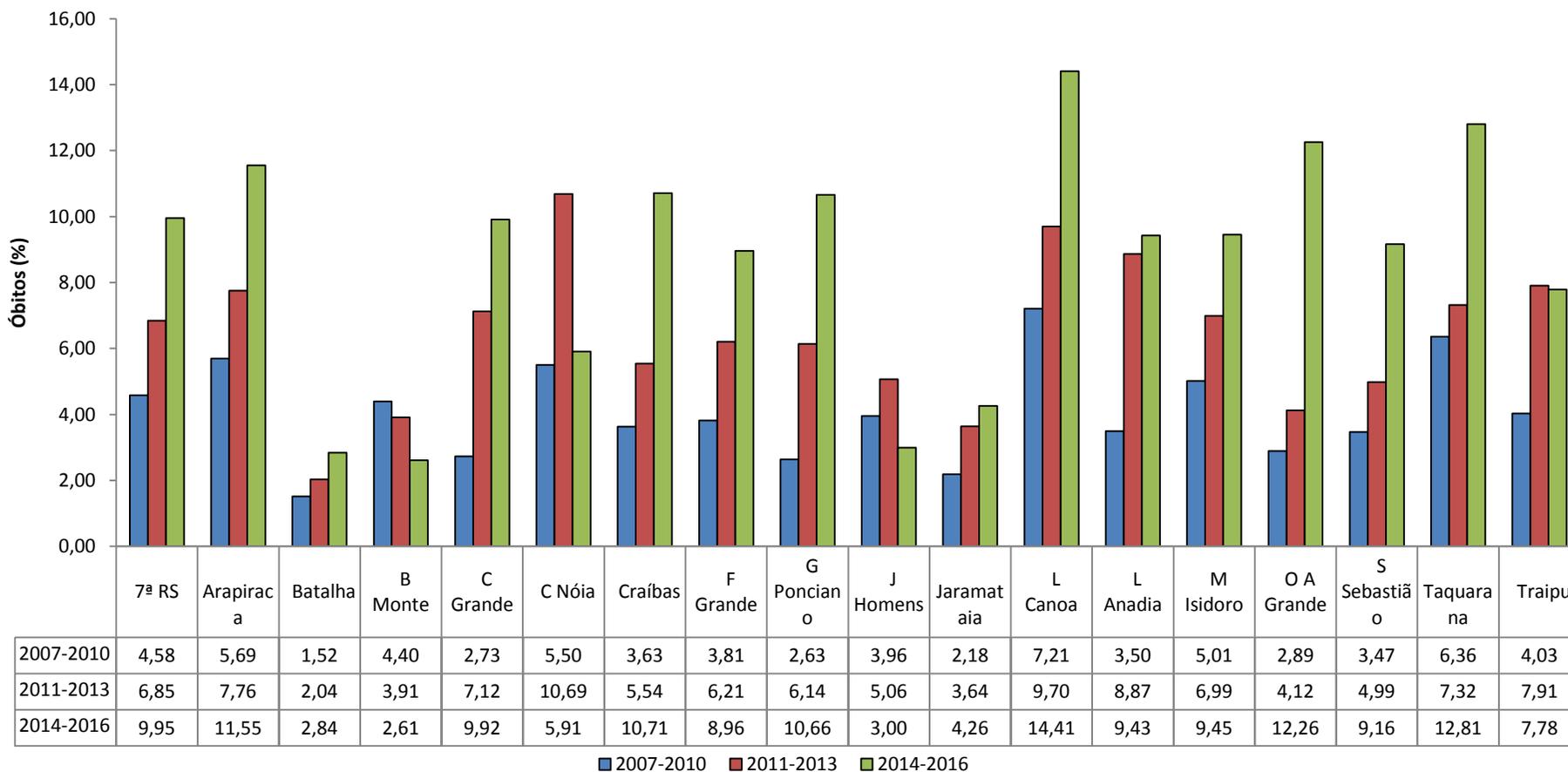
As frequências das internações nos municípios que compõem a região, em três diferentes períodos de tempo (2007 a 2010; 2011 a 2013; e 2014 a 2016), demonstram redução das ICSAP entre os residentes de todos os municípios e de forma semelhante, mas vale destacar que as maiores proporções ocorrem entre os residentes de Batalha (Figura 7). Em relação às altas por óbito, há redução apenas entre os residentes de Belo Monte e Jacaré dos Homens, mas é importante destacar as elevadas frequências no período 2014-2016 (Figura 8).

Figura 7 – Frequências das internações por condições sensíveis à atenção primária (ICSAP), segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

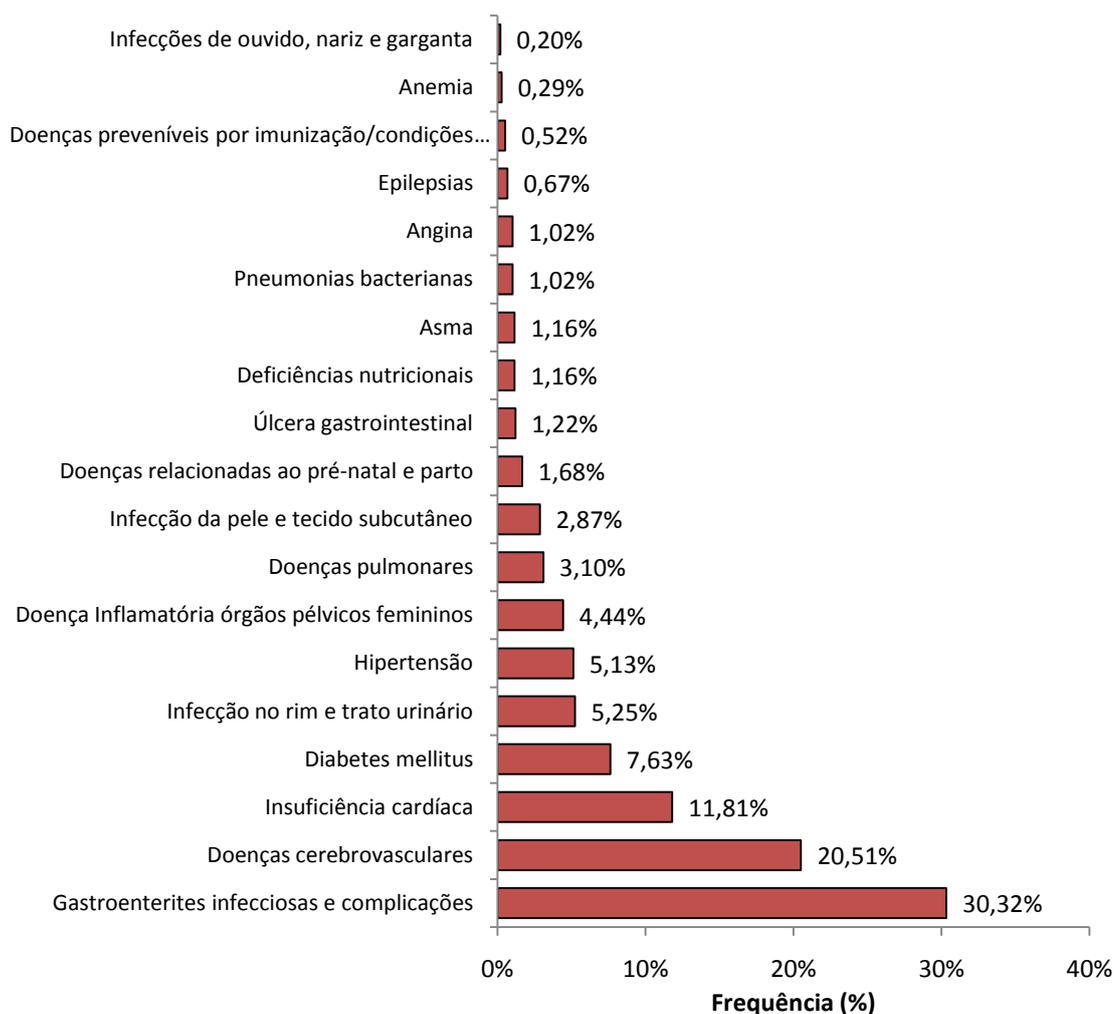
Figura 8 – Frequências das altas por óbito entre as internações por condições sensíveis à atenção primária (ICSAP), segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Os principais grupos de ICSAP que ocasionaram internações entre os residentes da região em 2016 foram as gastroenterites infecciosas (30,32%), as doenças cerebrovasculares (20,51%), a insuficiência cardíaca (11,81%), o diabetes mellitus (7,63%), e as infecções renais e do trato urinário (5,25%) (Figura 9).

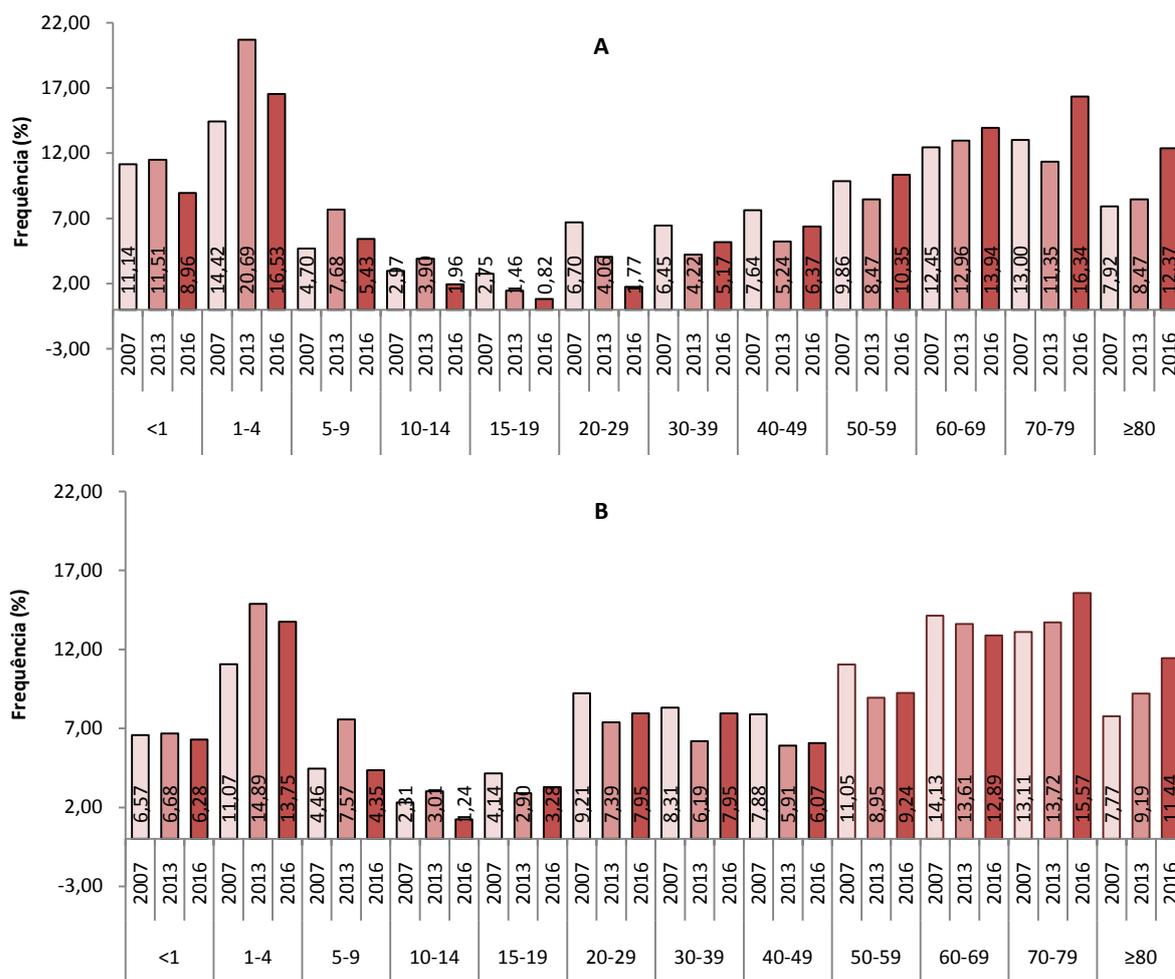
Figura 9 – Frequências das internações por condições sensíveis à atenção primária (ICSAP) entre a população residente, segundo subgrupos de causas. 7ª Região de Saúde, 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Analisando-se as ICSAP segundo sexos e faixas etárias, observa-se que para ambos os sexos há um predomínio quanto à ocorrência em crianças e idosos, porém, considerando cada sexo separadamente em três diferentes anos do período analisado (2007, 2013 e 2016), as proporções são maiores entre as crianças do sexo masculino e adultos do sexo feminino (Figura 10).

Figura 10 – Frequências das internações por ICSAP segundo sexos (A – Masculino; B – Feminino) e faixas etárias. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

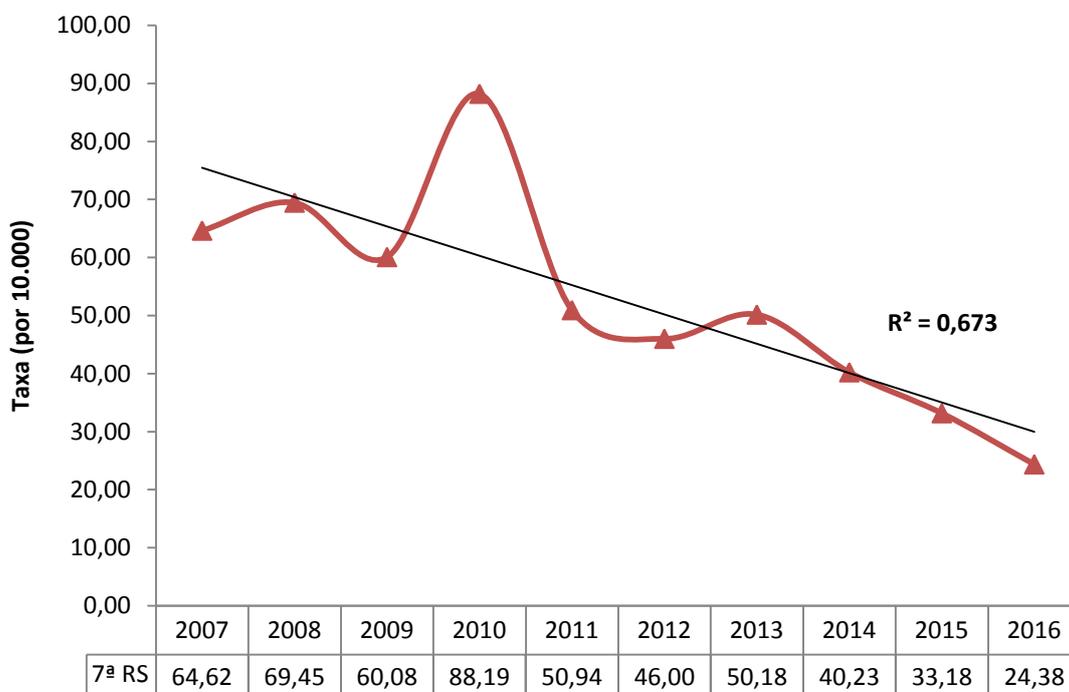
DOENÇAS RELACIONADAS AO SANEAMENTO AMBIENTAL INADEQUADO (DRSAI)

Várias doenças guardam relação direta com o saneamento ambiental, compreendendo-se que podem ocorrer DRSAI sem haver demanda por internação, além de sub-registros. Além disso, é importante destacar que o presente indicador é resultado de um conceito mais amplo de saneamento, não sendo restrito ao saneamento básico, mas abrangendo vários outros aspectos, tais como o controle de doenças transmissíveis, incluindo o controle de vetores e a disciplina quanto ao uso e ocupação do solo.

Assim, foram considerados cinco grupos de doenças para a composição do indicador DRSAI: doenças de transmissão orofecal (A00-A01; A02-A04; A06-A09; B15); doenças transmitidas por vetores (A90-A91; A95; B50-B55; B57; B74); doenças transmitidas por meio do contato com a água (A27; B65); doenças relacionadas com a higiene (A71; B35-B36; H10); e, geohelmintíases e teníases (B67-B69; B71; B76-B83). Da mesma forma que as Internações por Condições Sensíveis à Atenção Primária (ICSAP), para o cálculo das DRSAI foram desconsideradas todas as internações para a realização de partos, uma vez que tal situação constitui-se em um desfecho natural do processo gestacional.

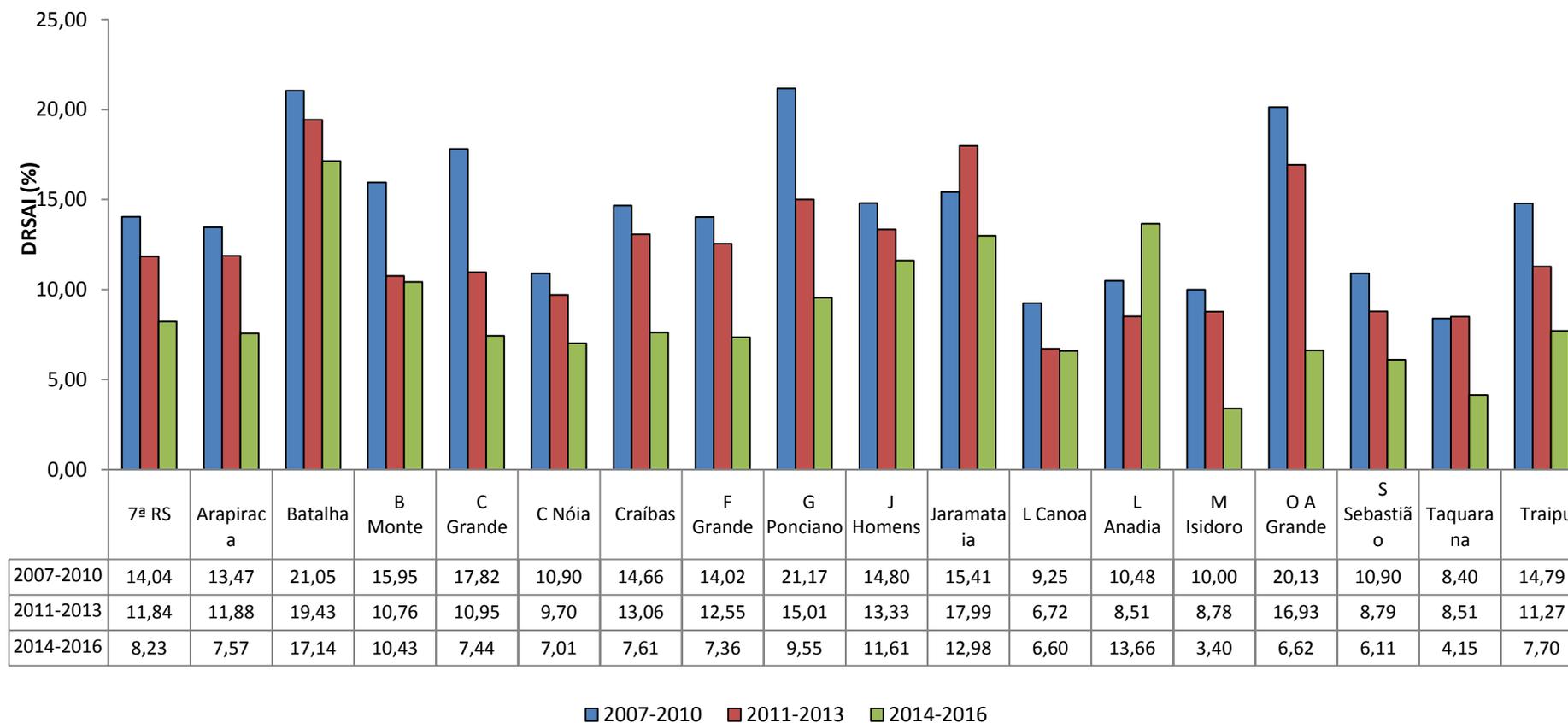
Entre 2007 e 2016, é observada uma importante redução quanto às internações por DRSAI na região de saúde e de forma significativa (Figura 11), apesar do aumento verificado em 2010, com todos os municípios da região apresentando o mesmo perfil, exceto em Limoeiro de Anadia devido ao aumento verificado no período 2014-2016. Além disso, é importante destacar que Batalha é o município que possui as maiores frequências, quando considerado toda a série histórica (Figura 12).

Figura 11 – Taxas de internação por doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado (DRSAI). 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Figura 12 – Frequências das internações por doenças relacionadas ao saneamento ambiental inadequado (DRSAI), segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

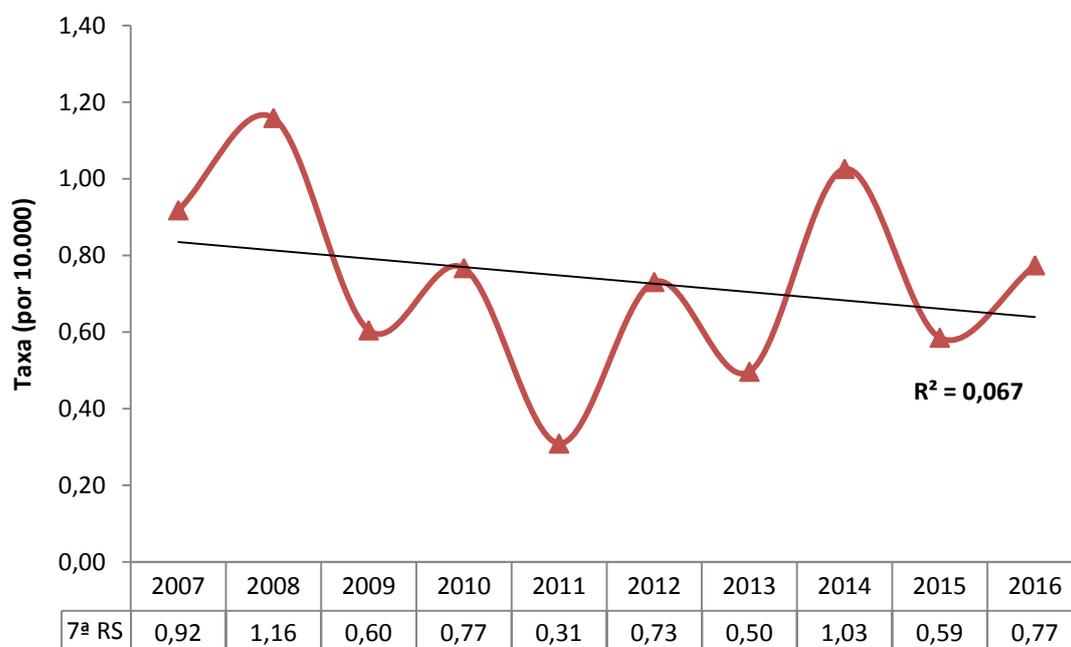
DOENÇAS E AGRAVOS POTENCIALMENTE RELACIONADOS AO TRABALHO

Foram consideradas, para análise, as dermatoses (L98), as pneumoconioses (J60-J64) e os efeitos tóxicos de substâncias de origem predominantemente não-medicinal (T51-T65), sendo calculadas taxas de internação. É importante destacar que essas doenças/agravos podem não estar relacionados ao trabalho, entretanto, sinaliza para uma eventual necessidade de maior articulação com as unidades hospitalares, no sentido de detectar e esclarecer, por meio de investigação epidemiológica, a sua relação com a atividade laboral.

No período analisado, foram realizadas 376 internações de residentes na 7ª RS por tais doenças/agravos, não podendo ser avaliada tendência devido às fortes oscilações nas taxas de internação no período analisado (Figura 13).

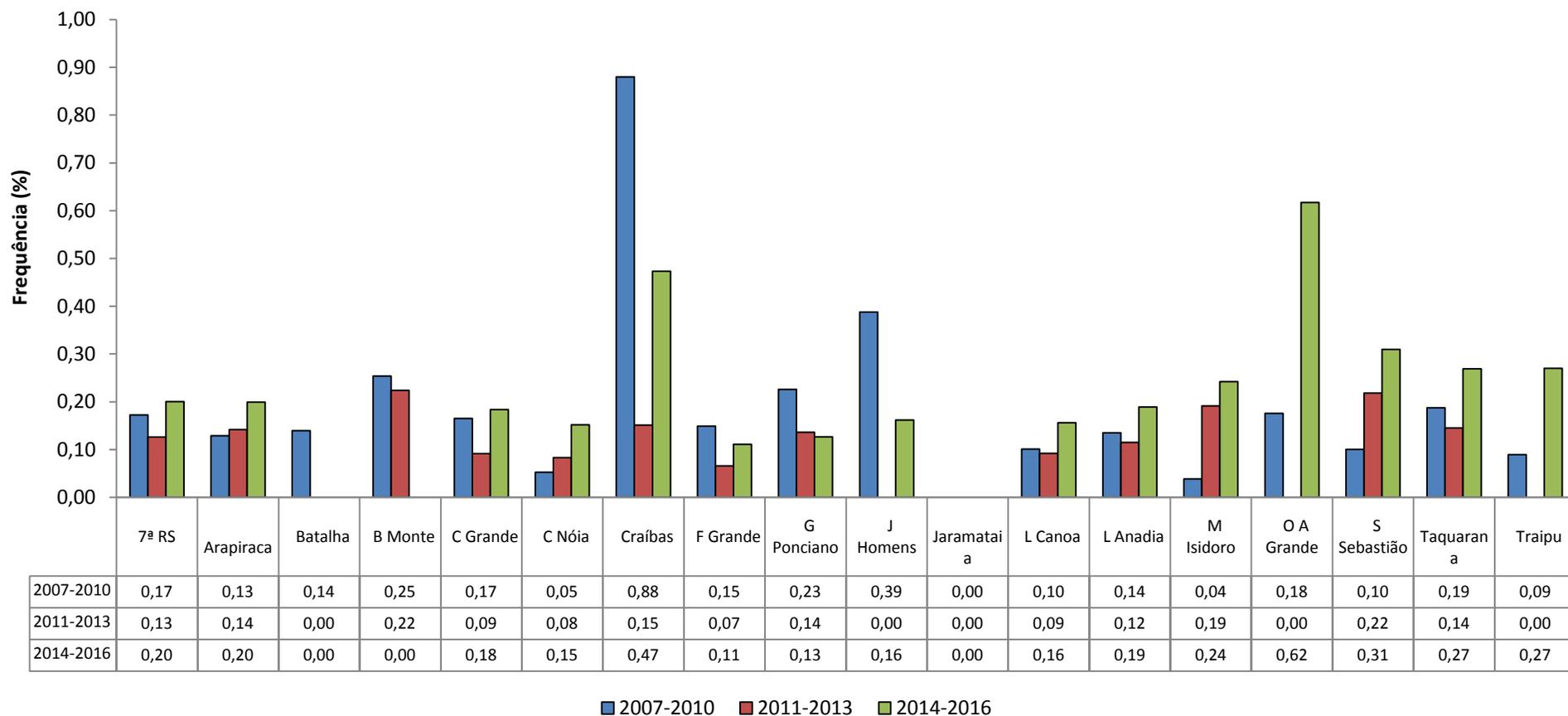
Entre os municípios da região, chama atenção as elevadas frequências no período 2014-2016 na maioria dos municípios, porém destacam-se com as maiores proporções os municípios de Craíbas e Olho d'Água Grande. Além disso, merece atenção o fato de inexistir internações para as doenças/agravos em questão entre os residentes de Jaramataia em todo o período analisado (Figura 14).

Figura 13 – Taxas de internação por doenças e agravos potencialmente relacionados ao trabalho. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

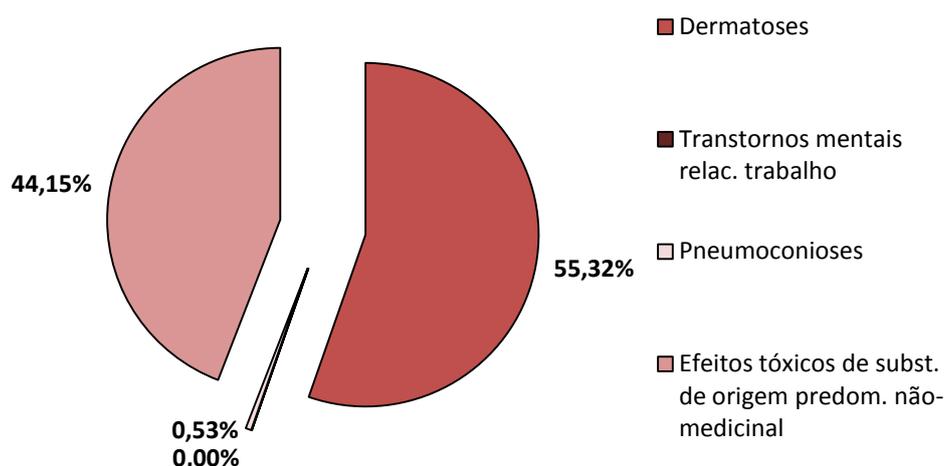
Figura 14 – Frequências das internações por doenças e agravos potencialmente relacionados ao trabalho, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

A maioria das internações é decorrente das dermatoses (55,32%) (Figura 15), totalizando 208 internações em todo o período analisado. As internações por pneumoconioses – enquanto diagnóstico para emissão da AIH – são quase inexistentes, havendo apenas duas hospitalizações em todo o período.

Figura 15 – Frequências das internações por doenças e agravos potencialmente relacionados ao trabalho, segundo doença/agravo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.

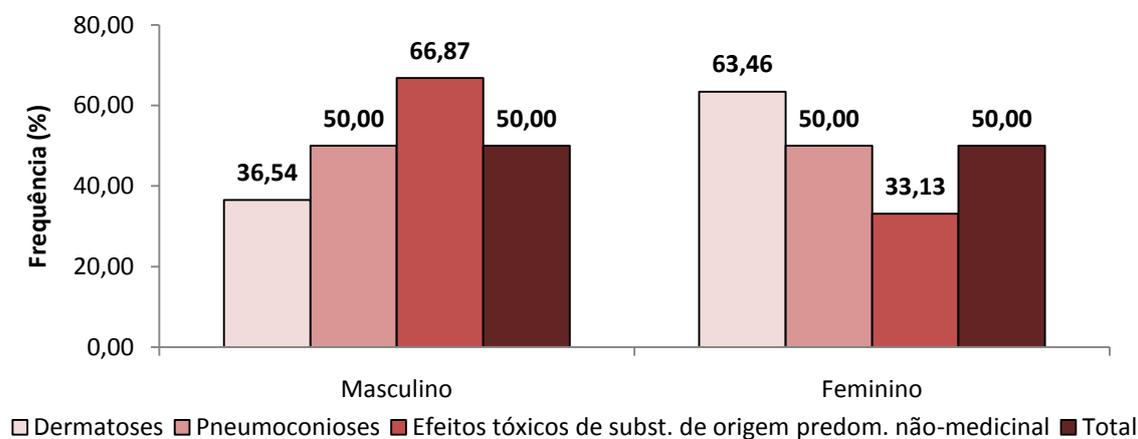


Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Os homens correspondem à metade dos casos (50,00%), além disso, ao estratificar cada doença/agravo, percebe-se que as dermatoses são mais frequentes entre as mulheres (63,46%), enquanto que os homens são predominantes nas intoxicações (66,87%) (Figura 16).

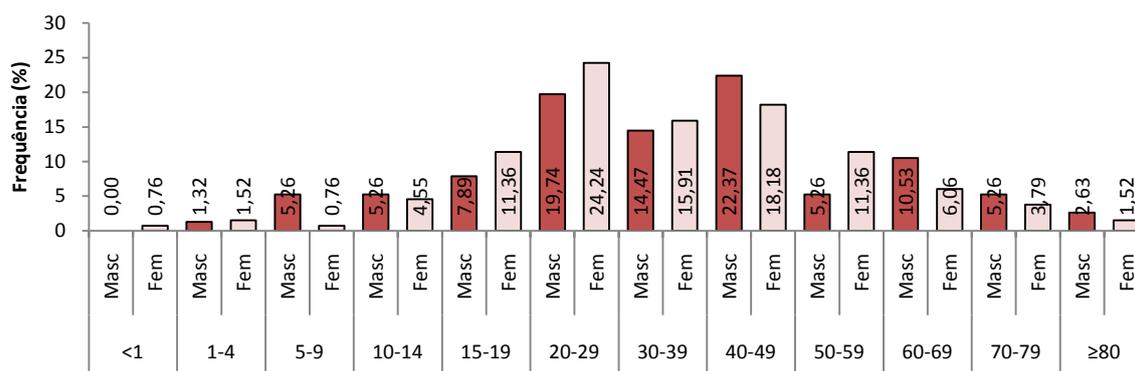
As dermatoses são mais prevalentes entre os homens de 20 a 49 anos e entre mulheres de 15 a 59 anos (Figura 17), enquanto que as intoxicações ocorrem predominantemente entre homens e mulheres de 20 a 49 anos (Figura 18). É importante analisar as frequências de intoxicações entre crianças, inclusive entre os menores de um ano, uma vez que essa ocorrência, a depender da idade, pode ser decorrente de acidentes domésticos, trabalho infantil ou ainda envolvendo animais peçonhentos.

Figura 16 – Frequências das internações por doenças e agravos potencialmente relacionados ao trabalho, segundo doença/agravo, estratificadas por sexos. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



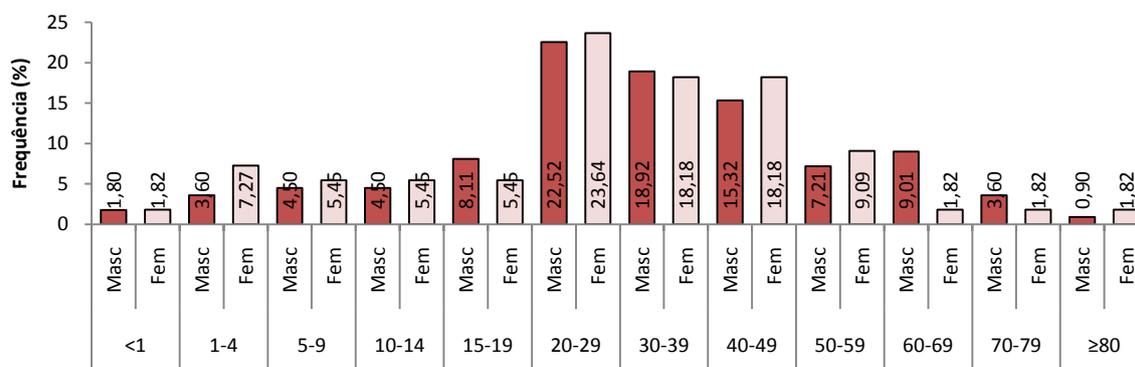
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Figura 17 – Frequências das internações por dermatoses segundo sexos e faixas etárias. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Figura 18 – Frequências das internações por intoxicações segundo sexos e faixas etárias. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

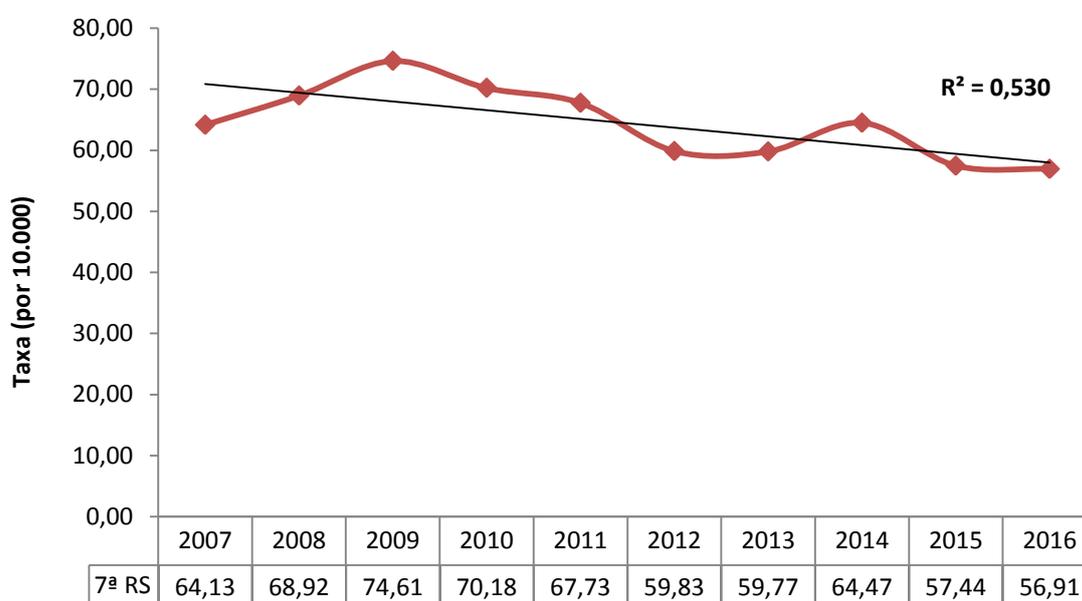
DOENÇAS CRÔNICAS NÃO TRANSMISSÍVEIS (DCNT)

Para a análise das internações por algumas DCNT, foram calculadas taxas de internação e foram selecionadas as doenças cerebrovasculares (I60-I69), o diabetes (E10-E14), a hipertensão primária (I10), as doenças isquêmicas do coração (I20-I25), os cânceres (C00-C76; C80-C97; D45-D47), as doenças crônicas das vias aéreas inferiores (J40-J47) e os transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de substâncias psicoativas (F10-F19). Além disso, foram desconsideradas as internações para a realização de partos.

Nesse contexto, as taxas de internação têm perspectiva de decréscimo e com moderada significância entre os residentes da região (Figura 19).

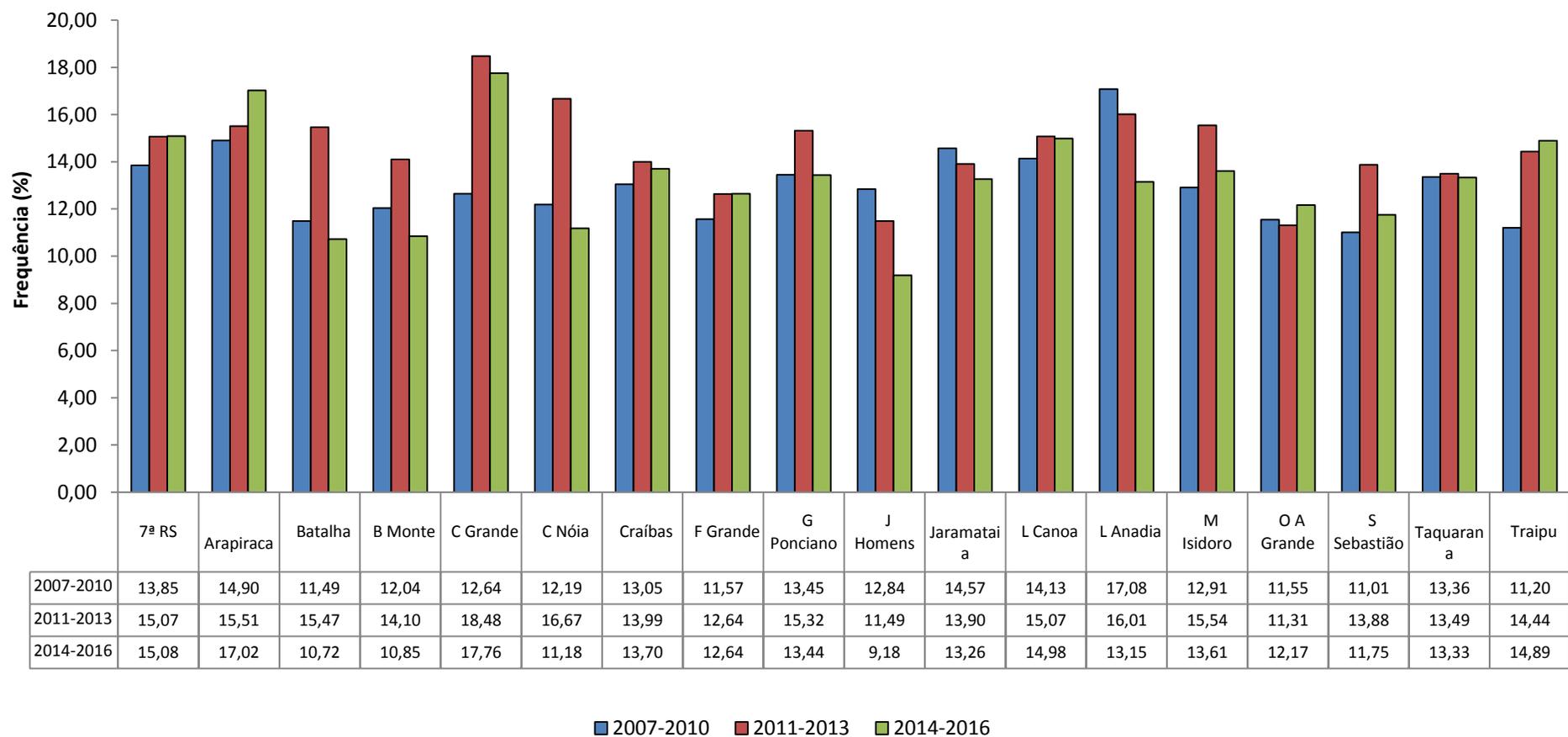
Analisando-se as frequências das internações nos municípios da região, em três diferentes períodos de tempo (2007 a 2010; 2011 a 2013; e 2014 a 2016), percebe-se aumento nas proporções entre os residentes de Arapiraca, Campo Grande, Craíbas, Feira Grande, Girau do Ponciano, Lagoa da Canoa, Major Isidoro, Olho d'Água Grande, São Sebastião e Traipu (Figura 20).

Figura 19 – Taxas de internação por doenças crônicas não transmissíveis (DCNT). 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Figura 20 – Frequências das internações por doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Ao desagregar as DCNT segundo doenças selecionadas observa-se que as internações por câncer são crescentes na região, apresentando crescimento na maioria dos municípios e com frequências elevadas no período 2014-2016, especialmente entre os residentes de Jaramataia, Arapiraca e Traipu (Figura 21).

As doenças cerebrovasculares mantêm-se relativamente estáveis na região, mas com as menores frequências entre os residentes de Batalha e de Jacaré dos Homens (Figura 22).

As maiores proporções de internações por diabetes ocorreram no período de 2011 e 2013 em todos os municípios da região, exceto em Craíbas, Jacaré dos Homens e Olho d'Água Grande, havendo reduções no período de 2014 a 2016, mas merece destaque as reduções ocorridas entre os residentes de Belo Monte e Coité do Nóia (Figura 23).

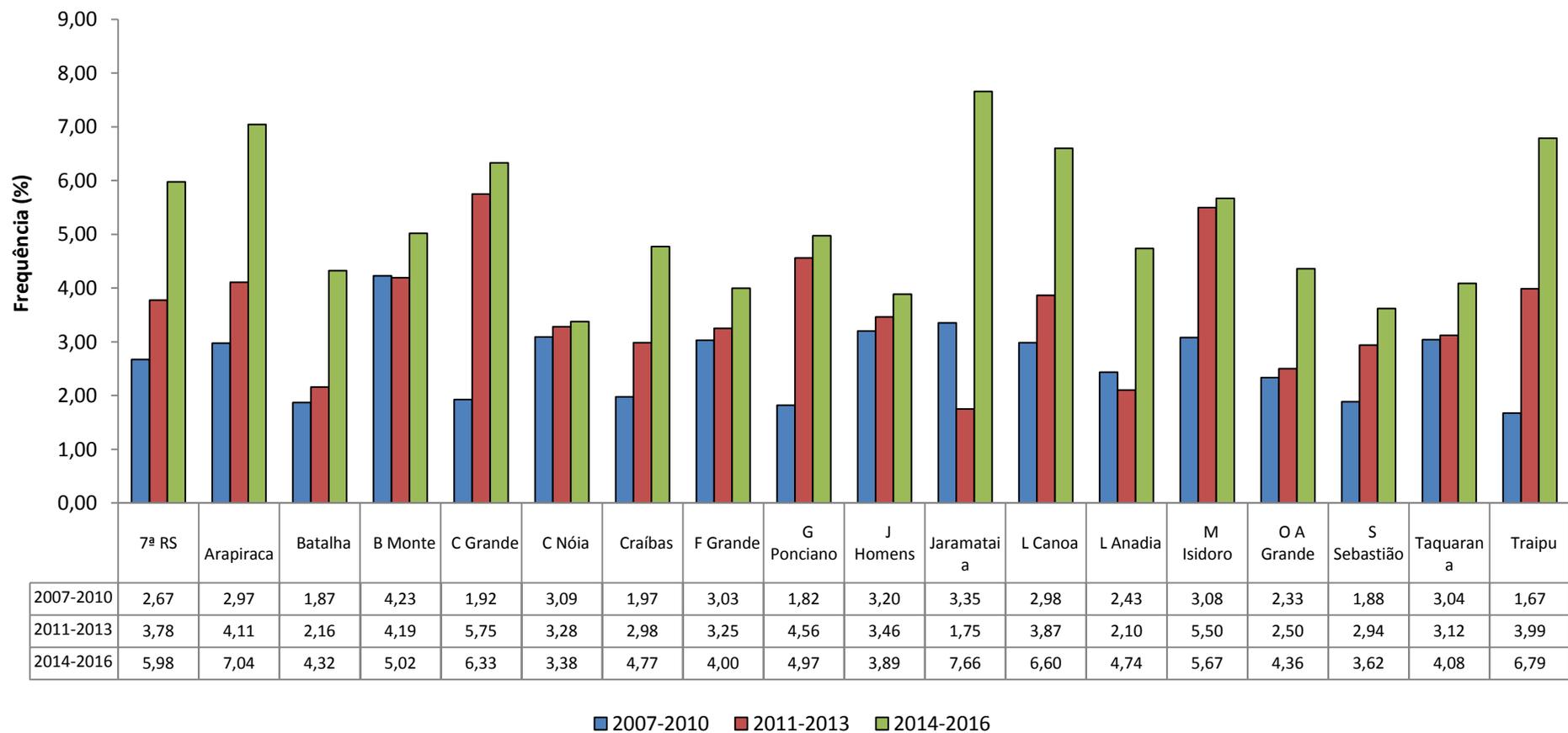
As maiores proporções de internações por hipertensão primária ocorreram, praticamente em todos os municípios, no período de 2007 a 2010, porém, apenas em Belo Monte a frequência no período de 2014 a 2016 foi a mais elevada de todo o período analisado (Figura 24).

Major Isidoro e Campo Grande se destacam com as maiores frequências de internações por doença isquêmica do coração, respectivamente, nos períodos de 2011-2013 e 2014-2016. Aumentos sucessivos são observados entre residentes de Campo Grande, Craíbas, Feira Grande, Girau do Ponciano, Olho d'Água Grande e São Sebastião (Figura 25).

As doenças respiratórias crônicas apresentam reduções em todas as localidades, com as menores frequências entre 2014 e 2016, mas vale destacar que as maiores proporções, independentemente do período considerado, encontram-se entre os municípios de Batalha (Figura 26).

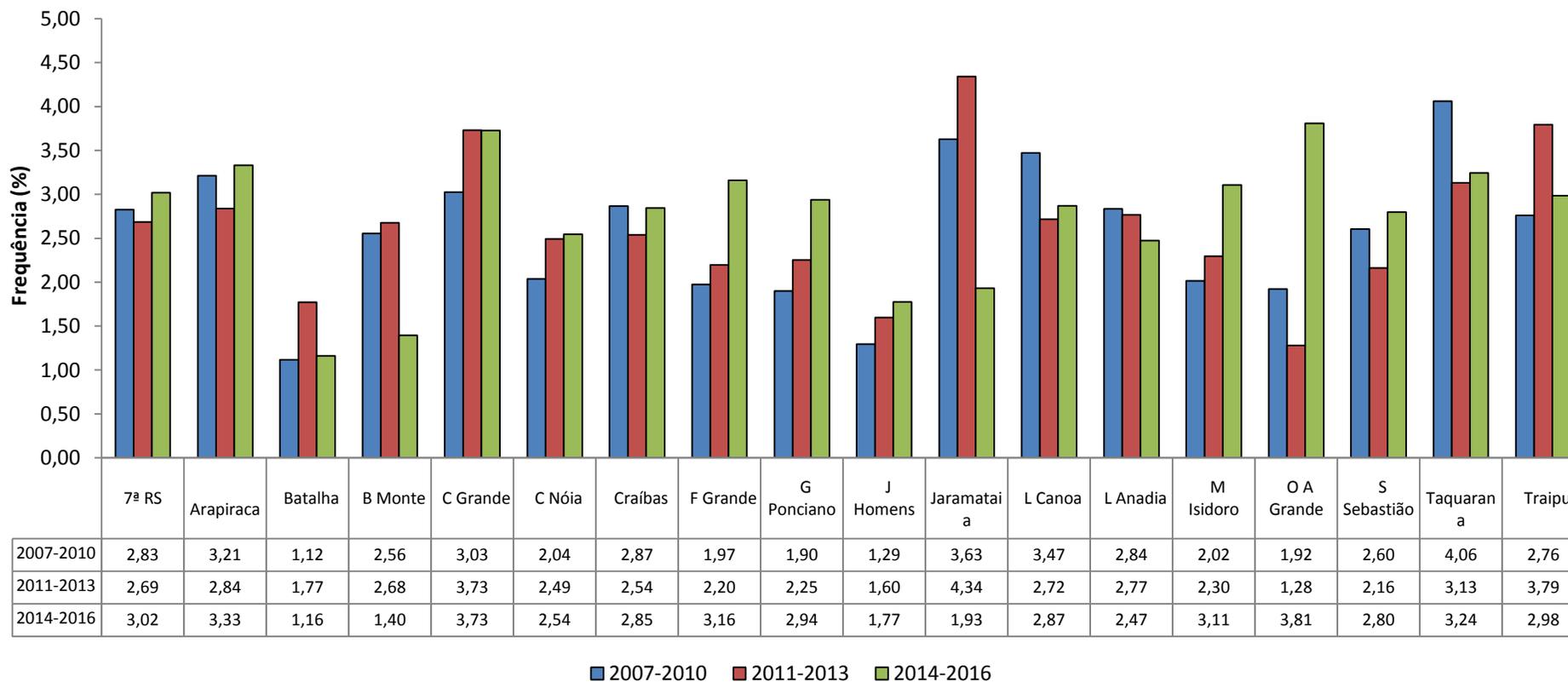
Os transtornos mentais e comportamentais em decorrência do uso de substâncias psicoativas crescem enquanto causas de internação entre os residentes da região, com as maiores frequências entre residentes de Coité do Nóia, Limoeiro de Anadia, Lagoa da Canoa, Craíbas e Arapiraca (Figura 27).

Figura 21 – Frequências das internações por câncer, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



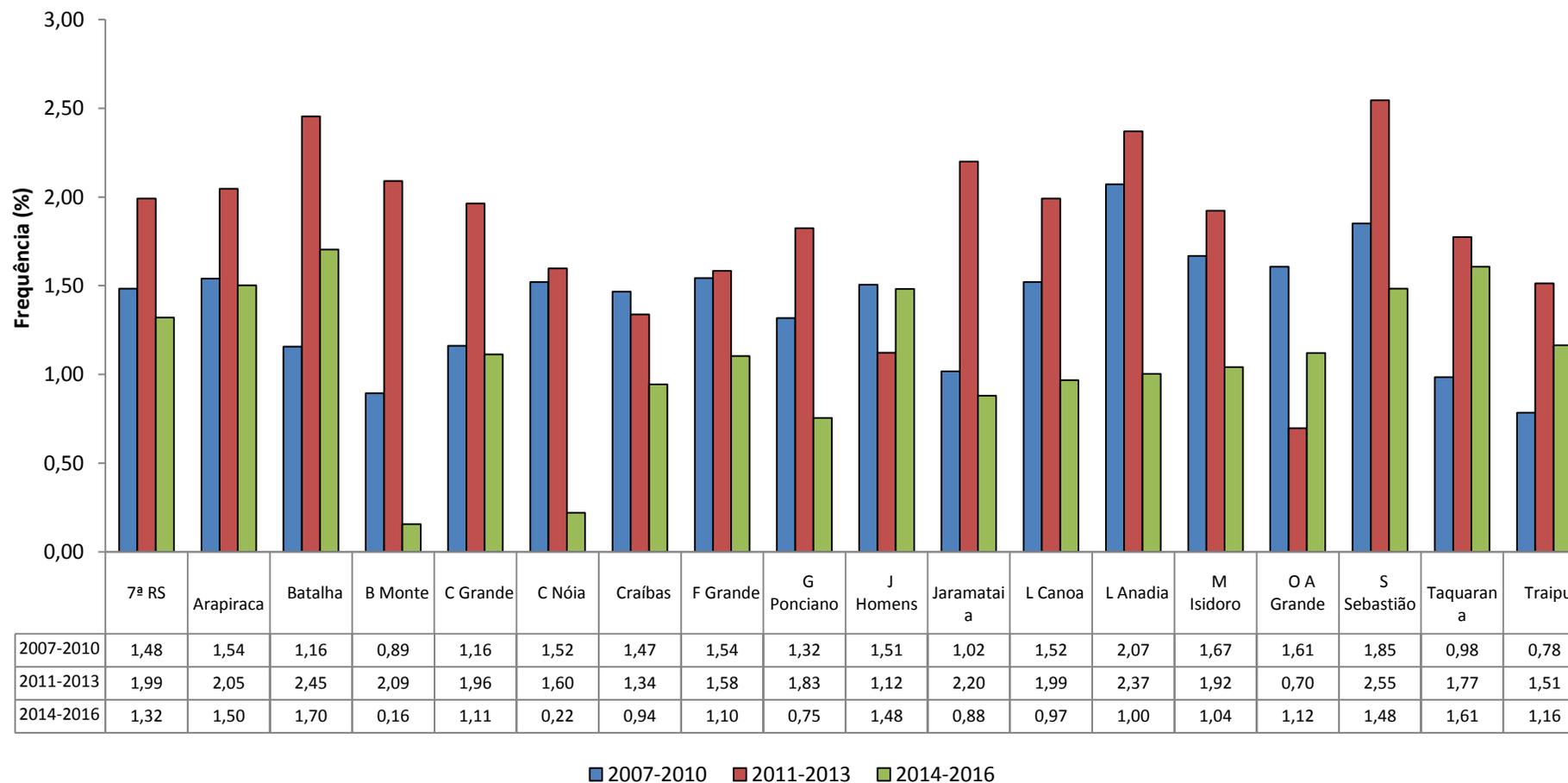
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Figura 22 – Frequências das internações por doenças cerebrovasculares, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



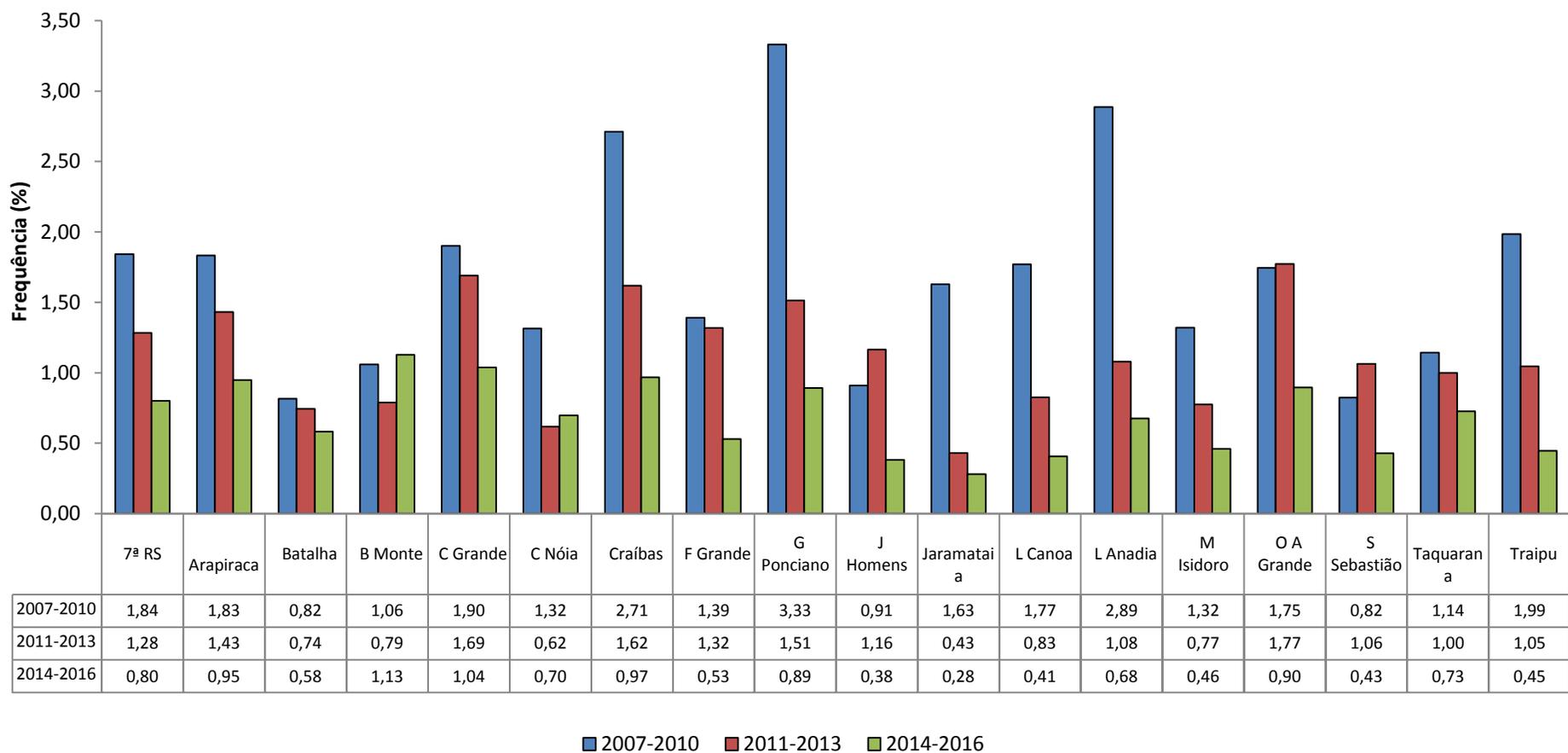
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Figura 23 – Frequências das internações por diabetes, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



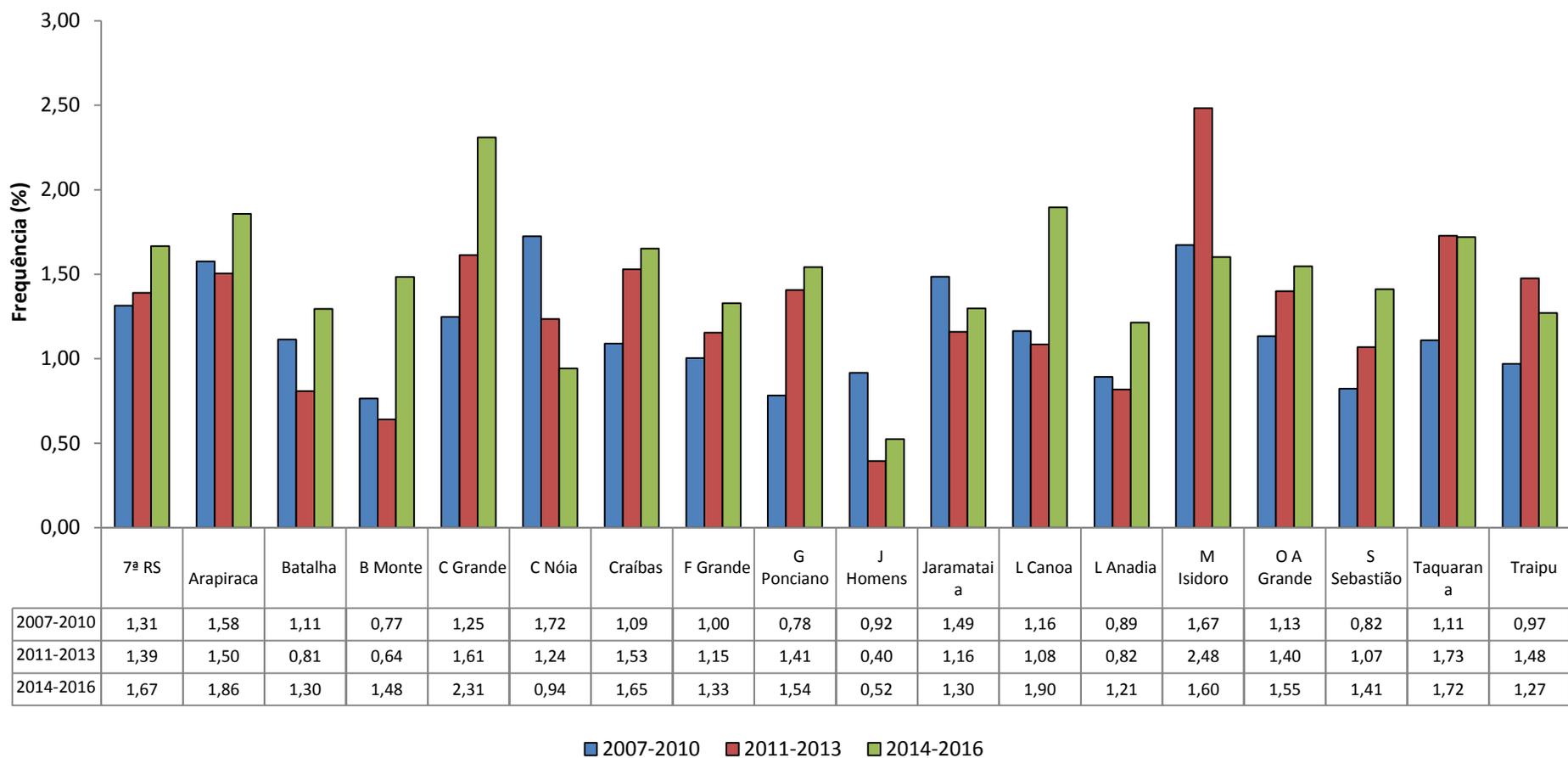
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Figura 24 – Frequências das internações por hipertensão primária, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



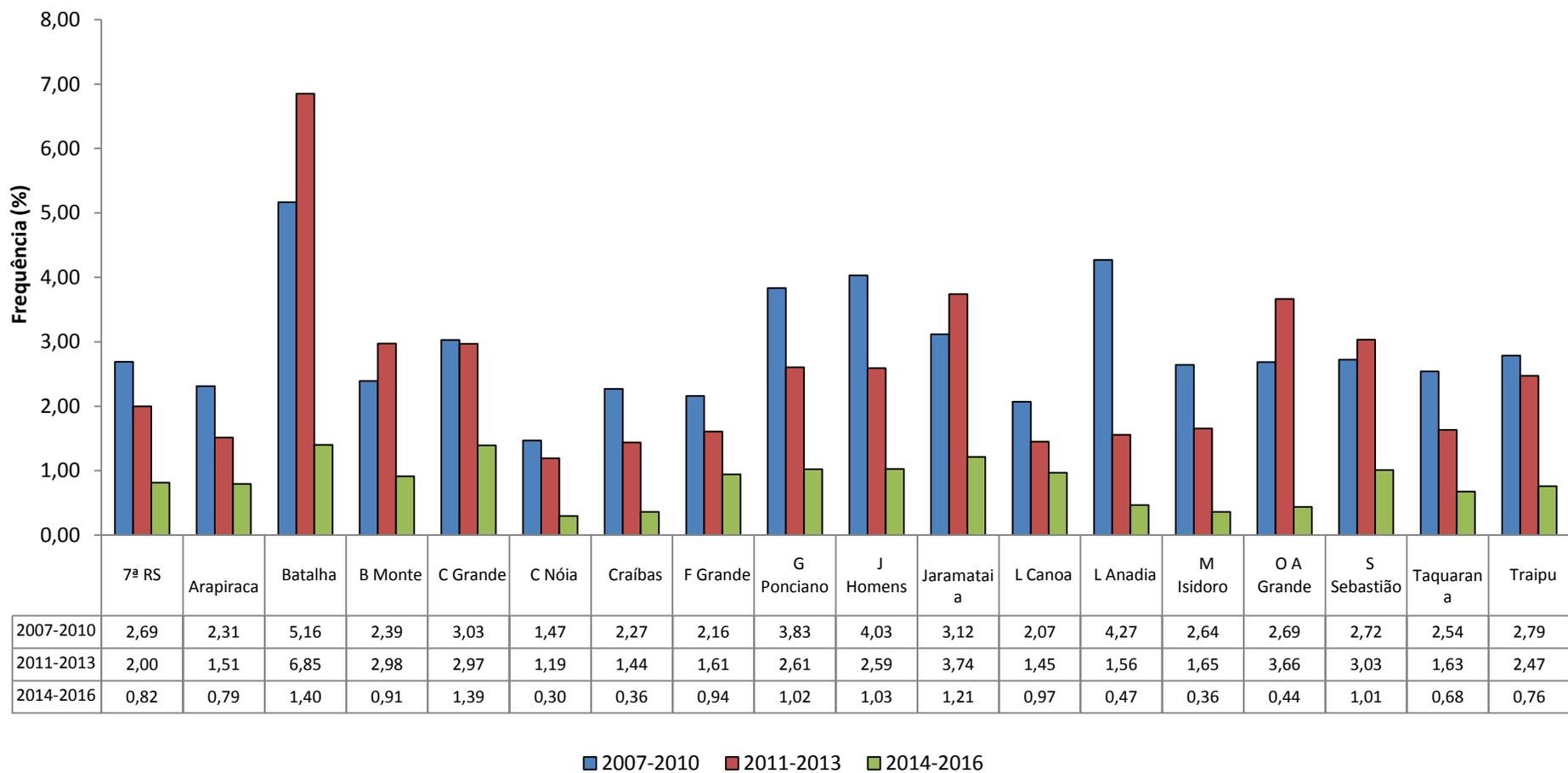
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Figura 25 – Frequências das internações por doença isquêmica do coração, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



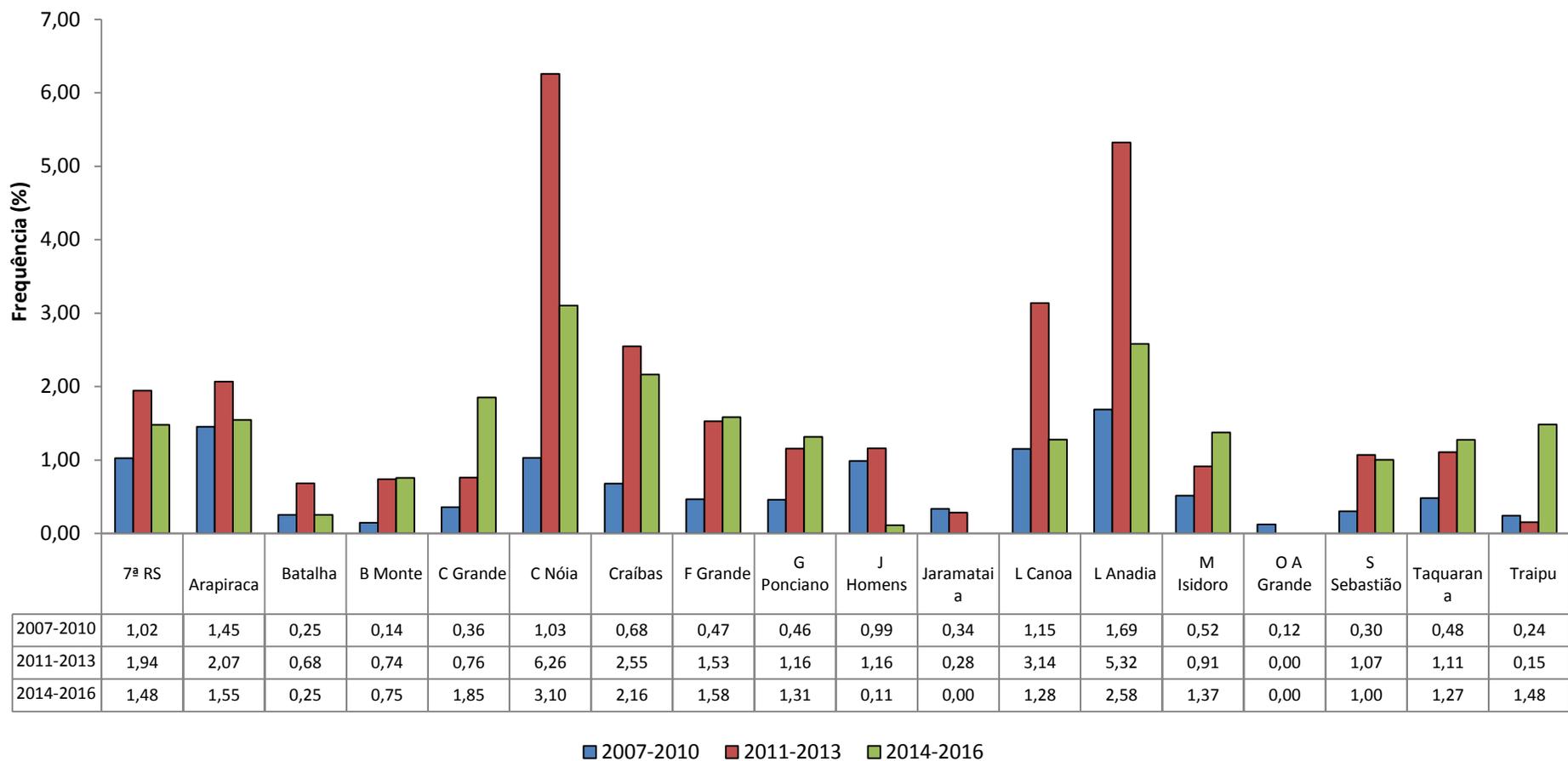
Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Figura 26 – Frequências das internações por doenças respiratórias crônicas, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

Figura 27 – Frequências das internações por transtornos mentais e comportamentais em decorrência do uso de substância psicoativa, segundo município de residência, em diferentes períodos de tempo. 7ª Região de Saúde, 2007 a 2016.



Fonte: SIH/DATASUS/MS. Dados tabulados em Outubro/2017 e sujeitos à revisão.

The background is a solid light pink color. On the left side, there are several vertical lines of varying thicknesses, some in a slightly darker shade of pink, creating a sense of depth and structure. On the right side, there is a perspective view of a hallway or a series of parallel lines that recede into the distance, also in shades of pink, creating a strong sense of depth and movement.

MORTALIDADE

MORTALIDADE

Durante o período de 2007 a 2016, as causas de óbitos mais frequentes na 7ª RS do estado de Alagoas foram as codificadas no Capítulo IX (7.849: 26,6%), seguida pelo do Capítulo XX (5.206: 17,6%) e XVIII(4.013: 13,6%) (Tabela 01; Figura 01).

Tabela 01 – Frequência de óbitos por grupo de causas (CAP CID-10) na 7ª RS do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.

GRUPO DE CAUSAS	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2011	2012	2013	TOTAL
CAP I	95	96	102	90	75	107	141	112	122	138	1078
CAP II	193	163	206	203	223	248	282	299	347	347	2.511
CAP III	9	10	16	7	10	10	7	11	10	12	102
CAP IV	170	194	178	196	156	169	216	200	212	248	1.939
CAP V	26	42	29	31	19	18	24	18	28	31	266
CAP VI	13	25	19	22	27	18	23	30	49	39	265
CAP VII	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1
CAP VIII	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	3
CAP IX	677	614	693	678	753	734	842	875	949	1.034	7.849
CAP X	144	128	166	153	180	206	233	238	253	323	2.024
CAP XI	105	121	129	154	141	134	161	159	160	188	1.452
CAP XII	2	3	3	4	7	4	6	4	4	15	52
CAP XIII	3	5	11	8	5	3	11	6	9	10	71
CAP XIV	25	20	27	21	33	34	45	44	44	64	357
CAP XV	4	2	8	5	5	4	7	8	3	6	52
CAP XVI	245	212	224	222	204	177	190	173	192	143	1.982
CAP XVII	27	25	31	39	34	27	34	31	41	35	324
CAP XVIII	421	373	390	447	461	441	341	387	378	374	4013
CAP XX	467	436	530	546	553	508	558	557	486	565	5.206
TOTAL	2.626	2.470	2.762	2.826	2.886	2.843	3.122	3.153	3.287	3.572	29.547

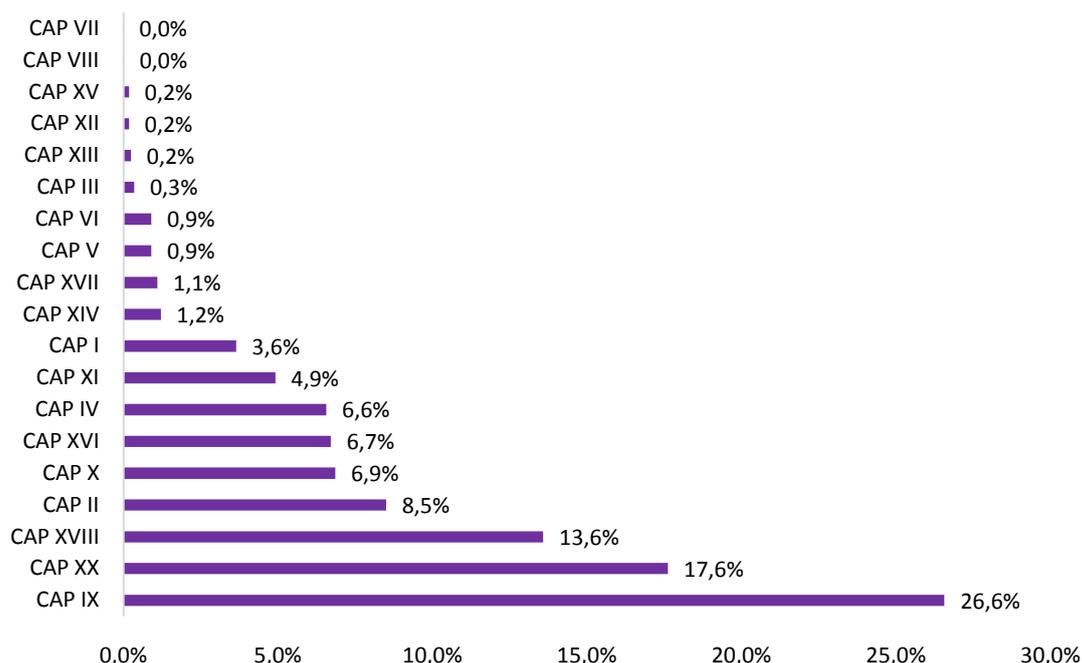
GRUPOS DE CAUSAS SEGUNDO CAPÍTULO DO CID-10

I.	Algumas doenças infecciosas e parasitárias
II.	Neoplasias
III.	Doenças do sangue e órgãos hematopoiéticos e alguns transtornos imunitários
IV.	Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas
V.	Transtornos mentais e comportamentais
VI.	Doenças do sistema nervoso
VII.	Doenças do olho e anexos
VIII.	Doenças do ouvido e da apófise mastoide
IX.	Doenças do aparelho circulatório
X.	Doenças do aparelho respiratório
XI.	Doenças do aparelho digestivo
XII.	Doenças da pele e do tecido subcutâneo
XIII.	Doenças sistema osteomuscular e tecido conjuntivo
XIV.	Doenças do aparelho geniturinário
XV.	Gravidez, parto e puerpério
XVI.	Algumas afecções originadas no período perinatal
XVII.	Malformações congênitas, deformidades e anomalias cromossômicas
XVIII	Sintomas, sinais e achados anormais de ex. clínicos e de laboratório não classificados em outra parte
XIX.	Lesões, envenenamento e algumas outras consequências de causas externas*
XX.	Causas externas de morbidade e mortalidade
XXI.	Fatores que influenciam o estado de saúde e o contato com os serviços de saúde*

*Excluídos por não ter ocorrido casos no período avaliado.

Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

Figura 01 – Mortalidade proporcional por grupo de causas (CAP CID-10) na 7ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.

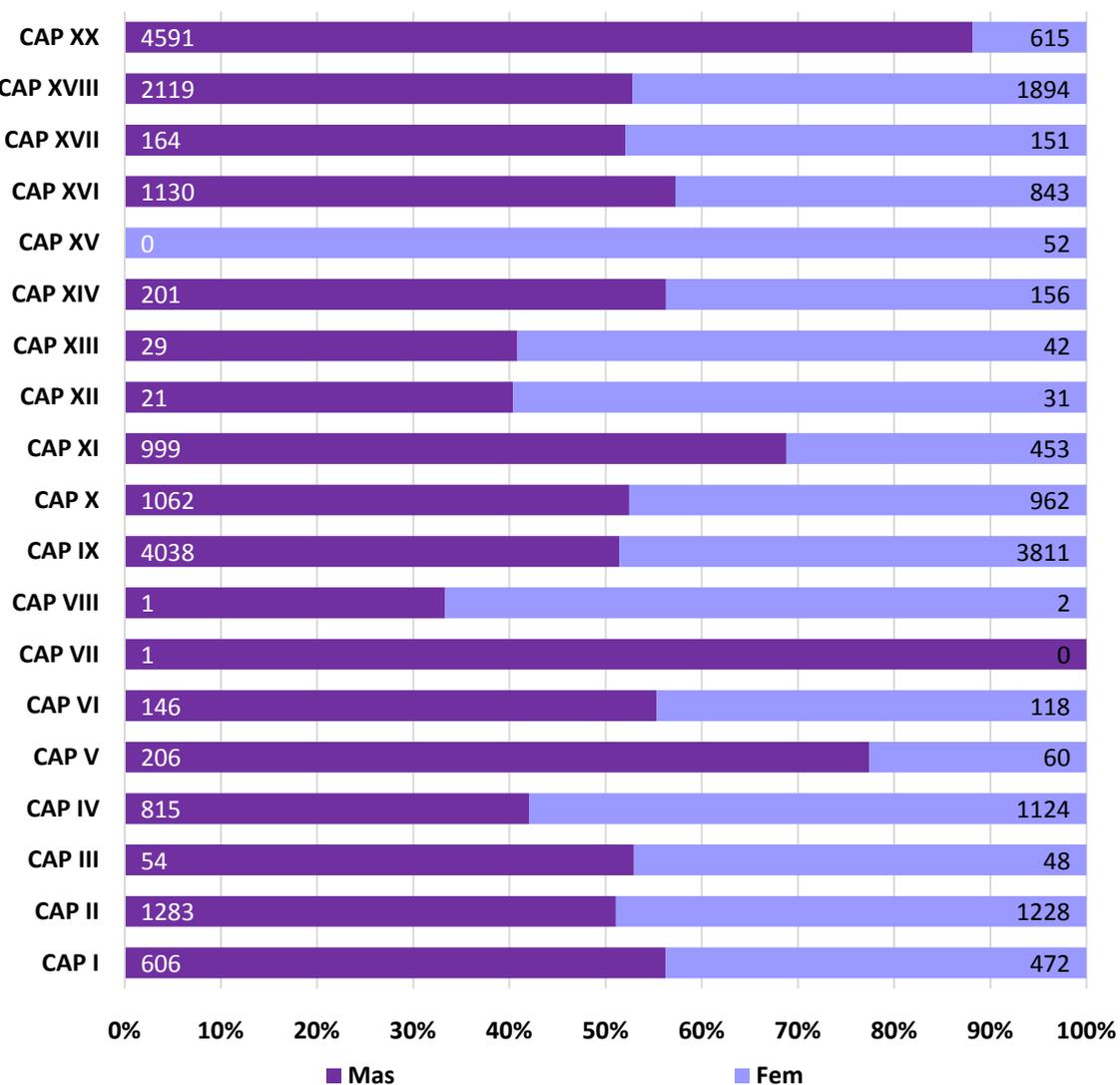


Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

Avaliando os grupos de causas de óbitos por sexo, verifica-se uma diferença mais significativa quando observadas as causas codificadas no Capítulo XX (Causas externas de morbidade e mortalidade), onde, aproximadamente 90% dos casos ocorrem entre os homens, confirmando uma maior ocorrência de óbitos por causas externas, principalmente aquelas relacionadas a acidentes e homicídios entre os indivíduos do sexo masculino (Figura 02).

Entre os indivíduos do sexo feminino, com exceção das causas codificadas no capítulo XV (Gravidez, parto e puerpério – associadas exclusivamente as mulheres), observa-se que nos capítulos IV (Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas), VIII (Doenças do ouvido e da apófise mastoide), XII (Doenças da pele e do tecido subcutâneo) e XIII (Doenças sistema osteomuscular e tecido conjuntivo) as mulheres são a maioria dos casos que evoluíram para óbito por estes grupos de causas na região, em especial com maior diferença na proporção em relação ao capítulo VIII (Figura 02).

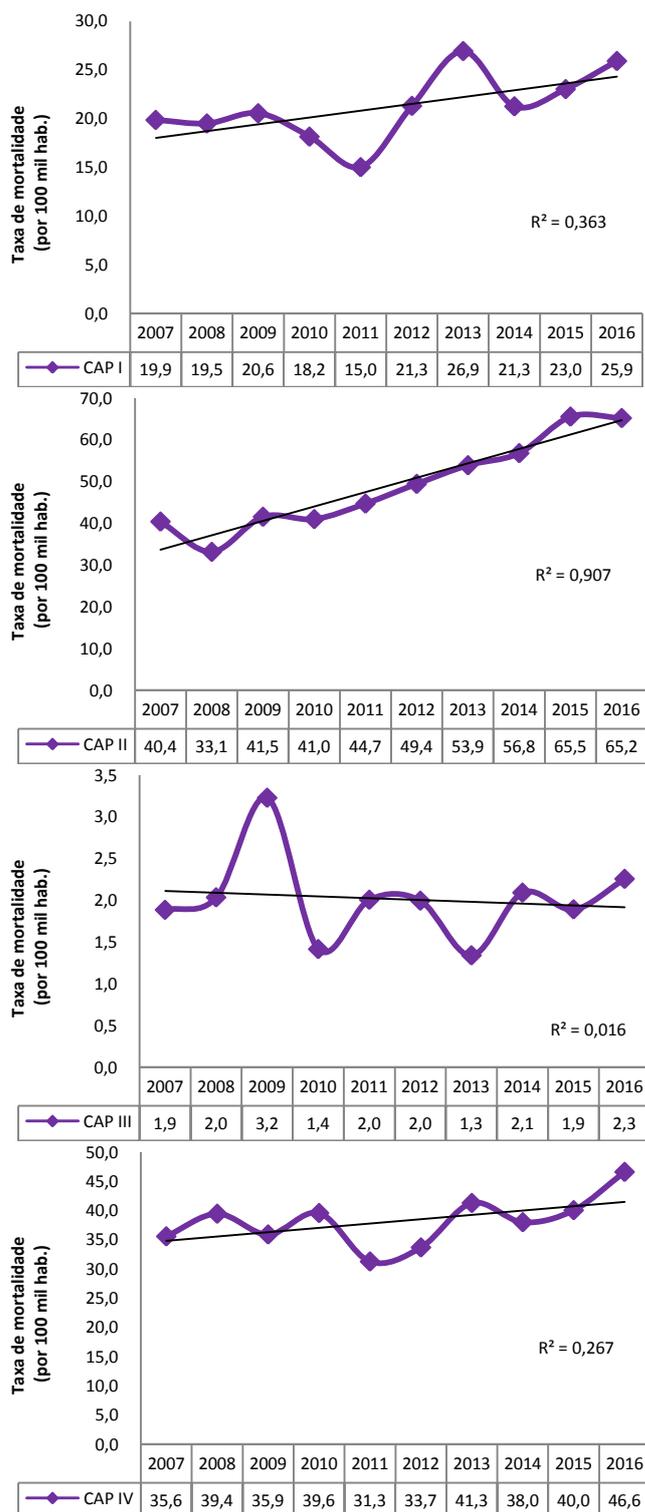
Figura 02– Frequência de óbitos por grupo de causas (CAP CID-10) na 7ª Região de Saúde do estado de Alagoas, segundo sexo, período 2007 a 2016.

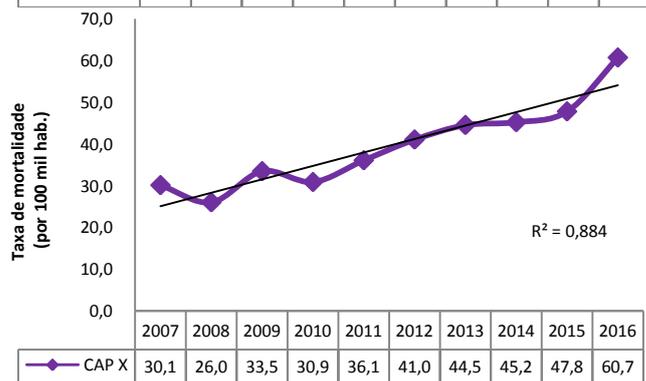
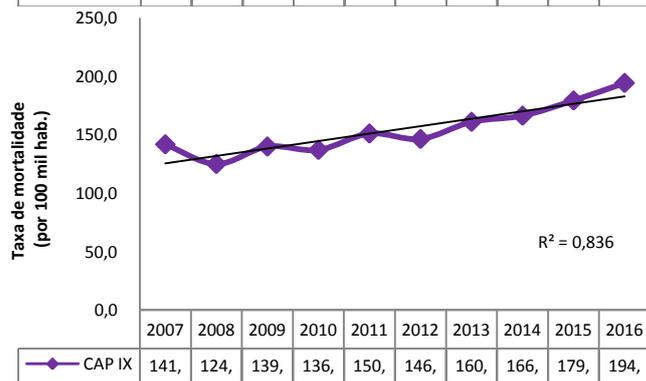
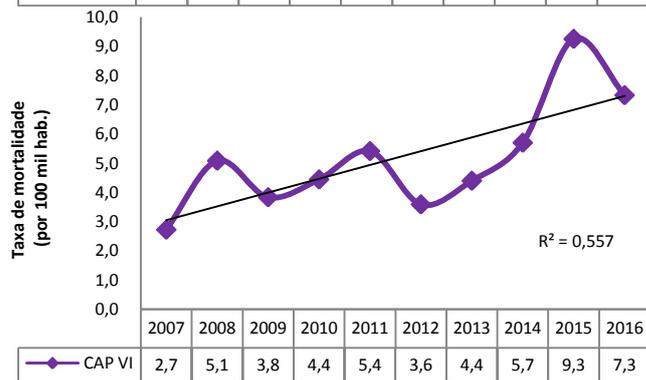
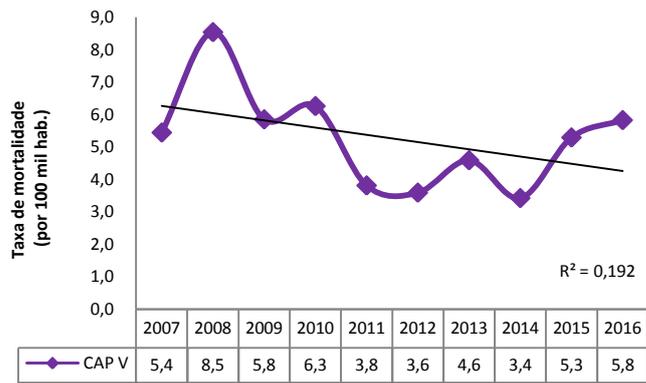


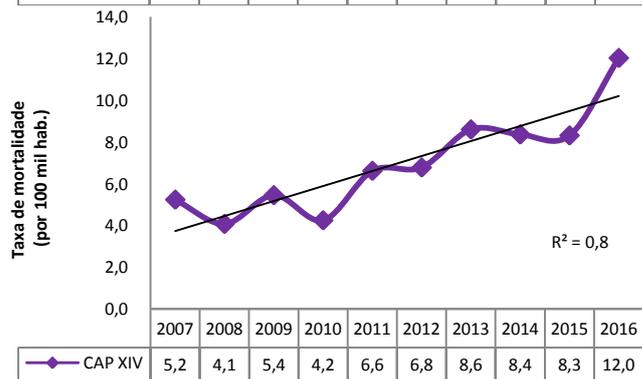
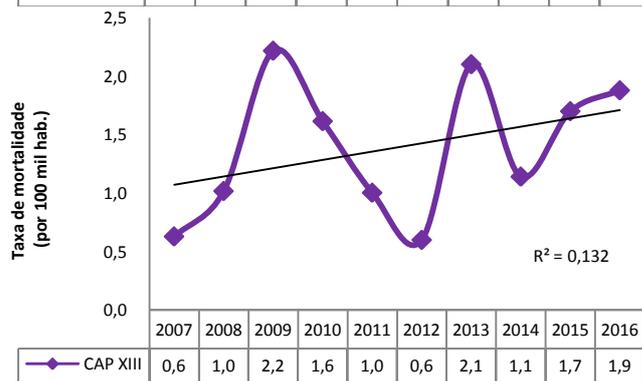
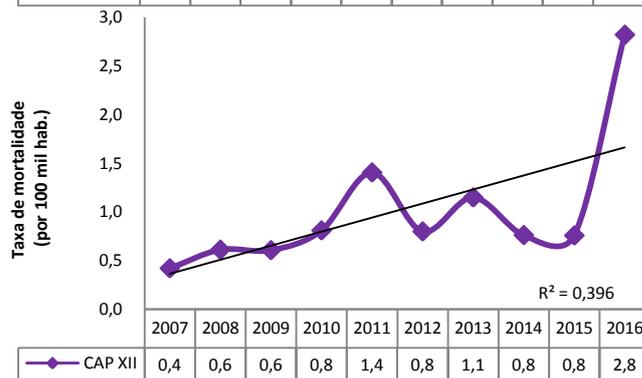
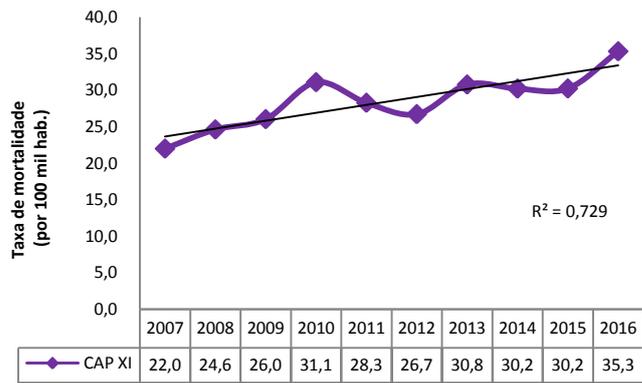
*Excluídos os capítulos XIX e XXI por não apresentarem casos no período avaliado.

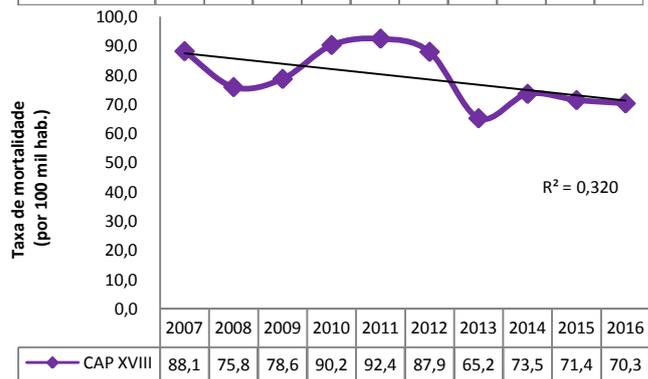
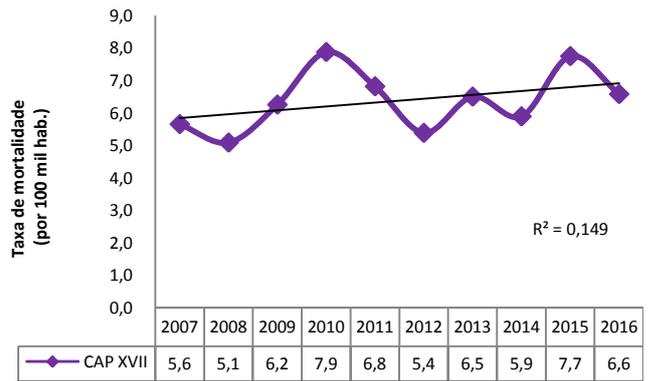
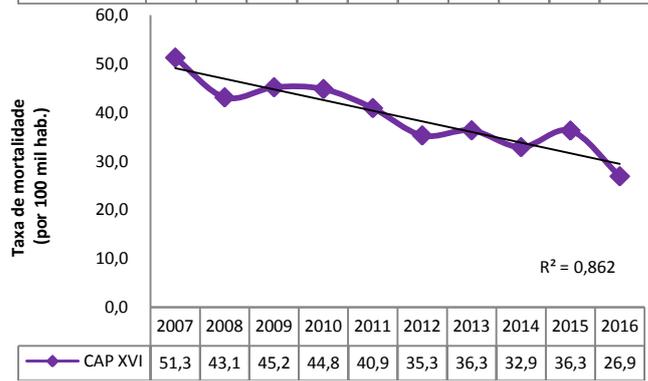
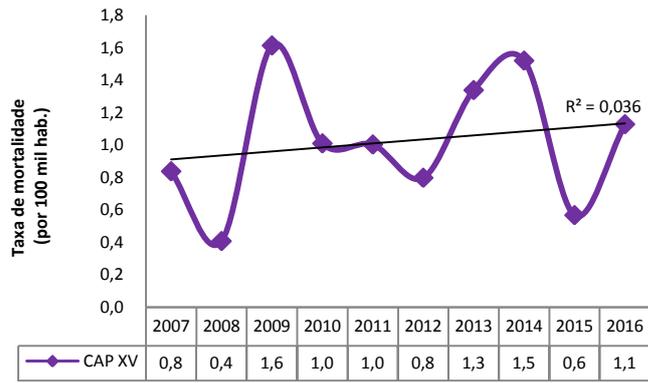
Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

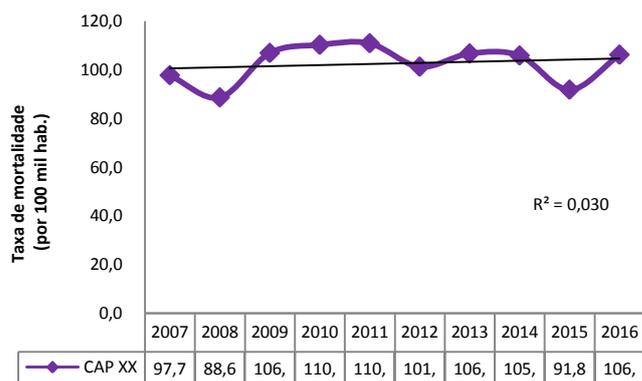
Figura 03 – Tendência temporal da taxa de mortalidade segundo os grupos de causas (CAP. CID-10 *) na 7ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.











*Excluídos os cap. VII, VIII, XIX e XXI por não apresentarem casos no período ou não possuírem taxas significativas. Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

Observa-se na figura 03 a tendência temporal da taxa de mortalidade para cada grupo de causas codificadas no CID-10. Entre os três grupos de causas apontados como sendo responsáveis pelas maiores proporções de óbitos na 7ª RS (Capítulos IX, XX e XVIII), o grupo de causas que codificam as doenças do aparelho circulatório (CAP. IX) apresentou nesta RS uma forte tendência de crescimento ($R^2=0,8366$) (Figura 03-CAP. IX). Apesar da proporção de óbitos decorrentes das causas codificadas no capítulo II figurar como uma das três mais frequentes no Estado, nesta RS ela não apresenta a mesma importância, contudo, observa-se uma forte tendência de crescimento em sua taxa de mortalidade quando avaliado o período (Figura 03 - CAP. II; $R^2=0,907$). Outros capítulos que apresentam tendência de crescimento na 7ª RS são VI ($R^2=0,5574$), X ($R^2=0,8845$), XI ($R^2=0,7297$) e XIV ($R^2=0,8000$). As causas codificadas no capítulo XVI (Algumas afecções originadas no período perinatal) também chamam atenção por apresentar tendência de queda significativa (Figura 03 - CAP. XVI; $R^2=0,8628$).

Ainda fazendo referência aos grupos de causas, especificamente ao capítulo XVIII, sabe-se que este pode, mesmo que indiretamente, medir o acesso e a disponibilidade da atenção à saúde para com a população, e ainda, a qualidade dos serviços responsáveis por diagnóstico e de esclarecimento das causas de morte no Estado. É importante salientar que as regiões que apresentam uma alta frequência de óbitos com causas não esclarecidas, certamente possuem fragilidades nos dados epidemiológicos de mortalidade do território analisado. Portanto, recomenda-se que o número de óbitos classificados como mal definidos apresente uma diminuição progressiva. Na 7ª RS, pode-se observar que o capítulo XVIII, que codificam as causas

mal definidas, não apresenta uma tendência definida ao longo de todo o período, no entanto, percebe-se que existe uma redução das taxas no período, mesmo não sendo significativa quando avaliada sua tendência.

Tabela 02 – Frequência das principais causas de óbitos definidas na 7ª Região de Saúde do Estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.

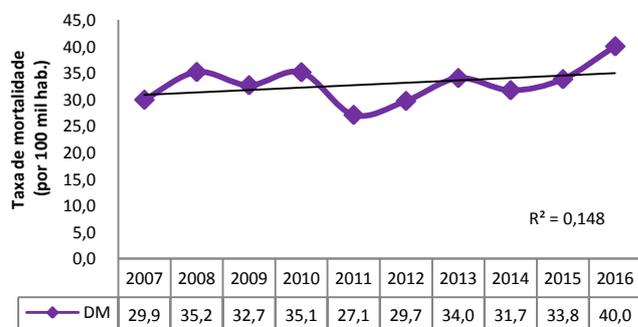
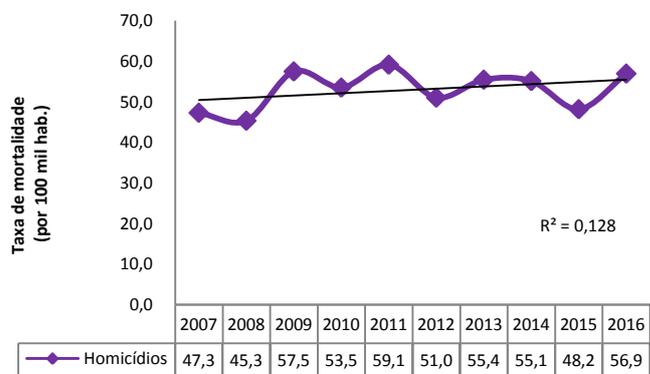
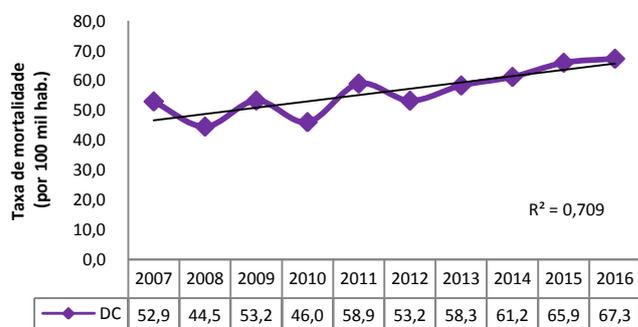
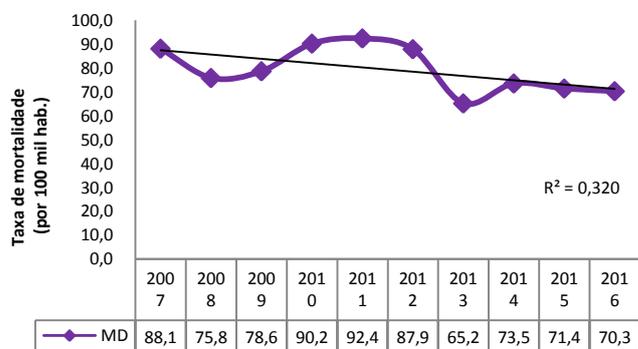
CAUSAS DEFINIDAS	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	TOTAL
Mal definidas	421	373	390	447	461	441	341	387	378	374	4013
Doenças cerebrovasculares	253	219	264	228	294	267	305	322	349	358	2859
Homicídios	226	223	285	265	295	256	290	290	255	303	2688
Diabetes mellitus	143	173	162	174	135	149	178	167	179	213	1673
Acidentes de trânsito transporte	145	117	156	171	167	165	161	179	153	172	1586
Infarto agudo do miocárdio	98	102	86	116	135	143	148	179	222	253	1482
Doenças hipertensivas	141	129	153	115	127	128	154	147	157	185	1436
Insuficiência cardíaca	90	67	103	116	133	126	142	139	114	136	1166
Causas perinatais	106	125	114	111	102	87	93	71	79	60	948
Pneumonias	51	39	54	52	59	59	90	97	98	137	736

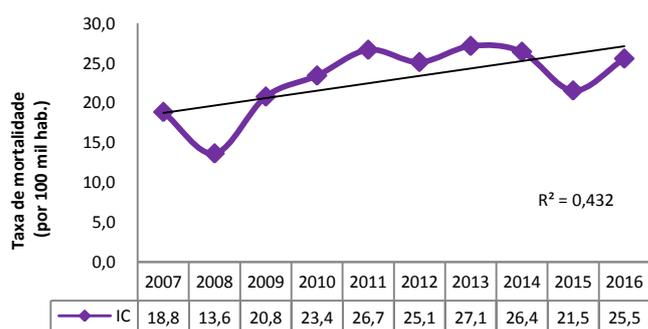
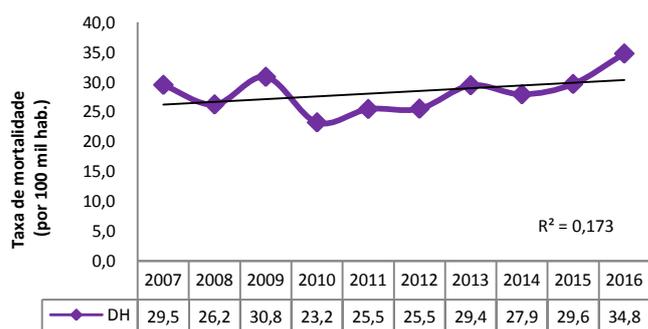
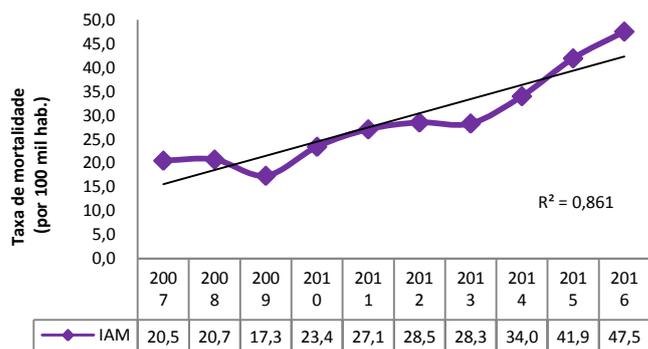
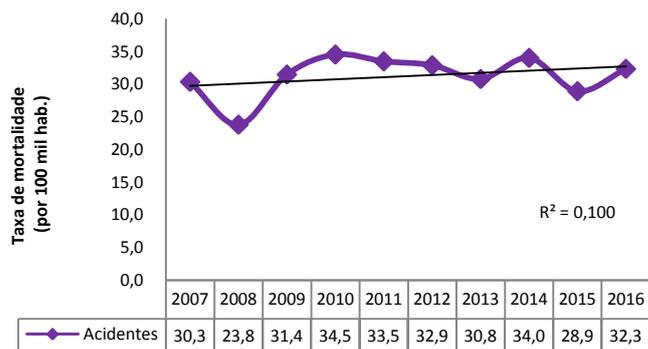
Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

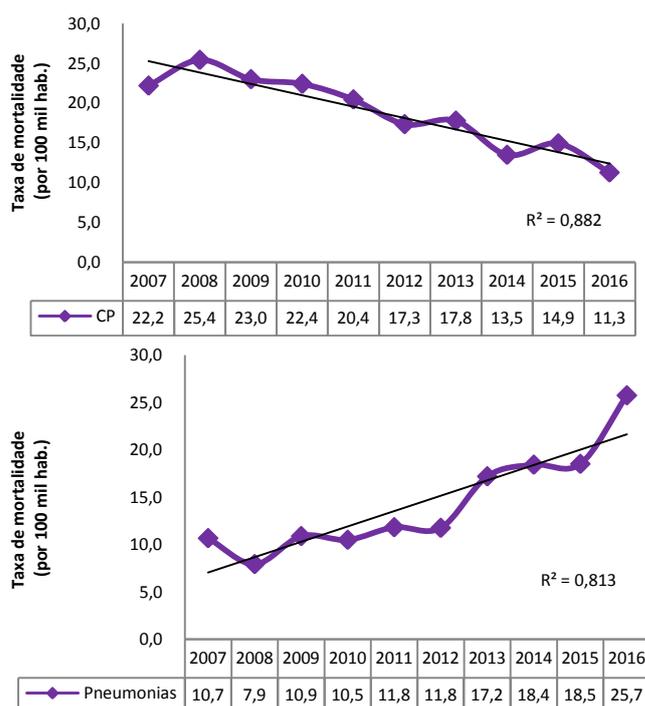
Entre as causas definidas de óbitos observadas na 7ª RS do estado de Alagoas, os acidentes cerebrovasculares apresentam a mais alta frequência no acumulado dos últimos dez anos, seguido por homicídios e *diabetes mellitus* (Tabela 02). As causas mal definidas figuram em primeiro lugar na RS, no entanto, por não se tratar de um diagnóstico, não se pode representar como a primeira causa de mortalidade.

Os óbitos por homicídios, além de figurarem como uma das principais causas de mortalidade da RS, sempre esteve presente em número elevado, não havendo variação significativa ao longo do período. Sua análise não demonstra uma tendência definida, o que sugere uma manutenção dos índices desta causa de mortalidade na RS, a menos que se determinem ações de combate efetivas (Tabela 02; Figura 05- Homicídios).

Figura 05– Tendência temporal da taxa de mortalidade devido às principais causas determinadas de óbitos observadas na 7ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016 (MD-Mal definidas; DC-Doenças Cerebrovasculares; DM-*Diabetes Mellitus*; IAM-Infarto Agudo do Miocárdio; DH-Doenças Hipertensivas; IC-Insuficiência Cardíaca; CP-Causas Perinatais).







Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

Apresentaram tendência de crescimento as taxas de mortalidade devido as doenças cerebrovasculares ($R^2=0,7092$), infarto agudo do miocárdio ($R^2=0,8616$) e Insuficiência cardíaca ($R^2=0,4321$). As causas mal definidas, como relatada, figuraram como a mais frequente, e ainda, de acordo com a análise de tendência temporal, espera-se a manutenção da frequência observada em todo o período (tabela 02; Figura 05-MD), embora pode-se ver uma redução na taxa quando observada a série histórica avaliada. A taxa de mortalidade devido as causas perinatais foi a única que apresentou tendência de declínio ($R^2=0,8822$) (Figura 05 – CP).

Entre as causas externas, ainda vale destacar os acidentes de trânsito e transporte, uma vez que também está entre as mais frequentes da RS, porém, observa-se que esta causa não apresenta uma tendência definida, uma vez que mantém seus índices estáveis conforme pode ser verificado com a análise das taxas do período (Figura 05 – acidentes).

Observa-se na tabela 03 a Taxa Bruta de Mortalidade da 7ª RS do Estado e de seus respectivos municípios. Considera-se que esta taxa pode estar elevada devido às baixas condições socioeconômicas ou ainda ser reflexo de uma elevada proporção de pessoas idosas na população geral. No entanto, apesar do evidente crescimento observado da população idosa do Estado, acredita-se que a taxa bruta de mortalidade

também esteja sofrendo influência em seu crescimento devido ao grande número de óbitos prematuros ocorridos por acidentes e homicídios (Tabela 02).

Entre os municípios que compõem a 7ª RS, observa-se tendência de crescimento para taxa bruta de mortalidade para os municípios de Arapiraca ($R^2=0,4265$), Batalha ($R^2=0,7512$), Belo Monte ($R^2=0,8729$), Craíbas ($R^2=0,4416$), Limoeiro de Anadia ($R^2=0,5258$), São Sebastião ($R^2=0,9087$) e Taquarana ($R^2=0,7362$) (Figura 06). Para os demais municípios da RS não se observou tendência de aumento nem de declínio para este índice (Figura 06). É importante chamar atenção que o aumento desta taxa pode ser devido a uma baixa condição socioeconômica apresentada pela população.

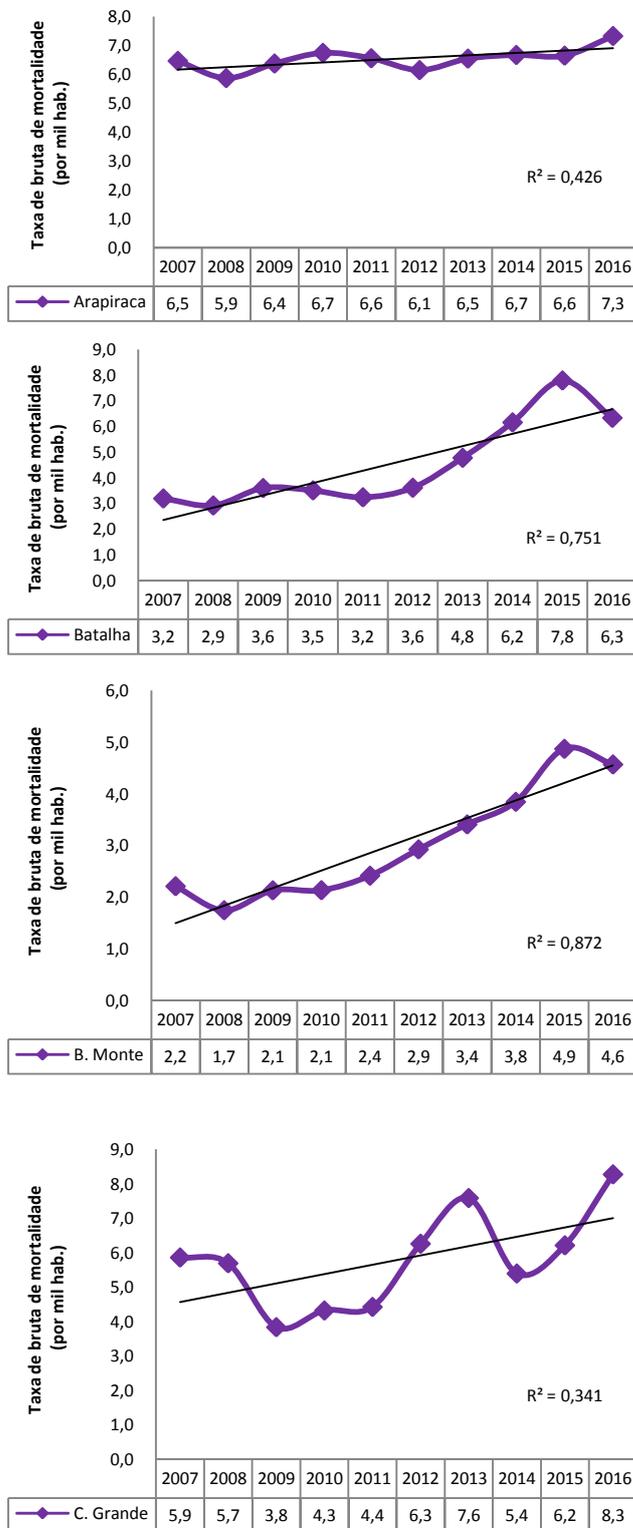
Os óbitos por causas externas representam para a 7ª RS do estado de Alagoas um prejuízo de mais de 180 mil anos de vida perdidos precocemente quando avaliados todos os óbitos ocorridos no período de 2007 a 2016. Avaliando especificamente os acidentes de transporte e homicídios, conclui-se que o impacto provocado pelos homicídios, no que se refere aos anos potenciais de vida perdido, é mais de duas vezes maior do que quando considerado os acidentes de transporte. Verificam-se na tabela 04 os anos potenciais perdidos de vida, a média de anos de vida perdidos por indivíduo e a média de idade que ocorreram os óbitos.

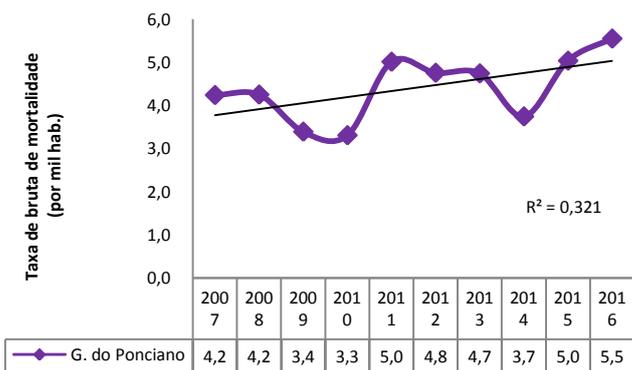
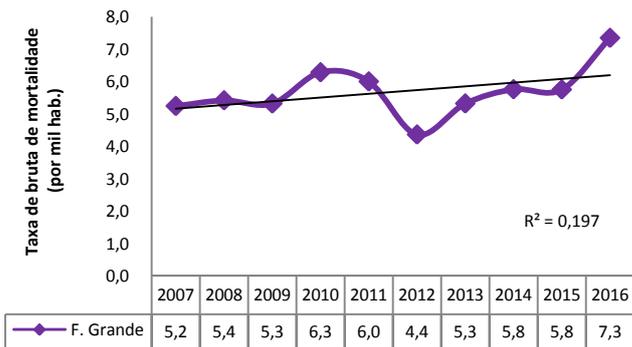
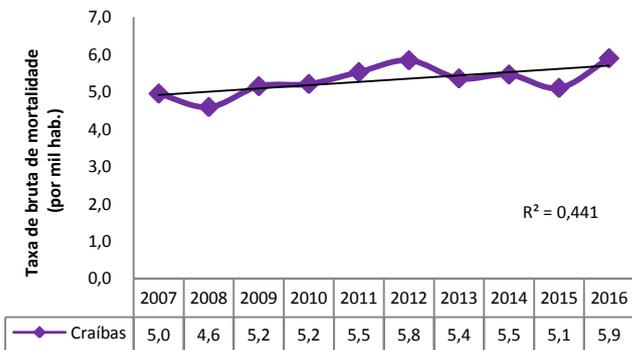
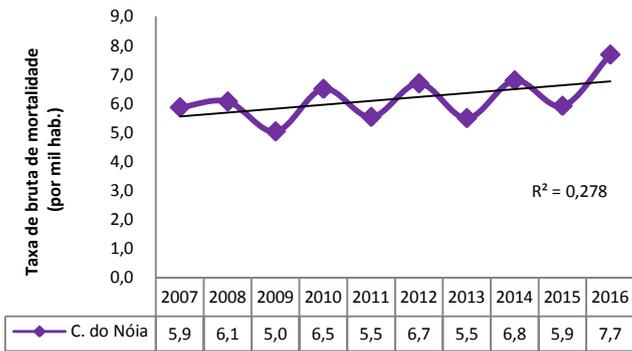
Tabela 03 – Taxa Bruta de mortalidade (por mil habitantes) observada na 7ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.

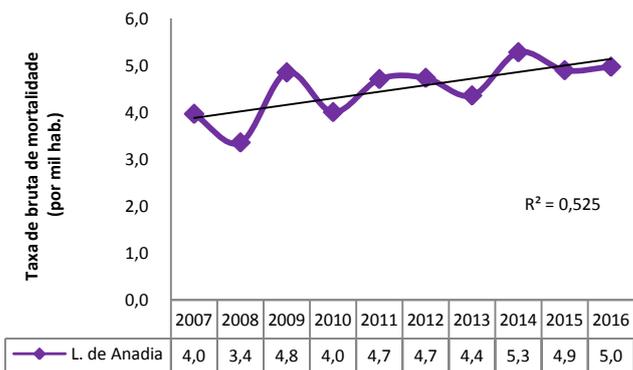
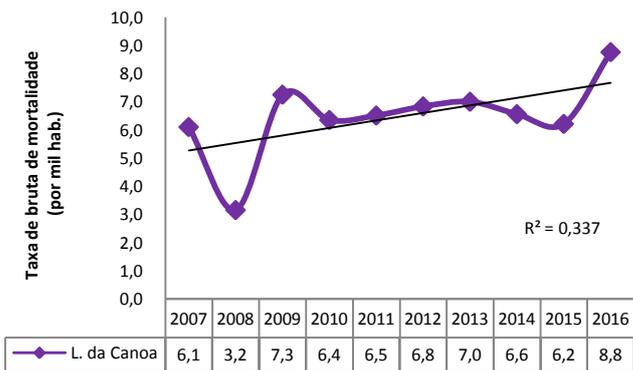
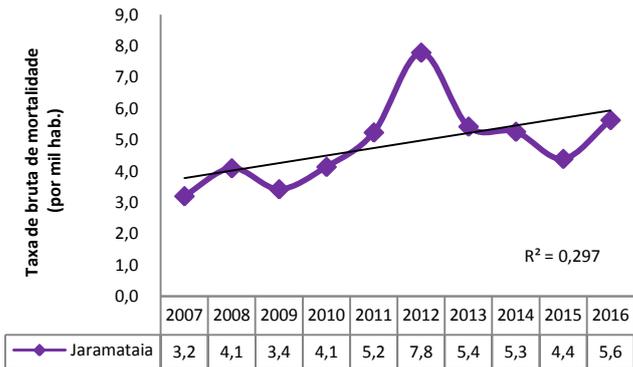
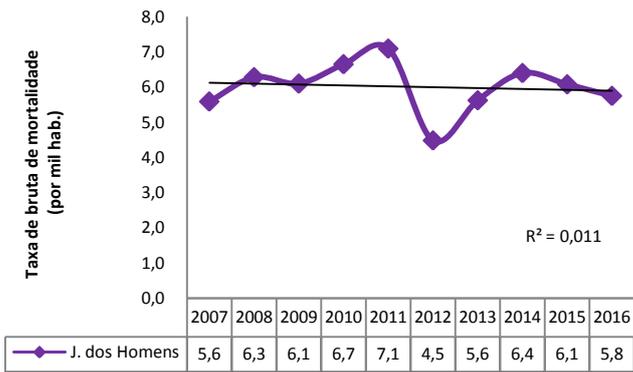
LOCALIDADE	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
7ª RS	5,5	5,0	5,6	5,7	5,8	5,7	6,0	6,0	6,2	6,7
Arapiraca	6,5	5,9	6,4	6,7	6,6	6,1	6,5	6,7	6,6	7,3
Batalha	3,2	2,9	3,6	3,5	3,2	3,6	4,8	6,2	7,8	6,3
Belo Monte	2,2	1,7	2,1	2,1	2,4	2,9	3,4	3,8	4,9	4,6
Campo Grande	5,9	5,7	3,8	4,3	4,4	6,3	7,6	5,4	6,2	8,3
Coité do Nóia	5,9	6,1	5,0	6,5	5,5	6,7	5,5	6,8	5,9	7,7
Craíbas	5,0	4,6	5,2	5,2	5,5	5,8	5,4	5,5	5,1	5,9
Feira Grande	5,2	5,4	5,3	6,3	6,0	4,4	5,3	5,8	5,8	7,3
Girau do Ponciano	4,2	4,2	3,4	3,3	5,0	4,8	4,7	3,7	5,0	5,5
Jacaré dos Homens	5,6	6,3	6,1	6,7	7,1	4,5	5,6	6,4	6,1	5,8
Jaramataia	3,2	4,1	3,4	4,1	5,2	7,8	5,4	5,3	4,4	5,6
Lagoa da Canoa	6,1	3,2	7,3	6,4	6,5	6,8	7,0	6,6	6,2	8,8
Limoeiro de Anadia	4,0	3,4	4,8	4,0	4,7	4,7	4,4	5,3	4,9	5,0
Major Isidoro	6,8	5,0	7,0	5,3	5,5	7,2	6,6	6,5	6,6	6,0
Olho d'Água Grande	5,0	4,6	7,1	4,4	4,2	2,6	6,2	5,0	7,9	6,6
São Sebastião	5,0	4,8	5,3	5,7	5,8	5,9	6,7	6,2	6,5	7,2
Taquarana	4,8	4,3	5,7	5,7	6,2	5,7	6,7	6,3	7,2	6,4
Traipu	4,2	4,8	4,8	4,9	4,4	4,4	4,4	4,4	5,1	4,4

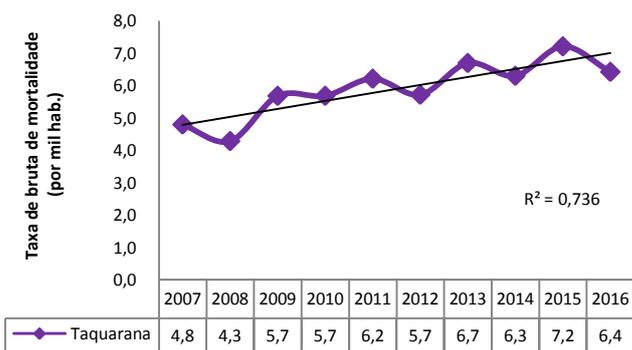
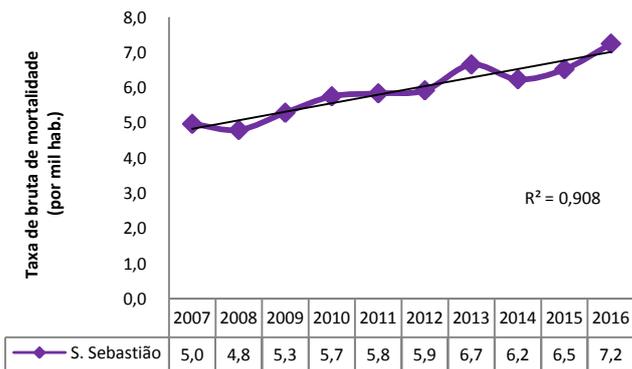
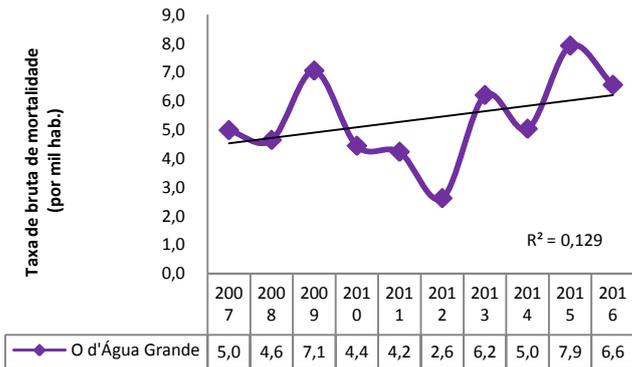
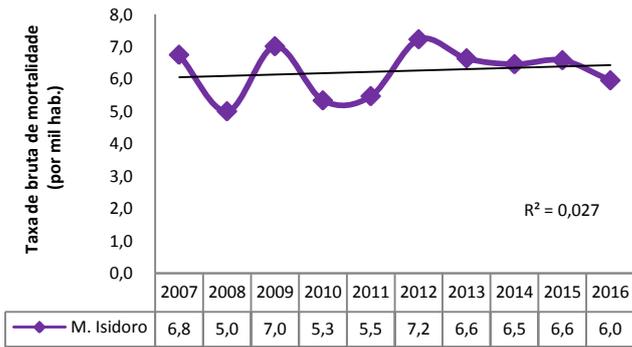
Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

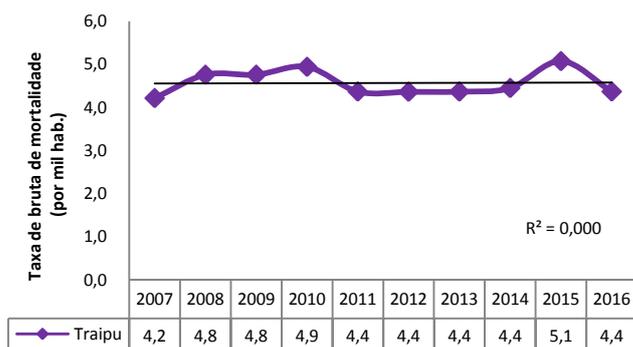
Figura 06 – Tendência temporal da taxa bruta de mortalidade (por mil habitantes) observada na 7ª Região de Saúde do estado de Alagoas, segundo seus respectivos municípios, período de 2007 a 2016.











Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

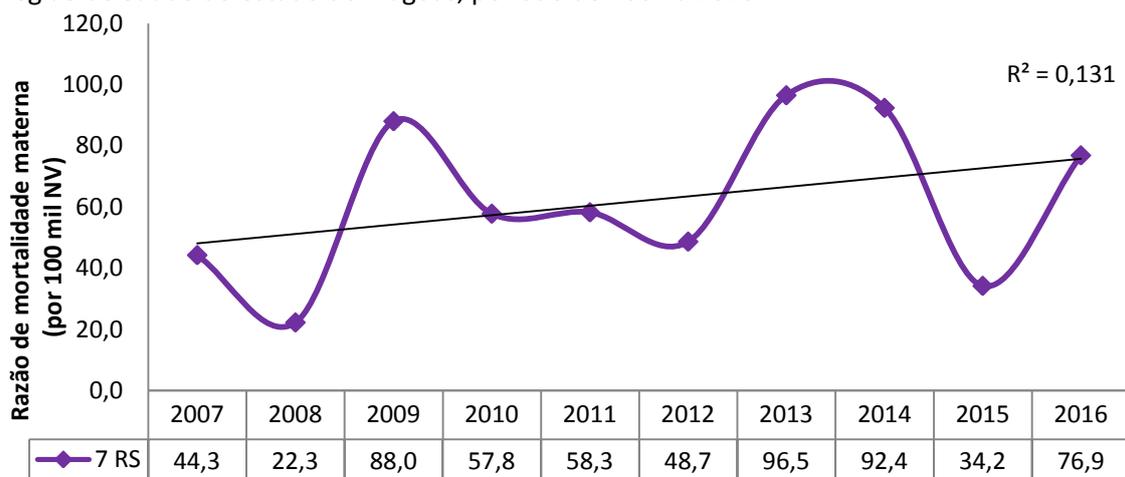
Tabela 04 – Anos potenciais de vida perdido segundo algumas causas de óbito observado na 7ª Região de Saúde do estado de Alagoas, referente aos óbitos acumulados do período de 2007 a 2016.

LOCALIDADE	ANOS POTENCIAIS DE VIDA PERDIDOS (APVP) - ANOS		
	APVP TOTAL	APVP MÉDIO	MÉDIA DE IDADE AO MORRER
Causas Externas	180.558,0	37,0	33,0
Homicídios	102.795,5	38,8	31,2
Doença do Aparelho Circulatório	45.273,0	14,7	55,3
Acidentes de Transporte	47.799,5	35,0	35,0
Câncer Primário	27.096,0	18,6	51,4
<i>Diabetes Mellitus</i>	9.317,5	12,5	57,5

Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

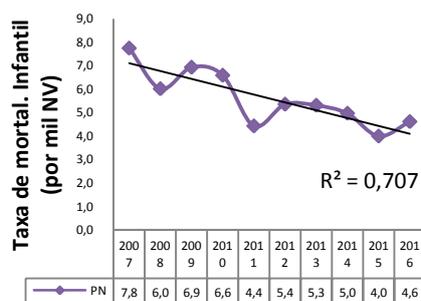
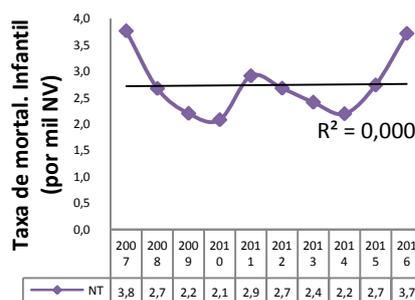
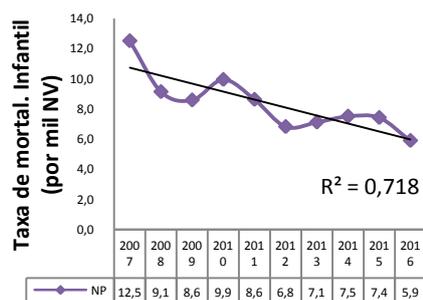
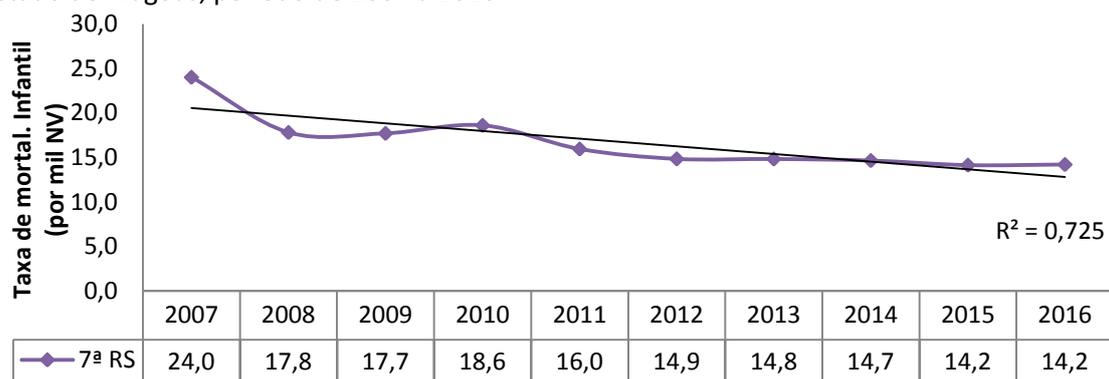
Na 7ª RS a Razão de Mortalidade Materna (RMM) não apresentou uma tendência definida quando avaliado o período 2007 a 2016, percebe-se uma grande variação no decorrer dos anos (figura 07). Em relação a mortalidade infantil, sua análise demonstra uma forte tendência de queda significativa quando avaliado o período (2007 a 2016) ($R^2=0,7252$). Dos componentes da TMI o Neonatal precoce e o Pós neonatal também apresentaram forte tendência de queda, já o componente neonatal tardio não apresentou tendência definida, inclusive com um aumento nos últimos dois anos avaliados(Figura 08).

Figura 07– Tendência temporal da Razão de Mortalidade Materna (RMM) observada na 7ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Sinasc - Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.

Figura08– Tendência temporal da Taxa de Mortalidade Infantil (TMI), segundo seus componentes: Neo Precoce (NP); Neo Tardia (NT); Pós Neonatal (PN). 7ª Região de Saúde do estado de Alagoas, período de 2007 a 2016.



Fonte dos dados de mortalidade: SIM / Sinasc - Tabulados em 13/07/2017 – Dados sujeitos a alterações.